



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
CAMPUS CAJAZEIRAS**

LÊUDA FERNANDES FERREIRA

**RETEXTUALIZAÇÃO DE MITOS E LENDAS: CONTRIBUIÇÕES PARA A
PRÁTICA DOCENTE NO 8º E 9º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

CAJAZEIRAS – PB

2019

LÊUDA FERNANDES FERREIRA

**RETEXTUALIZAÇÃO DE MITOS E LENDAS: CONTRIBUIÇÕES PARA A
PRÁTICA DOCENTE NO 8º E 9º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa do Mestrado Profissional em Letras – Profletras – da Universidade Federal de Campina Grande, *Campus* de Cajazeiras, na área de concentração *Linguagens e Letramentos*, linha de pesquisa *Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes*, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rose Maria Leite de Oliveira

CAJAZEIRAS – PB

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096

Cajazeiras - Paraíba

F383r Ferreira, Lêuda Fernandes.

Retextualização de mitos e lendas: contribuições para a prática docente do 8° e 9° anos do ensino fundamental / Lêuda Fernandes Ferreira. – Cajazeiras, 2019.

110f. : il.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Rose Maria Leite de Oliveira.

Dissertação (Mestrado em Letras - PROFLETRAS), UFCG/CFP, 2019.

LÊUDA FERNANDES FERREIRA

RETEXTUALIZAÇÃO DE MITOS E LENDAS: CONTRIBUIÇÕES PARA A
PRÁTICA DOCENTE NO 8º E 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

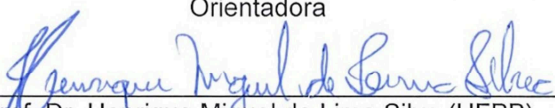
Dissertação apresentada ao Programa do Mestrado Profissional em Letras – Profletras – da Universidade Federal de Campina Grande, campus de Cajazeiras, na área de concentração Linguagens e Letramentos, linha de pesquisa Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em: 25/04/2019

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Rose Maria Leite de Oliveira (UFCG)
Orientadora



Prof. Dr. Henrique Miguel de Lima Silva (UFPB)
Examinador Externo



Profa. Dra. Maria de Nazareth de Lima Arrais (UFCG)
Examinadora Interna

Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa
Suplente

CAJAZEIRAS – PB

2019

“Deixo aqui para seu deleite as nossas lendas. Leia com atenção, procure situá-las no tempo e no espaço. Tire conclusões, procure levá-las para as salas de aula, para os palcos, nas mais diversas linguagens artísticas. As lendas são células vivas da nossa cultura popular e de nosso folclore. São tradições populares, narrações de caráter maravilhoso em que os fatos históricos soam deformados ou fantasiados pela imaginação do povo, dos poetas e dos cantadores e contadores de histórias e estórias, ora são enriquecidas pela imaginação popular, ou pelo sim, pelo não, simplesmente inventadas”.

Figueiredo, Maria Izabel Muniz (Bebela).

AGRADECIMENTOS

A Deus, que é meu refúgio, minha fortaleza, e que me fez acreditar que mesmo diante de muitos obstáculos, durante esta caminhada, concluiria com êxito mais um ciclo da minha vida.

Aos meus pais, José e Francisca, por sempre acreditarem na minha capacidade, incentivando desde cedo meu interesse pelos estudos, torcendo pelo meu sucesso profissional, além das orações constantes da minha mãe durante minhas viagens de Petrolina-PE a Cajazeiras-PB.

Ao meu esposo, Marcos Batista, pela paciência e cuidados com nossos filhos, quando precisei me ausentar para cursar o Mestrado, e pelas idas e vindas à rodoviária de Petrolina, durante madrugadas.

Aos meus filhos João Marcos e Luis Felipe, que aprenderam a lidar com minhas ausências, durante momentos importantes, como aniversários e comemorações escolares.

À minha orientadora Dr.^a Rose Maria Leite de Oliveira Leite, que respondeu às minhas inquietações, dando sugestões plausíveis para a realização desta pesquisa.

À professora e historiadora juazeirense Bebela, que participou da nossa pesquisa, nos recebendo carinhosamente e colaborando para a concretização deste trabalho.

Aos colegas da turma IV do PROFLETRAS, que me esclareceram dúvidas, disponibilizaram materiais para pesquisa e por estarem sempre me apoiando com uma palavra amiga. Em especial, a Caliana, ao Caio, a Gorete, a Patrícia, e minhas amigas e companheiras de quarto, Gabriela e Talita, com quem mantive maior contato.

À Dr.^a Maria de Nazareth de Lima Arrais e Dr. Henrique Miguel de Lima Silva, pelas contribuições para à melhoria desta pesquisa.

À coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (Capes) pela concessão de bolsa de estudos, que auxiliou nos custos das despesas do Mestrado.

A todos que, direta ou indiretamente, auxiliaram este trabalho, colaborando para a escrita de mais uma página do livro da minha vida.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar e descrever as práticas de produção textual em turmas de 8º e 9º anos de uma escola pública estadual do município de Petrolina – PE e o lugar ocupado nela para o trabalho com a retextualização a partir dos gêneros textuais lendas e mitos. A pesquisa realizada é de natureza aplicada, qualitativa e descritiva. É, ainda, classificada, quanto ao método, de pesquisa etnográfica, uma vez que o pesquisador coletou os dados em situações reais, buscando compreender como acontecem as práticas de produção textual, dentro da sala de aula, sobretudo, com gêneros rotineiros da vida dos aprendizes, a exemplo dos mitos e das lendas. Dos textos produzidos pelos sujeitos da pesquisa, num total de 59, foi analisada uma amostra de 04 produções do *corpus* coletado com vistas a buscarmos subsídios para a produção de uma Proposta de Intervenção para o professor de Língua Portuguesa. Além dos textos dos alunos, foi realizada a entrevista com um professor colaborador. Enquanto aporte teórico, tomamos como apoio os estudos sobre os processos de leitura e de escrita numa abordagem sociointeracionista, com base nas ideias de Antunes (2009), Koch e Elias (2011) e Geraldi (2012), que parece ser a mais apropriada para o desenvolvimento do trabalho interativo em sala de aula, uma vez que considera o texto como unidade básica de ensino. A análise dos dados demonstrou que a concepção de língua do professor contempla, ao mesmo tempo, uma abordagem tradicional e inovadora, visto que aplica uma metodologia de ensino a partir de conceitos gramaticais, mas também por meio dos diversos gêneros textuais. Quanto aos textos dos alunos, no que tange ao processo de retextualização, as produções analisadas demonstraram que os estudantes fazem uso efetivo de oito das nove operações de retextualização propostas por Marcuschi (2010), o que implica a validade de se trabalhar com tal procedimento para o desenvolvimento da competência escritora dos aprendizes da língua em sala de aula.

Palavras-chave: Retextualização. Abordagem interacionista. Gêneros textuais.

ABSTRACT

The purpose aims to analyze and to describe the textual production practices in eighth and ninth classes from the basic education in a state public school from Petrolina city in Pernambuco, and the place occupied on it for the work developed with the retextualization from the textual genres *legends* and *myths*. The study conducted contains an applied, qualitative and quantitative nature. Then, with regard to the method, it is classified as an ethnographic research, since the researcher collected the data in real situation working to understand how the textual production practices happen in classroom, mainly with the routine genres from the learners' life, for example the *myths* and the *legends*. From the 59 texts produced by the subjects of the research, it was analyzed a sample of 0 productions from the *corpus* collected with the aim to search subsidies for the production of a Proposal for Intervention to the Portuguese language teacher. In addition to the students' texts, it was conducted the interview with a compliant teacher. As the theoretical input, we use as support the studies about the reading and writing processes in a socio-interactionist approach, based on the ideas from the Antunes. Koch and Elias (2011) and Geraldi (2012) which seems the most appropriate to the development of the interactive work in classroom, since that they consider the text as the basic unit of the teaching. The date analyzed demonstrated that the teacher's conception about language contemplates, at the same time, a traditional and innovating approach, as long as it applies a teaching methodology from the grammatical concepts, but also through many textual genres. About the students' texts, concerning to the retextualization process, the productions analyzed demonstrated that the students use effectively eight from the nine retextualization' operations proposed by Marcuschi (2010), that involve the validity to work with this procedure for the development in classroom of the writing competence by the learners of the language.

Keywords: Retextualization. Textual genres. Interactionist approach.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Fachada da Escola NM – 06	31
Imagem 2 – Pesquisadora e Bebela na escola NM-06	35
Imagem 3 – Capa do Caderno Pedagógico	66
Imagem 4 – Professores da escola NM-06 e Bebela	106
Imagem 5 – Estudantes do matutino durante entrevista com Bebela	106
Imagem 6 – Aluna e Bebela	107
Imagem 7 – Aluno e Bebela	107

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Faixa etária dos estudantes do 8º Ano A.....	32
Gráfico 2 - Faixa etária dos estudantes do 9º Ano A.....	32

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Aspectos linguístico-textuais-discursivos	30
Figura 2 - Modelo de operações textuais-discursivas na visão de Marcuschi	37
Figura 3 - Retextualização da lenda do Nego D'água (ESTUDANTE 01, 8º ano A) ...	52
Figura 4 - Retextualização da lenda do Nego D'água (ESTUDANTE 02, 8º ano A) ...	55
Figura 5 - Retextualização da lenda do Nego D'água (ESTUDANTE 03, 9º ano A) ...	57
Figura 6 - Retextualização da lenda do Nego D'água (ESTUDANTE 04, 9º ano A) ...	59

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Concepções de linguagem na visão de Dorette e Beloti (2011).....	18
Quadro 2 - Usos das operações de retextualização: olhar interpretativo	51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CONCEPÇÃO DE LÍNGUA, LINGUAGEM E ENSINO	17
2.1 GÊNEROS TEXTUAIS E O ESTUDO DA LÍNGUA.....	20
2.1.1 Lendas e Mitos do rio São Francisco	23
2.2 RETEXTUALIZAÇÃO, UMA PROPOSTA POSSÍVEL	26
3 METODOLOGIA	29
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	29
3.2 LOCUS, SUJEITOS, UNIVERSO E CORPUS DA PESQUISA	31
3.3 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA	33
3.4 CATEGORIAS E CRITÉRIOS DE ANÁLISE	36
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	38
4.1 DA PRÁTICA DE ESCRITA DISCENTE: SOB A PERSPECTIVA DO PROFESSOR COLABORADOR.....	38
4.2 DO PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO: A ATUAÇÃO DISCENTE.....	48
4.2.1 Especificidades das operações de retextualização: olhar interpretativo....	52
5 SOBRE A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	64
5.1 CADERNO PEDAGÓGICO	64
5.1.2 Retextualizando Lendas e Mitos do Velho Chico no ambiente escolar.....	65
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS	102
APÊNDICES	104
APÊNDICE I - ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA BEBELA.....	105
APÊNDICE II - REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA COLETA DE DADOS	106
APÊNDICE III - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O PROFESSOR	108
ANEXOS	110
ANEXO I - PARECER DE APROVAÇÃO EMITIDO PELO CEP/UFMG/CFP	111

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo com vários meios de comunicação, a televisão, o jornal, os livros de conteúdo educacional e científico, a *internet*. Comunicamo-nos com diversos países, conhecemos diversas culturas, aprendemos acerca de diversos conhecimentos. Logo, estamos interligados por meio da leitura, da exposição aos diversos gêneros textuais orais e escritos, que todos os dias invadem nossas vidas.

Embora muitos estudantes brasileiros ainda apresentem desempenho abaixo da média em leitura, como apontam os últimos resultados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) — *Programme for International Student Assessment* —, da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), divulgados pelo Ministério da Educação, em dezembro de 2016¹.

Neste sentido, esses indicadores devem ser discutidos por todos os profissionais da educação, em especial, pelo professor de Língua Portuguesa, já que a mudança em âmbito social exige da escola uma formação cidadã do estudante, o qual seja capaz de interagir no contexto em que está inserido, sendo produtor e leitor competente de textos escritos em situações do cotidiano e em situações formais, por consequência, um sujeito participativo capaz de modificar a sociedade em que vive. E, para que isso aconteça, faz-se necessário que o professor escolha o melhor caminho para atingir esse objetivo, já que toda prática de ensino envolve uma escolha política do professor. E, quando se trata do ensino de Língua Portuguesa, a opção feita por ele implicará a reflexão do que ensina e para que ensina. Logo, a resposta para essa reflexão gira em torno da concepção de língua e linguagem defendida pelo docente.

Nessa perspectiva, entendemos que a concepção interacionista da linguagem seja a mais adequada para o uso em sala de aula, uma vez que considera a interação que ocorre entre os sujeitos do processo ensino-aprendizagem e utiliza o texto para o estudo da língua. Sendo assim, leva-se em consideração o contexto de

¹BRASIL. Ministério da Educação. **Avaliação Internacional**. Desempenho em leitura no Pisa ficou 80 pontos abaixo da média. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=42761>> Acesso em: 16 nov. 2017.

produção, a finalidade comunicativa e a forma como o texto é organizado na sociedade.

Reiteramos que os documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNLP), de (BRASIL, 2001), as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNEB), de (BRASIL, 2013), apontam que os discentes devem dominar os diversos textos orais e escritos que circulam na sociedade e sugerem formas de trabalhar os textos escritos a partir da visão sociointeracionista da língua.

Partindo dessa posição, entendemos que o trabalho com a retextualização, sugerido pelos documentos nacionais da educação, favorece o desenvolvimento de uma prática pedagógica através dos gêneros textuais, visto que esses permeiam as diferentes áreas do conhecimento e permitem uma relação de interação entre leitores e produtos de textos escritos. Para Marcuschi (2008, p.154), “é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Isso porque toda manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero”; esses seriam as formas de organizações que o texto apresenta no dia a dia. Portanto, não dá mais para pensar numa formação cidadã, sem levar em consideração a leitura e produção dos gêneros textuais que fazem parte da realidade do educando.

Nessa direção, é desafio do professor realizar atividades de leitura e produção textual em sala de aula, sendo capaz de tornar o aluno sujeito apto à leitura e produção de textos coerentes. Para isso, faz-se necessário um trabalho com os gêneros de forma significativa, já que muitos textos poderiam servir de base para o trabalho com a retextualização. Sabendo deste terreno fértil para o uso social com os textos, tomamos como foco de análise e discussão a compreensão e a retextualização da escrita a partir dos gêneros *lenda* e *mito*, histórias muito comuns no espaço no qual desenvolvemos tal investigação, a saber, a Escola Estadual Núcleo de Moradores 06, localizada no município de Petrolina - PE, na qual atuamos.

A motivação para o desenvolvimento da pesquisa surgiu da dificuldade apresentada pelos alunos para produção textual; por isso, acreditamos que foi de suma importância saber como acontece o trabalho de compreensão e produção nas turmas de 8º e 9º anos, para que, a partir da análise dos dados, pudéssemos elaborar um Caderno Pedagógico com propostas de retextualização a partir dos

gêneros textuais *lendas* e *mitos*, que poderão servir para o trabalho de escrita em sala de aula.

Assim, nossa reflexão surgiu de uma necessidade observada, no contexto escolar, que é o fato de muitos alunos chegarem ao final do Ensino Fundamental com dificuldades de compreender e produzir textos. Partindo de tal evidência, um dos questionamentos levantados nesta pesquisa foi: como acontece o trabalho de leitura e produção de textos nas aulas de Língua Portuguesa do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, na escola pública Escola Estadual Núcleo de Moradores 06, em Petrolina (PE), sob a perspectiva do docente? Relacionado a esta pergunta, questionamo-nos, ainda, se no processo de ensino-aprendizagem, havia espaço para o desenvolvimento de uma proposta de retextualização a partir dos gêneros textuais *lendas* e *mitos* sobre o rio São Francisco.

Sendo assim, para o desenvolvimento deste trabalho, optamos por trazer para sala de aula as histórias contadas e narradas pela professora juazeirense Maria Izabel Muniz Figueiredo, mais conhecida na região por Bebela. A historiadora é autora dos livros *Lendas e Mitos do rio São Francisco 1501 – 2011*, *Memória Sanfranciscana e outras histórias*, *Vale do São Francisco – Imagens e Histórias* e *Juazeiro de todas as artes*. Dentre as obras citadas, escolhemos *Lendas e Mitos do rio São Francisco 1501 - 2011*, pois entendemos que, através dela, é possível fazer um resgate da cultura local, já que o livro traz histórias que influenciam na construção da identidade dos ribeirinhos.

Por isso, acreditamos que, no processo de ensino-aprendizagem, há espaço para o desenvolvimento desta proposta, já que essas narrativas fazem parte do imaginário popular dos petrolinenses, sendo contadas e recontadas de geração em geração. Dessa forma, presumimos que um trabalho desta natureza seja capaz de promover uma formação cidadã ao estudante, já que considera o cotidiano em que está inserido, possibilitando também um passeio em outras áreas do conhecimento.

Presumimos que, durante o trabalho com produção textual, ainda, há muito a ser feito para que o aluno seja capaz de produzir outros gêneros textuais a partir do estudo de um texto base. Ou seja, parece que uma proposta de retextualização, que prepara o indivíduo para ler como um escritor, não tem ocupado tanto espaço no contexto escolar, já que, muitas vezes, os discentes não fazem uma reflexão sobre as diversas formas como os conhecimentos circulam na sociedade e os sentidos

produzidos pelos diferentes gêneros textuais, além de apresentarem dificuldades em produção.

Sendo assim, entendemos que, trabalhar retextualização é uma forma de preparar o indivíduo para compreender o texto lido e, a partir disso, produzir outros gêneros, contribuindo ainda para uma reflexão sobre as diversas formas como os conhecimentos circulam na sociedade e os sentidos produzidos por eles, além de ser um meio de aprender com a troca de experiências linguísticas e discursivas; enfim, atualizar outros conhecimentos, já que se estabelece uma ponte com outras disciplinas e rompe com a ideia de ensino fragmentado, no qual cada disciplina é trabalhada isoladamente, o que impede que os estudantes ampliem sua visão de mundo e estabeleçam um diálogo com outras áreas do conhecimento, possibilitando uma compreensão mais global dos saberes disponíveis na sociedade.

Nossa intenção é mostrar caminhos para que os professores trabalhem o texto e a retextualização de modo que o aluno apreenda não somente a forma, a estrutura, mas também que compreenda toda a construção do sentido, respeitando a estrutura, as normas gramaticais, as adequações linguísticas, sendo capaz de produzir novos textos a partir dos gêneros textuais estudados.

Nesse sentido, esta pesquisa trouxe como objetivo principal analisar as práticas de produção textual em turmas do 8º e 9º ano de uma escola pública estadual do município de Petrolina - PE e o lugar ocupado nela para o trabalho com a retextualização a partir dos gêneros textuais lendas e mitos, a fim de produzir material de apoio pedagógico para fins de formação continuada de professores com a temática da retextualização. Para atingirmos tal objetivo, traçamos como objetivos específicos: a) defender, à luz da concepção interativa de língua, o processo da retextualização da escrita para a escrita como ferramenta de trabalho com textos em sala de aula; b) selecionar o corpus de análise com base na retextualização de histórias contadas por Bebelá em *Momento com Bebelá*; c) relatar a prática de escrita e reescrita dos alunos do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, com base na entrevista dada pelo professor colaborador; d) descrever o processo de retextualização de histórias, realizado pelos alunos do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental.

O aporte teórico que sustenta esta investigação são os estudos que discutem o ensino de língua na perspectiva interativa, que dialoga com as ideias de Antunes (2009), Porto (2009), Koch e Elias (2011), Geraldi (2012) e os documentos oficiais

de (1998), (2001), (2013). Em relação à retextualização, baseamo-nos nos estudos de Dell'isola (2007), que propõem um trabalho a partir dos gêneros textuais, e Marcuschi (2008) e (2010), que traz como sugestão, o uso das nove operações para realizar o processo de retextualização. Além destes, alguns estudiosos sustentam a metodologia, dentre eles, destacamos Bortoni-Ricardo (2005) e Prodanov e Freitas (2013).

Em relação à organização textual, o trabalho está estruturado nos seguintes capítulos: *Introdução*, no qual contextualizamos o problema, apresentando dados de pesquisas internacionais e a importância das discussões desses resultados, com intuito de fazer uma reflexão acerca das atividades de compreensão e escrita desenvolvidas pelos professores de língua materna em sala de aula, visando à realização de uma proposta de retextualização.

Nesse sentido, sinalizamos para a relevância de uma abordagem interacionista da língua, já que os documentos oficiais comungam com essa ideia, indicamos os objetivos da pesquisa, e por último, destacamos as contribuições teóricas e estudos que subsidiaram a pesquisa.

O *Capítulo 2* está estruturado em: *Concepção de língua, linguagem e ensino*, no qual apresentamos nossa fundamentação teórica, subdividindo-se em: *Gêneros textuais e o estudo da língua, Lendas e Mitos do rio São Francisco e Retextualização, uma abordagem possível*.

No *Capítulo 3*, apresentamos a *Metodologia*, destacando aspectos como, a *Caracterização da pesquisa, Locus, sujeitos, universo e corpus* da pesquisa, *Técnicas e instrumentos da pesquisa*, e, por fim, destacamos as *Categorias e critérios de análise*, estabelecendo uma relação com os objetivos da pesquisa.

No *Capítulo 4*, expomos a *Análise e discussão dos dados*, primeiro, destacando as reflexões *Da prática de escrita discente: sob a perspectiva do professor colaborador*; segundo, trazemos a análise das produções retextualizadas pelos alunos, *Do processo de retextualização: a atuação discente*, com destaque para o uso das *Especificidades das operações de retextualização: olhar interpretativo*.

No *Capítulo 5*, apresentamos *Sobre a Proposta de Intervenção* a ser desenvolvida em sala de aula, por meio do *Caderno Pedagógico – Retextualizando lendas e mitos do Velho Chico no ambiente escolar*, que traz como sugestão, cinco propostas de retextualização para a produção dos novos gêneros: *história em*

quadrinhos, memórias literárias, peça teatral, conto moderno e conto de encantamento.

E no *Capítulo 6*, apresentamos as *Considerações Finais*, destacando os resultados da pesquisa e a relevância de o professor de língua portuguesa participar de formações continuadas sobre leitura e escrita, com ênfase no processo de retextualização, para ter subsídios teóricos no desenvolvimento de uma prática escolar transformadora. Em seguida, encontram-se as *Referências* que subsidiaram a realização desta pesquisa, os *Apêndices* com roteiro de perguntas para Bebelá, registros fotográficos da coleta de dados, roteiro de entrevista para o professor, além dos *Anexos*, contendo o Parecer de Aprovação Emitido pelo CEP/UFCG/CFP.

2 CONCEPÇÕES DE LÍNGUA, LINGUAGEM E ENSINO

Segundo Freire (1996, p.18), “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática”, pois é a partir dessa reflexão que o professor faz a mediação do conhecimento, passando a preocupar-se com o que ensina e de que forma ensina. Para Geraldi (2012), é a partir dessas escolhas que percebemos qual concepção de língua-linguagem influencia na metodologia usada pelo professor, como também notamos se a opção está voltada para o ensino tradicional ou interacionista da língua.

Percebe-se, aqui, que nenhuma escolha é neutra, e em se tratando do ensino de língua materna, essa neutralidade também não existe, uma vez que a concepção de linguagem escolhida pelo professor implicará numa escolha de língua e consequentemente numa forma de ensino.

Partindo desse pressuposto, citamos três concepções de linguagem que, consciente ou não, o professor utiliza em sala de aula. De acordo com Koch e Elias (2011), a primeira vê a língua como representação do pensamento na qual o sujeito constrói o sentido do texto a partir do pensamento do autor. Dessa forma, o texto é visto como um produto do pensamento. Nele, o leitor só precisa interpretar as intenções pretendidas pelo autor, para Geraldi (2012, p. 41), “[...] essa concepção ilumina, basicamente, os estudos tradicionais. Se concebemos a linguagem como tal, somos levados a afirmações – correntes – de que pessoas que não conseguem se expressar não pensam.”.

Na segunda concepção, conforme Koch e Elias (2011), o aspecto que é levado em consideração é o texto, nessa abordagem a língua é vista como um código e o texto será um produto de decodificação, sendo assim, a leitura exige do leitor o foco apenas no texto. Dialogando com essa ideia, Geraldi afirma que (2012, p.41), “A linguagem é instrumento de comunicação: essa concepção está ligada a teoria da comunicação e vê a língua como código (conjunto de signos que se combinam segundo regras) capaz de transmitir ao receptor certa mensagem.”.

Já a terceira concepção de linguagem, a sociointeracionista, tratada por Koch e Elias (2011) como interacional, leva em consideração a relação dialógica da língua. Nela, o sujeito é visto como autor social e ativo do conhecimento, ou seja, os sentidos do texto são construídos a partir da interação entre interlocutores e o próprio texto; por isso, a leitura e a escrita são consideradas atividades interativas

responsáveis pela produção de sentido. Assim sendo, na hora da leitura e da escrita são consideradas as experiências do leitor e ela exige dele uma interpretação mais complexa que a pura decodificação. Desse modo, os interlocutores e o texto são essenciais para a construção dos sentidos.

Considerando tal pensamento, a terceira concepção de linguagem parece ser a mais apropriada para a formação cidadã, porque ela permite uma prática na qual os interlocutores participam do processo de interação e são responsáveis por construir sentidos a partir do uso da palavra. Assim, é essencial que essa abordagem seja vivenciada na prática, mediante a formação continuada dos professores, com o intuito de que possam fazer uma reflexão sobre a realidade para modificá-la, já que estão envolvidos no processo de ensino-aprendizagem em sala de aula.

Logo, é relevante apresentar o conhecimento teórico aos professores de forma organizada, discutir com eles sobre esses conhecimentos, para que entendam como influenciam nas escolhas pedagógicas e como é possível modificar uma prática, que tem se mostrado ineficaz, visto que os alunos concluem o Ensino Fundamental e, ainda, apresentam dificuldades básicas em leitura e produção textual. Cientes disso, apresentamos a seguir um quadro, na visão de Dorette e Beloti (2011, apud SANTOS, 2016, p. 13-14), com as concepções de linguagem, conhecimento de suma relevância para uma prática transformadora no contexto escolar:

Quadro 01 - Concepções de linguagem na visão de Dorette e Beloti (2011)

	CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM	CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM	CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM
CONCEITOS SUBJACENTES	EXPRESSION DO PENSAMENTO	INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO	PROCESSO DE INTERAÇÃO
CARÁTER DA LÍNGUA	Homogêneo e invariável	Homogêneo e invariável	Heterogêneo e variável
GRAMÁTICA	Prescritiva: conjunto de regras que devem ser seguidas, para garantir o êxito na escrita e na fala.	Descritiva: conjunto de regras que são seguidas. É uma produção em grupo, que descreve as regras utilizadas pela sociedade, na qual cada sujeito, individualmente, busca o código adequado à situação.	Internalizada: conjunto de regras que o falante domina e utiliza para interagir com os demais interlocutores nas situações reais de comunicação. Considera-se a gramática como contextualizada
FUNÇÃO DA LÍNGUA	Exteriorizar um pensamento, ou seja, materializá-lo gráfica	Transmitir (codificar) informações, portanto, há o predomínio do tu.	Realizar ações, agir sobre o outro e, dessa forma, o predomínio

	ou fonicamente, com o predomínio do eu.		está nas interações verbais sociais.
SUJEITO	A linguagem é considerada dom, o sujeito pode controlar o êxito e a boa comunicação, logo, é “consciente” e “individual”.	A linguagem é competência, o sujeito, determinado e assujeitado, ao codificar sua mensagem, espera que seu receptor a decodifique exatamente da maneira que foi intencionalizada.	A linguagem é interação, o sujeito psicossocial, ativo na produção de sentidos, construído na e pela linguagem, passa a ocupar posições sujeito determinadas.
TEXTO E SENTIDO	Texto: produto pronto e acabado, dependente da capacidade de criatividade individual, ligado à retórica. Sentido: único.	Texto: modelo a ser seguido. Sentido: único.	Texto: é o próprio lugar da interação, produzindo sentido conforme a situação. Sentido: polissêmico.
PRODUÇÃO	Colocar o pensamento em forma de linguagem e seguir as regras impostas pela gramática tradicional.	Seguir os modelos já existentes, baseados nas tipologias textuais: narração, descrição e dissertação.	Interagir com os demais sujeitos, a partir de reais necessidades, com finalidade, interlocutores e gênero discursivo definidos.
UNIDADE BÁSICA DE ANÁLISE	Palavra	Frase	Texto
PRINCIPAIS ATIVIDADES DE ENSINO	Classificação de palavras; análise lógica; regras gramaticais.	Seguir o modelo; preencher lacunas; repetir, treinar; centro nas estruturas da língua.	Leitura; produção de textos; análise linguística; oralidade.
OBJETIVO AO ENSINAR	Atividades Metalinguísticas para dominar a norma culta: estudo das regras e nomes.	Atividades Metalinguísticas para reconhecer as estruturas da língua e segui-las.	Atividades Epilinguísticas e Metalinguísticas para promover o desenvolvimento das habilidades linguísticas e discursivas.
ORALIDADE	Não é considerada e é entendida como idêntica à escrita.	Começa a ser considerada, em uma abordagem sincrônica, mas ainda há uma predominância da língua escrita	Tida como tão importante quanto a escrita, já que a adequação de ambas depende da situação real de interação comunicativa.

Fonte: DORETTO & BELOTI (2011).

Partindo desses conhecimentos, os professores podem avançar no que se refere à metodologia do ensino da língua, sendo capazes de escolher conscientemente a concepção de linguagem que prepara o aluno para torna-se sujeito no contexto no qual está inserido; por isso, reafirmamos que a terceira concepção de linguagem parece ser a mais apropriada para o desenvolvimento do trabalho interativo em sala, considerando o texto, bem como os gêneros que o

materializam, como ponto de partida para o desenvolvimento do trabalho com leitura e produção escrita, conforme veremos.

2.1 GÊNEROS TEXTUAIS E O ESTUDO DA LÍNGUA

Considerando o texto como unidade básica de ensino, deparamo-nos com uma infinidade de gêneros os quais circulam em todos os ambientes sociais, possuem uma estrutura na sua organização e têm um propósito comunicativo. Por isso, o trabalho em sala não pode ser artificial, desvinculado dos usos reais desses gêneros, sendo somente de apresentação; pelo contrário, deve ser uma proposta de ensino planejada, que leve em consideração os conhecimentos trazidos pelos estudantes, momentos de leitura e compreensão, além de oportunizar aos alunos espaços para discussões e produção textual de outros gêneros.

Para Marcuschi (2008), o estudo dos gêneros textuais não é algo novo; entretanto, o que temos de novo é abordagem dada ao tema, já que, antes, o trabalho com o texto limitava-se ao estudo das tipologias, que não dava conta das diversas formas de comunicação exigidas pela sociedade; surge, a partir daí, a necessidade em trabalhar com os gêneros, já que toda comunicação acontece a partir deles. Para o autor:

Na realidade, o estudo dos gêneros textuais é uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para o funcionamento da língua e para as atividades culturais e sociais. Desde que não concebamos os gêneros como **modelos estanques** nem como **estruturas rígidas**, mas como **formas culturais e cognitivas de ação social** corporificadas de modo particular na linguagem, veremos os gêneros como atividades dinâmicas. (MARCUSCHI, 2011, p.18, grifo do autor).

Desse ponto de vista, consideramos o conhecimento como um todo, possibilitando ao aluno a oportunidade de dialogar com outras áreas do saber, algo possível nas aulas de Português, uma vez que o estudo dos dois gêneros abre um leque de possibilidades, como conhecer o espaço geográfico e os conhecimentos históricos das narrativas, e também os saberes artísticos, que envolvem a presença

de esculturas de mitos nas cidades ribeirinhas, começando assim o processo de compreensão de tais narrativas para chegar a suas retextualizações.

Nesse sentido, procuramos estudar o gênero nessa perspectiva dinâmica, levando em consideração o sujeito e o contexto em que está inserido, priorizando os fatores sociais e históricos para o desenvolvimento de uma proposta com o processo de retextualização, visto que os gêneros *lenda* e *mito* se configuram no seio desta investigação como importantes narrativas para o conhecimento da língua e a para aquisição e o debate de saberes e temas vivenciados pelos aprendizes em diversas situações escolares e não escolares.

Ainda sobre o estudo dos gêneros textuais, Dell'Isola (2007) afirma que:

A identidade, os relacionamentos e o conhecimento dos seres humanos são determinados pelos gêneros textuais a que estão expostos, que produzem e consomem. O estudo dos gêneros possibilita a exploração de algumas regularidades nas esferas sociais em que são utilizados. Por isso, qualquer profissional da área de ensino de língua deveria levar em conta esse aspecto no trabalho com o aprendiz. (DELL'ISOLA, 2007, p. 24).

É nessa perspectiva que o professor pode trazer os gêneros *lenda* e *mito* para o contexto escolar, já que essas narrativas possibilitam o trabalho com cultura popular, que desperta o imaginário de leitores e produtores de textos, possibilitando um diálogo com tema como preservação ambiental e um resgate da cultura local, por meio de histórias que são transmitidas de uma época para outra, por meio da oralidade.

Cientes disso, defendemos uma proposta de ensino a partir dos gêneros *lenda* e *mito* que fazem parte da cultura do Vale do São Francisco. Já que, no que diz respeito à diversidade de textos que circulam na região, é comum encontrarmos outros gêneros como letras de músicas, a retomada dessas *lendas* e *mitos* etc., a exemplo da música *Juazeiro e Petrolina*, do grupo de rap *P1 Rappers*, da cidade de Juazeiro (BA), que canta os seguintes versos: “*Um povo misterioso cheio de superstição / Protegem com carrancas a casa e a embarcação*”.

A carranca é uma escultura feita de madeira que, segundo a lenda, era colocada na proa das embarcações, para proteger os barqueiros contra as tempestades e assustar os animais que moravam nas profundezas do rio São

Francisco. Atualmente, essa escultura é muito usada em casas, como objeto ornamental e, em repartições públicas, serve como amuleto.

Neste contexto, os gêneros textuais possibilitam ao aluno ter acesso às diversas formas de uso da língua, considerando-os como sujeitos envolvidos no processo de comunicação, que utilizam os gêneros com determinados objetivos, além de uma organização linguística textual.

Segundo Marcuschi (2011, p. 19), “[...] **precisamos da categoria gênero** para trabalhar com a língua em funcionamento com critérios dinâmicos, de natureza ao mesmo tempo social e linguística. [...]”, por isso, é relevante considerar essa dinamicidade do gênero na hora da leitura e produção textual, buscando compreender o contexto social de produção e saber quais elementos linguísticos devem ser usados, visto que esses aspectos interferem no efeito de sentido pretendido. Ainda, de acordo com o autor, os gêneros:

[...] não são classificáveis como formas puras, nem podem ser catalogados de maneira rígida. Devem ser vistos na relação com as práticas sociais, os aspectos cognitivos, os interesses, as relações de poder, as tecnologias, as atividades discursivas e no interior da cultura. Eles mudam, fundem-se, misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional. (MARCUSCHI, 2011, p. 19).

Como podemos observar os gêneros não são vistos, como estruturas engessadas, com classificação definida como única, pelo contrário, são ativos e construídos socialmente para atender os anseios dos sujeitos que deles utilizam, por isso, não dá para desvincular o gênero do seu contexto de produção, e buscando cumprir com seu papel, passam por modificações e mesclam-se com outros textos, o que interfere muitas vezes na sua organização.

Sendo assim, entendemos ser de suma relevância, que o professor trabalhe a linguagem, no contexto escolar, a partir do uso dos gêneros textuais, sejam eles orais ou escritos, pois como afirma Marcuschi (2008), toda manifestação comunicativa ocorre por meio do texto, e já que os gêneros são textos, não podemos pensar no ensino de língua, sem o uso do gênero.

Logo, o planejamento de um trabalho, a partir dos diversos gêneros textuais, deve considerar aspectos como as mudanças históricas realizadas ao longo do tempo, as variações ocorridas em diferentes contextos, além da compreensão de

elementos linguísticos subtendidos. Dessa forma, consideramos que o trabalho com os gêneros *lendas* e *mitos*, possibilita aos estudantes a prática do ouvir e contar histórias, que perpassa o tempo e auxilia na construção de identidades. Por isso, dentre diversos gêneros, selecionamos as histórias regionais do Velho Chico, para o desenvolvimento de um trabalho no ambiente escolar.

2.1.1 *Lendas e Mitos do rio São Francisco*

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL, 2001), diversos gêneros podem integrar o trabalho de leitura e escrita em sala de aula; entretanto, a decisão final é do professor. Cabe-lhe selecionar esses gêneros textuais e organizar situações didáticas adequadas para a realização de uma proposta em sala de aula. Sendo assim, os Parâmetros orientam o trabalho com os seguintes gêneros:

Gêneros adequados para o trabalho com a linguagem escrita:

- receitas, instruções de uso, listas;
- textos impressos em embalagens, rótulos, calendários;
- cartas, bilhetes, postais, cartões (de aniversário, de Natal, etc.), convites, diários (pessoais, da classe, de viagem, etc.);
- quadrinhos, textos de jornais, revistas e suplementos: títulos, lides, notícias, classificados, etc.;
- anúncios, *slogans*, cartazes, folhetos;
- parlendas, canções, poemas, quadrinhas, adivinhas, trava-línguas, piadas;
- Contos (de fadas, de assombração, etc.), mitos e lendas populares, folhetos de cordel, fábulas;
- Textos teatrais;
- Relatos históricos, textos de enciclopédia, verbetes de dicionário, textos expositivos de diferentes fontes (fascículos, revistas, livros de consulta, didáticos, etc.). (BRASIL, 2001, p. 111-112).

Diante dessa orientação, reforçamos a ideia de trabalhar com os diversos gêneros textuais no ambiente escolar, já que circulam em nossa sociedade e apresentam diferentes objetivos, que vão desde o instruir (receitas e listas), o relatar (notícias e relato histórico) e o expor (verbetes de dicionário e textos de enciclopédia), até chegar ao narrar (contos, mitos e lendas populares). Por isso, é importante que ao longo da vida escolar, os estudantes dominem esses gêneros e possam utilizá-los no seu contexto social.

Considerando os gêneros literários ficcionais - narrativas, resolvemos trazer, como sugestão uma abordagem das *lendas* e *mitos* do rio São Francisco, narradas pela historiadora Maria Izabel Muniz Figueiredo (Bebela), para o contexto das aulas de língua portuguesa, pois entendemos que o contato com essas narrativas é enriquecedor para os estudantes, já que possibilitará ao aluno ter acesso à cultura local, conhecendo melhor às históricas que povoam o imaginário dos moradores da região, tornando-se imprescindível para a valorização da sua própria cultura.

Nesse sentido, é crucial, no entanto, que o professor saiba conceituar adequadamente os gêneros *lenda* e *mito*. De acordo com o Dicionário de Termos Literários, a *lenda* pode ser definida como:

[...] toda narrativa em que um fato histórico se amplifica e se transforma sob o efeito da imaginação* popular. Não raro, a veracidade se dissipa no correr do tempo, deixando substituir apenas a versão folclórica dos acontecimentos. A lenda distingue-se do mito* na medida em que este não deriva de acontecimentos e faz apelo ao sobrenatural. O vocábulo “lenda”, assim como “legenda”, também denominava, na Idade Média, os relatos que continham vidas de santos [...] (MOISÉS, 2013, p. 268).

Partindo dessa ideia, percebemos que a narrativa *lenda* está relacionada aos acontecimentos históricos de uma dada comunidade, podendo sofrer acréscimo ou modificações a partir do imaginário da população. À medida que são narrativas contadas de uma geração para outra, com o passar tempo, ganham novas versões, nas quais a verdade desaparece, restando somente os fatos folclóricos.

Já em relação ao gênero *mito*, ele não surge a partir do que ocorre numa comunidade e tem uma relação com o sobrenatural, podendo ser conceituado da seguinte forma:

O mito conta uma história sagrada, quer dizer, um acontecimento primordial que teve lugar no começo do Tempo, ab initio . Mas contar uma história sagrada equivale a revelar um mistério, pois as personagens do mito não são seres humanos: são deuses ou Heróis civilizadores. [...] O mito é pois a história do que se passou in illo tempore, a narração daquilo que os deuses ou os Seres divinos fizeram no começo do Tempo. “Dizer” um mito é proclamar o que se passou ab origine. Uma vez “dito”, quer dizer, revelado, o mito torna-se verdade apodítica: funda a verdade absoluta. (ELIADE, 1992, p. 50).

Para Brandão (2015, p. 38), “o mito é sempre uma representação coletiva, transmitida através de várias gerações e que relata uma explicação do mundo. Mito é, por conseguinte, a *parole*, a palavra “revelada”, o dito”, que surgiu para explicar o comportamento humano, as origens de muitos fenômenos naturais e está relacionado a uma tradição. Já que os personagens são deuses, heróis ou seres divinos, não há uma explicação lógica para o mito, assim como não podemos afirmar que se trata de uma mentira.

Nesse entendimento, o mito quando apresentado, passa a ser verdade, procurando explicar um acontecimento, por meio de histórias. A exemplo, destacamos o surgimento do rio São Francisco, que segundo a lenda, contada por Figueiredo (2011), nasceu das lágrimas da Iraty. Uma índia que vivia muito feliz, em sua tribo, localizada próxima a serra da Canastra, Minas Gerais, até que se apaixonou por um bravo guerreiro de outra tribo, o qual, mesmo jurando amor a indiazinha, teve que partir para uma batalha. Iraty, com saudade, todas as tardes, subia na Serra da Canastra, onde tinha uma poça d’água, a espera do seu amado, até que um dia recebeu a notícia que ele não voltaria.

Não segurando as lágrimas, Iraty encheu a poça d’água, que transbordou, suas águas foram descendo e deu origem ao rio São Francisco. Dessa forma, Brandão (2015, p. 44, apud MALINOWSKI), afirma que “[...] O mito é um ingrediente vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é, ao contrário, uma realidade viva, à qual se recorre incessantemente [...]”.

Portanto, percebemos que essas histórias são essenciais para reviver a memória coletiva, pois há muito tempo, fazem parte do imaginário popular, trazendo verdades sobre civilizações e preservando tradições da cultura de um povo. Em relação às *lendas* e *mitos* do rio São Francisco, são narrativas que podem despertar nos estudantes o sentimento de pertencimento a região Sanfranciscana, além de avivar a cultura local em gerações futuras. Diante disso, entendemos que é relevante levar essas narrativas para sala de aula, oportunizando aos alunos momentos de escuta, leitura e produção de novos textos a partir do processo de retextualização.

2.2 RETEXTUALIZAÇÃO, UMA PROPOSTA POSSÍVEL

Para Marcuschi (2010), na realização da retextualização, muitos aspectos devem ser considerados, dentre eles, os processos da produção oral para chegar à produção escrita, em que há adaptações e reestruturações quando se retextualiza um texto. Por isso, o ato de escrever é considerado difícil, já que exige pré-escritura, reescritura, passando por várias etapas.

Sobre o processo de retextualização, Dell'Isola (2007, p.10), afirma que:

Por retextualização entende-se o processo de transformação de uma modalidade textual em outra, ou seja, trata-se de uma refacção e reescrita de um texto para outro, processo que envolve operações que evidenciam o funcionamento social da linguagem.

Ciente disso, o docente pode reconhecer que o aluno melhora na escrita quando ele exercita. Por isso, para falar de escrita e reescrita de textos, é importante que o discente pratique muito a ação de “escrever”, pois, segundo Dell'isola (2007), na retextualização dos gêneros, leva-se em consideração o processo de reescrita. Sendo assim, há duas etapas planejadas que são: a leitura e compreensão dos textos e a reescrita. Em relação ao estudo da retextualização, a autora considera os gêneros trabalhados, os procedimentos seguidos e a produção final do aluno.

Nesse contexto, para o professor que gosta de desafios, utilizar a retextualização como recurso pedagógico da escrita para a escrita, da oralidade para escrita, reescrevendo-os ou passando-os para um gênero diferente, é um bom mecanismo para desenvolver as habilidades de leitura e escrita dos alunos. Dessa forma:

A *retextualização* [...] não é um processo mecânico, já que a passagem da fala para a escrita não se dá naturalmente no plano dos processos de textualização. Trata-se de um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem-compreendidos da relação oralidade-escrita. (MARCUSCHI, 2010, p.46, grifo do autor).

Logo, o processo de retextualização exige dos produtores de textos uma compreensão das diferenças entre oralidade e escrita, para que os estudantes saibam produzir novos textos considerando os propósitos comunicativos, ou seja,

não se trata de uma mera transcrição da oralidade para escrita, para retextualizar o estudante precisa compreender o gênero que será retextualizado e selecionar escolhas linguísticas que deem conta dos sentidos pretendidos.

Segundo Dell'Isolda (2007, p. 38-39), há necessidade de retextualizar, porque “é possível que um mesmo tema seja apresentado por meio de diferentes gêneros textuais, assim como são recriadas novos textos os quais podem se modificar, se transformar, sem nunca deixarem de conter elementos de textos precedentes”. Sendo assim, cabe aos educadores tomar o texto como elemento de ensino em sala de aula, com o objetivo de explorar as diferentes possibilidades de organização de uma temática por meio de vários gêneros.

Dessa maneira, a necessidade de produzir textos em vários gêneros e suas retextualizações são de uso constante no nosso cotidiano; portando, o aluno pode desenvolver várias competências mediante o processo de escrita, inclusive, para que se perceba que a retextualização pode também ser reescrever (refazer) um texto adequando-o ao público leitor. Sendo assim, a tarefa de retextualizar é uma oportunidade que os alunos têm de colocar os conhecimentos aprendidos em prática.

Observa-se, então, que compreensão do texto, juntamente com os conhecimentos prévios dos leitores e os aspectos socioculturais, em relação às informações apresentadas e o que o aluno já domina, podem dificultar o processamento de inferências e comprometer a focalização, levando a fugas do tema no texto, por isso, deve-se levar em consideração que a retextualização não é somente a passagem de um texto para outro, mas um processo de reescrita.

Diante disso, percebe-se que retextualizar é essencial para a produção textual, observando-se que, para que tal processo se dê da maneira mais adequada, fazem-se necessárias a reescrita e a reorganização das ideias. Sendo assim, a autora afirma que:

Se o texto não é uma unidade auto-suficiente e autônoma em si mesma, há sempre a interdependência de um determinado texto em relação a outros já produzidos ou em processo de construção, sejam eles orais ou escritos. Esse processo de retomada constitui um dos princípios essenciais da própria sobrevivência textual, enquanto prática necessária à existência das relações humanas. (DELL'ISOLA, 2007, p. 38).

A autora se volta mais para a retextualização com base em gêneros, modificando um texto de um gênero para outro, mas não descarta a possibilidade da retextualização através da reescrita, adequando o necessário para que o texto fique pronto e seja compreendido por quem o lê. Também acrescenta que os textos circulam socialmente com finalidades definidas e suas estruturas dependem de uma infinidade de fatores, que vão desde as escolhas linguísticas até os suportes físicos que os sustentarão, por isso, insiste-se aqui na relevância de que haja investimento em propostas de produzir, na escola, diversos gêneros textuais. E, para essas produções, é relevante considerar que:

Existe, porém, uma concepção segundo a qual a escrita é vista como produção textual, cuja realização exige do produtor a ativação de conhecimentos e a mobilização de várias estratégias. Isso significa dizer que o produtor, de forma não linear, “pensa” no que vai escrever e em seu leitor, depois escrever, lê o que escreveu, revê ou reescreve o que julga necessário, em um movimento constante e on-line guiado pelo princípio interacional. (KOCH; ELIAS, 2014, p. 34).

Nesse entendimento, as autoras consideram que o produtor de textos leva em consideração o processo de interação, já que se preocupa com o leitor, passando a planejar estratégias de escrita, que vão desde a organização das ideias, até chegar ao texto redigido, que continuará sendo revisado, ou seja, o aluno faz a leitura do que já escreveu e reescreve, buscando cumprir os objetivos pretendidos e fazendo alterações necessárias para ser compreendido pelo seu interlocutor.

Portanto, o processo de reescrita é imprescindível no desenvolvimento de um trabalho com produção textual, uma vez que, a partir dele, o estudante aprende a aprimorar seu texto, utilizando diferentes estratégias, tais como escolha do gênero, que implica numa organização textual, formas de dizer, selecionar um vocabulário que atenda aos interesses pretendidos.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos a metodologia que norteou a pesquisa em tela, mostrando a caracterização da pesquisa, neste caso, etnográfica e qualitativa.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa é de natureza aplicada, qualitativa e descritiva. É, ainda, classificada, quanto ao método, de pesquisa etnográfica, uma vez que os colaboradores participam ativamente da coleta dos dados em situações reais. Segundo Bortoni-Ricardo (2005, p. 237), a pesquisa etnográfica tem como objetivo “o desvelamento do que está dentro da ‘caixa preta’ na rotina dos ambientes escolares, identificando processos que, por serem rotineiros, tornam-se ‘invisíveis’ para os atores que deles participam.”.

Quanto à abordagem qualitativa, Prodanov e Freitas (2013, p.70) afirmam que essa:

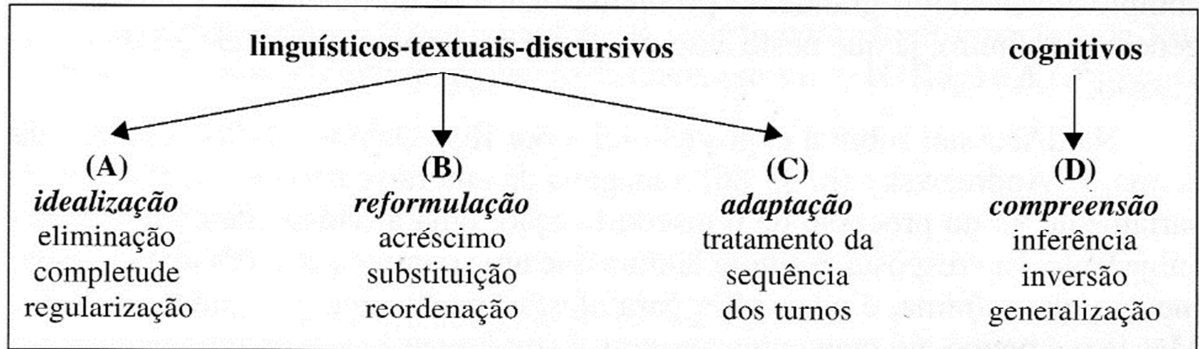
[...] considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objeto e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo qualitativo. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva.

Dessa maneira, a pesquisa em tela segue a abordagem qualitativa, não tendo como foco central os dados numéricos, pois lançamos um olhar interpretativo sobre o *corpus* levantado, em duas turmas de alunos regularmente matriculados nos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, da Escola Estadual Núcleo de Moradores 06, localizada em Petrolina – PE.

A turma do 8º A conta com 30 alunos, enquanto a turma do 9º A conta com 29 alunos, o que implicou a coleta de 59 textos produzidos mediante processos de retextualização. Dessa coleta, tomaremos para análise uma amostra de 02 (dois) textos de cada turma, num total de 04 textos, considerando o atendimento às operações sugeridas por Marcuschi (2010, p.69) quanto ao processo de

retextualização, que leva em consideração os aspectos linguísticos-textuais-discursivos, dividido em três blocos, e os cognitivos, em um bloco, como verificamos a seguir:

Figura 1 – Aspectos linguístico-textuais-discursivos



Fonte: MARCUSCHI, 2010, p.69.

Em relação aos aspectos de retextualização sugeridos por Marcuschi, demos ênfase aos dois primeiros blocos: idealização (A) e reformulação (B), os quais priorizam os elementos linguísticos-textuais, e o quarto; compreensão (D), que destaca os aspectos cognitivos.

Vale salientar que levamos em consideração, nas análises dos dados, a retextualização como refacção e reescrita de uma modalidade para outra, consideradas por Dell'Isolda (2007), que também dialoga com a ideia de Marcuschi (2010), quando considera as nove operações de retextualização na passagem do texto oral para o escrito.

Para verificar como se dá o trabalho com o processamento do texto escrito pelos alunos, o levantamento do *Corpus* foi realizado a partir das seguintes técnicas de coleta de dados: *Momento com Bebela*, com a professora e escritora juazeirense, Maria Izabel Muniz Figueiredo (Bebela), atividade de retextualização aplicada aos alunos colaboradores e entrevista semiestruturada ao professor de Língua Portuguesa das referidas turmas.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Campina Grande, *Campus* de Cajazeiras – PB, já que houve a necessidade de fazer levantamento de *corpus* com os sujeitos envolvidos, como exige a resolução 466/2012, que dispõe sobre o engajamento ético em relação às

pesquisas científicas realizadas com seres humanos. A pesquisa foi aprovada com processo sob número 2.786.428.

3.2 *LOCUS*, SUJEITOS, UNIVERSO E CORPUS DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual Núcleo de Moradores 06, localizada no projeto de irrigação Senador Nilo Coelho, na zona rural da cidade de Petrolina – PE. A instituição oferta Ensino Fundamental (do 6º ao 9º ano), Ensino Médio (1ª a 3ª série regular) e Educação de Jovens e Adultos, em nível Fundamental e Médio. Vejamos a imagem que mostra a fachada da escola.

Imagem 1 – Fachada da Escola NM - 06



Fonte – Acervo pessoal, 2018.

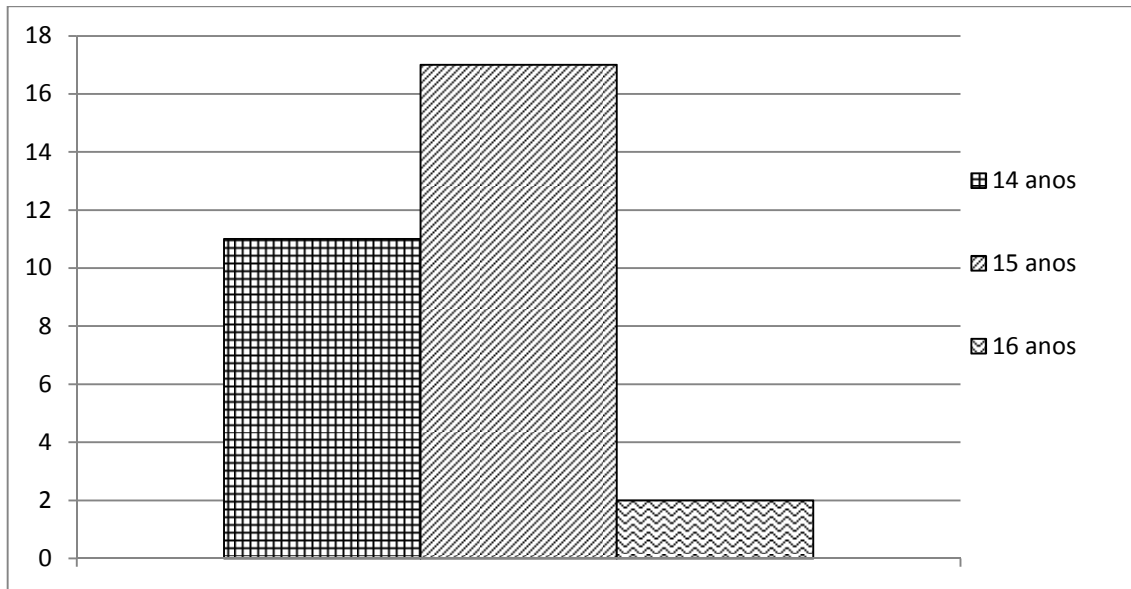
Quanto à infraestrutura, conta com 01(uma) biblioteca, 01 (uma) sala dos professores, 01(uma) secretária com banheiro, 03 banheiros, para uso dos alunos, dentre eles, um adaptado para alunos especiais, 01 cozinha, 09 salas de aulas (todas climatizadas), 01 laboratório (desativado), 02 pátios, sendo um interno e outro externo, 01 almoxarifado e uma quadra poliesportiva (não coberta).

A instituição funciona em três turnos: matutino (das 7:30 às 12:00), vespertino (das 13:20 às 17:50) e noturno (das 18:20 às 21:40), ofertando educação para crianças, adolescentes e adultos.

Assim, quanto aos sujeitos colaboradores, participaram da coleta dos dados 59 alunos, 01(um) professor e a escritora juazeirense Bebela, o que contabilizou um

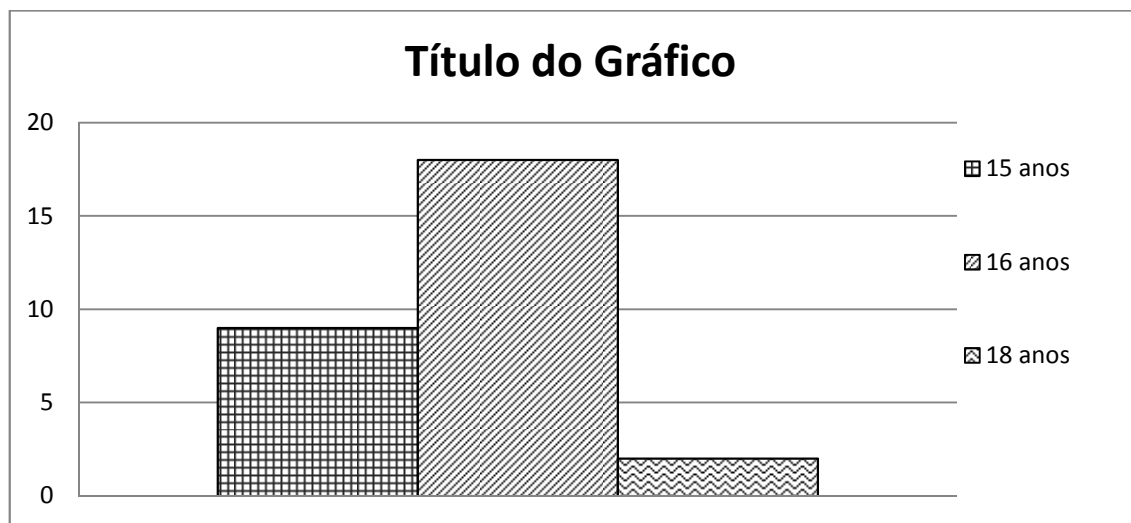
total de 61 sujeitos envolvidos na pesquisa. Em relação à faixa etária dos estudantes, de acordo com os dados levantados, percebemos uma distorção idade-série elevada, uma vez que, mais de cinquenta por cento das turmas apresentaram atraso, de pelo menos um ano de escolaridade.

Gráfico 1 - Faixa etária dos estudantes do 8º Ano A



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Gráfico 2 - Faixa etária dos estudantes do 9º Ano A



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Quanto ao professor colaborador, ele é formado em Letras com especialização na área, possui vínculo temporário com estado de Pernambuco, lecionando na instituição há 02 anos, nos turnos matutino e vespertino.

Contamos também, com a colaboração da escritora juazeirense Maria Izabel (Bebela), a qual participou de uma entrevista na escola NM6, que serviu de texto base para as retextualizações produzidas pelos estudantes. A escritora e professora Bebela é conhecida na região, por fazer rememorar a cultura local, por meio de contação de histórias relacionadas ao rio São Francisco, que traz seres fantásticos, mitos e heróis, como protagonistas dessas narrativas.

Para resguardar a identidade dos sujeitos colaboradores, solicitamos que alunos e professor usassem nomes fictícios; no entanto, na análise dos dados, resolvemos codificar os nomes dos estudantes, utilizando as nomenclaturas ESTUDANTE 01, ESTUDANTE 02 até ESTUDANTE 04; para o professor, utilizamos apenas o nome PROFESSOR; quanto à historiadora, Maria Izabel Muniz Figueiredo, foi o único colaborador que teve o nome revelado, pois autorizou sua divulgação.

3.3 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Com o intuito de fazermos o levantamento dos dados da pesquisa, fizemos uso da técnica da entrevista, cujos instrumentos foram:

- a) Roteiro de entrevista semiestruturada com o professor colaborador;
- b) *Momento com Bebela*, mediado pela pesquisadora, a partir de um roteiro de perguntas a serem respondidas pela autora juazeirense Maria Izabel Muniz Figueiredo;
- c) Além da entrevista e do *Momento com Bebela*, também elaboramos uma proposta de retextualização para os estudantes das turmas do 8º e 9º anos.

No que tange à entrevista com o professor colaborador, informamos antecipadamente sobre a nossa visita à escola, para que ficasse mais à vontade durante a coleta dos dados; e ainda ressaltamos que as informações coletadas seriam registradas em diário de campo, com ênfase nos dois objetivos específicos e os critérios de análises desta pesquisa.

Para que os alunos produzissem as retextualizações, eles participaram do *Momento com Bebela*² concedido pela escritora juazeirense Maria Izabel Muniz Figueiredo (Bebela), que foi mediado pela pesquisadora, na escola Estadual Núcleo de Moradores 06. E para que tivéssemos material para o reconto, feito pelos estudantes, solicitamos à historiadora que contasse a lenda do *Nego D'água*, texto que serviu de base para as produções dos estudantes.

Quanto à entrevista com a autora Bebela, ela aconteceu da seguinte forma: organizamos um espaço no pátio interno da escola, com cadeiras e mesa, visando uma melhor interação entre entrevistada e convidados. A princípio só participariam da entrevista, os alunos do 8º e 9º anos, no entanto, fomos solicitados, pelos demais professores, que todos os alunos do matutino participassem, já que os estudantes ficaram animados quando perceberam o ambiente organizado para entrevista. Além disso, os colegas viam aquele momento, como uma oportunidade única de os alunos ouvirem história de uma artista tão conhecida na região. Diante disso, concordamos com a ideia, mesmo com receio de termos problema, já que a entrevista seria gravada e temíamos que, com um público maior, houvesse barulho que comprometesse o áudio. No entanto, não tivemos problema nenhum durante a entrevista, pelo contrário, os alunos tiveram um comportamento exemplar, demonstrando interesse pela entrevista. Além deles, estavam presentes, os professores que lecionam nas turmas do matutino, inclusive o professor colaborador, e alguns funcionários que desejaram participar daquele momento.

A entrevista teve início com a fala da pesquisadora, a qual explicou aos convidados, que aquele momento fazia parte de uma das etapas da pesquisa de Mestrado. Em seguida, apresentou o livro *Lendas e Mitos do rio São Francisco 1501-2011*, da historiadora juazeirense Maria Izabel, obra que traz a temática explorada naquele encontro, e por último, acrescentou que ao final da entrevista poderia fazer perguntas e tirarem dúvidas, caso existissem.

Posteriormente, foi realizada uma breve apresentação da entrevistada, destacando sua formação acadêmica e livros publicados, e depois, deu-se início a entrevista perguntando se Bebela gostaria de acrescentar algo, em relação ao que foi apresentado sobre ela. Além dessa, foram realizadas outras perguntas, acerca das lendas e mitos da região e a contribuição do trabalho da escritora para o resgate

² *Momento com Bebela* foi gravado para ser utilizada em atividades posteriores.

da cultura local. Ao final, um aluno fez uma pergunta, que foi prontamente respondida. Logo depois, a pesquisadora agradeceu aos presentes, encerrando assim a entrevista. Apresentaremos abaixo, um registro desse momento:

Imagem 2 – Pesquisadora e Bebela na escola NM-06



Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Após a realização do *Momento com Bebela*, e já em sala de aula, os alunos das duas turmas foram convidados a realizar uma atividade de retextualização da história *O Nego D'água*, com vistas a iniciar a coleta dos textos que compuseram o *corpus* da pesquisa. Vale ressaltar, que essa lenda foi contada durante o *Momento com Bebela* realizado no ambiente escolar.

Posteriormente, voltamos à escola para trabalhar a lenda contada durante o *Momento com Bebela*, porém percebemos que muitos alunos tiveram dificuldade de lembrar-se da história. Diante disso, exibimos novamente o trecho do *Momento com Bebela*¹, na qual a historiadora contou a lenda do *Nego D'água* e lemos o texto publicado no livro: *Lendas e mitos do rio São Francisco*. Durante a aula, destacamos as marcas da oralidade (presentes na fala da autora) e as marcas do texto escrito. Em seguida, explicamos como acontece o processo de retextualização e como faz

parte do dia a dia do estudante. Por último, solicitamos que eles fizessem o recorte por escrito da lenda do *Nego D'água*.

Foram coletados 59 textos e, a partir deles, conduzimos a análise qualitativa dos dados. Destes, conforme já mencionamos, selecionamos, pelo critério de atendimento às operações de retextualização de Marcuschi (2010), apenas 04 produções para que pudéssemos tecer reflexões sobre a sua composição.

3.4 CATEGORIAS E CRITÉRIOS DE ANÁLISE

Neste ínterim, as categorias de análise desta pesquisa implicaram as práticas de produção textual em turmas do 8º e 9º ano de escola pública de Petrolina – PE e o lugar ocupado nelas para o trabalho com a retextualização. Tais categorias podem ser assim sistematizadas, levando em consideração os seguintes critérios:

Critério 1: Presença do trabalho com a produção de textos em turmas do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental à luz da abordagem interativa;

Critério 2: Abordagem do processo de retextualização da escrita para a escrita nas ações pedagógicas;

Critério 3: Presença de operações de retextualização à luz de Marcuschi (2010).

O diagrama abaixo elenca as nove operações sugeridas por Marcuschi (2010), para realizar a retextualização do texto oral para o escrito, e foi a partir delas que conduzimos o olhar interpretativo em nosso estudo.

Figura 2 – Modelo de operações textuais-discursivas na visão de Marcuschi

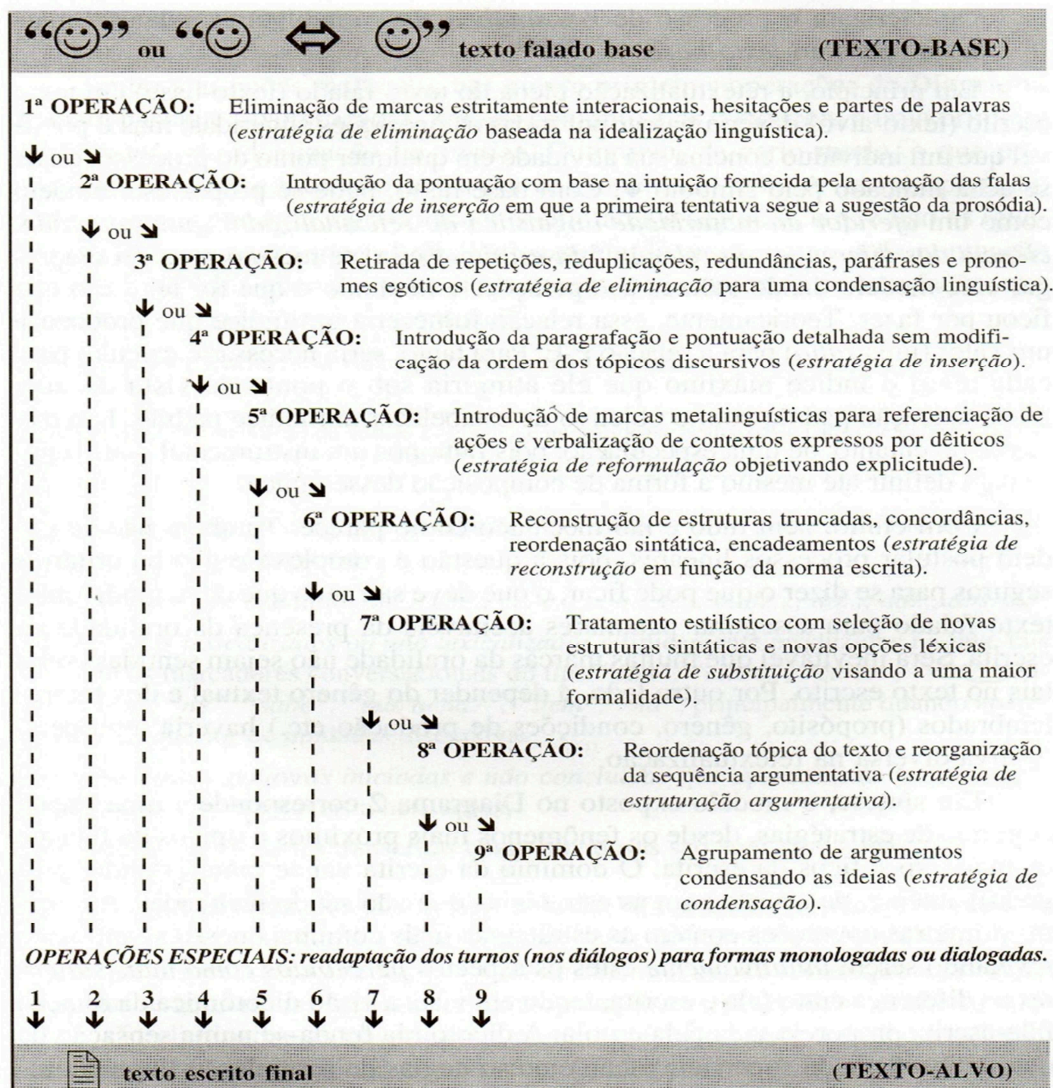


Diagrama 1: Modelo de operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o escrito segundo Marcuschi (2010, p. 75).

Após a discussão dos processos de retextualização que emergiram dos textos dos alunos, bem como do discurso do professor no que tange ao trabalho com este processo em sala de aula, elaboramos um Caderno Pedagógico com propostas de atividades de retextualização a partir dos gêneros textuais *lenda* e *mito*, que poderão servir para o trabalho de escrita em sala de aula.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Este capítulo traz a análise da entrevista realizada com o professor de Língua Portuguesa que leciona nas turmas do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, da escola Pública Estadual Núcleo de Moradores 06, localizada no projeto de Irrigação Senador Nilo Coelho, zona rural do município de Petrolina (PE), bem como a análise de quatro textos coletados nas turmas mencionadas.

Participaram da pesquisa, como colaboradores, o professor de Língua Portuguesa, com formação específica na área e Especialização em Gestão do trabalho pedagógico com ênfase em coordenação pedagógica e orientação educacional, que atua na referida escola há 02 (dois) anos, 59 (cinquenta e nove) alunos das turmas investigadas e a historiadora juazeirense Maria Izabel Muniz Figueiredo (Bebela).

Posteriormente, voltamos à escola para trabalhar a lenda contada durante a entrevista, porém percebemos que muitos alunos tiveram dificuldade de lembrar-se da história. Diante disso, exibimos novamente o trecho da entrevista gravada¹, na qual a historiadora contou a lenda do Nego D'água e lemos o texto publicado no livro: *Lendas e mitos do rio São Francisco*. Durante a aula, destacamos as marcas da oralidade (presentes na entrevista) e as marcas do texto escrito. Em seguida, explicamos como acontece o processo de retextualização e como faz parte do dia a dia do estudante. Por último, solicitamos que eles fizessem o recorte por escrito da lenda do Nego D'água.

4.1 DA PRÁTICA DA ESCRITA DISCENTE: SOB A PERSPECTIVA DO PROFESSOR COLABORADOR

A finalidade da entrevista realizada com o professor colaborador foi verificar como são desenvolvidas as práticas pedagógicas, em relação ao trabalho com a produção escrita nas turmas do 8º e 9º ano, com ênfase no processo de retextualização, além de perceber quais concepções que faz parte dos saberes como docente. Para análise desses pontos, observamos as respostas dadas às dez questões elaboradas pela pesquisadora, destacando as informações consideradas

relevantes e apontando sugestões que possam contribuir para uma reflexão acerca do ensino de Língua Portuguesa.

No início da entrevista, procuramos saber **que concepção de língua e ensino norteiam o fazer pedagógico do professor**. A resposta apontou para um fazer pedagógico pautado em “*conceitos gramaticais*”, ou seja, um ensino de língua voltado para o estruturalismo, conforme percebemos a seguir:

PROFESSOR: Em um mundo globalizado e tecnológico no qual vivemos, as pessoas, sejam elas quais forem, tem uma inevitável propensão de absorverem uma linguagem virtualizada a qual, precisamos admitir, nos distancia dos parâmetros e conceitos gramaticais da nossa língua, os quais recebemos no passado e que se faz necessário mantê-los na nossa pedagogia de ensino, aperfeiçoando-os. Isso é de essencial importância para o docente como para o discente no processo de ensino-aprendizagem.

Para Oliveira (2010, p. 34), “[...] ensinar português seguindo a concepção estruturalista de língua significa ensinar estruturas gramaticais enfatizando suas formas sem nenhuma ou quase nenhuma preocupação com os usos que se fazem delas. [...]”, porém, mesmo defendendo o ensino a partir de “*parametros*”, o professor comete alguns desvios da norma padrão, como notamos no exemplo anterior. Além de defender o uso da gramática tradicional, faz uma crítica à “*linguagem virtualizada*”, afirmando que ela “*nos distancia dos parametros e conceitos gramaticais da nossa língua...*”, que para o professor “*se faz necessário mantê-los*”.

Percebemos na fala do professor que ele se distancia da concepção de linguagem sociointeracionista, que considera o uso da língua no processo de interação, nessa perspectiva, não cabe mais ao professor, seguir apenas conceitos gramaticais, visto que a língua é dinâmica e funciona de acordo com os interesses dos seus interlocutores. Para Geraldi (2012, p. 42), “[...] A língua só tem existência no jogo que se joga na sociedade, na interlocução. E é no interior de seu funcionamento que se pode procurar estabelecer as regras de tal jogo. [...]”. Ainda segundo Porto (2009, p. 15), “[...] O aluno e professor são sujeitos, cada um no seu papel, e interagem via linguagem, descortinando o conhecimento por meio de textos, de diálogos. [...]”, diante disso, entendemos que uma prática voltada para o ensino,

apenas gramatical, desconsidera o aluno como sujeito, dentro de um processo em que os textos são fundamentais para a construção do conhecimento.

Na segunda pergunta, questionamos ao professor **com que frequência trabalhava os textos escritos com seus alunos**. À pergunta obtivemos a resposta “*Sempre*”, que pode ser considerada positiva, já que o professor ainda afirma ser importante trabalhar com texto escrito; entretanto, o “*Sempre*” parece-nos algo vago, já que, de acordo com a resposta, não podemos afirmar se há uma frequência e sistematização desse trabalho em sala de aula. De acordo com os Parâmetros Nacionais Curriculares de Língua Portuguesa, no processo de produção de textos escritos, é relevante considerar que:

[...] Pensar em atividades para ensinar a escrever é, inicialmente, identificar os múltiplos aspectos envolvidos na produção de textos, para propor atividades sequenciadas, que reduzam parte da complexidade da tarefa no que se refere tanto ao processo de redação quanto ao de refacção. (BRASIL, 1998, p.76).

Ou seja, o processo de escrita é complexo, por isso exige do professor um planejamento sequenciado, por meios de estratégias que minimizem as dificuldades encontradas pelos alunos durante a produção textual.

De acordo com Koch e Elias (2014, p.34, apud BEAUGRANDE, 1997), na “[...] concepção interacional (dialógica) da língua, tanto aquele que escreve como aquele para quem se escreve são vistos como autores sociais, sujeitos ativos que - dialogicamente - se constroem e são construídos no texto [...]”. Considerando essa ideia, depois da produção, o aluno passará para o processo de refacção, buscando melhorar o texto produzido, adequando ao contexto de produção. Portanto, acreditamos que o desenvolvimento de um trabalho semanal com textos escritos pode diminuir as dificuldades apresentadas pelos estudantes.

Na pergunta três, quisemos saber **como ocorre trabalho com a leitura e escrita em sala de aula**. À pergunta, o professor afirmou que o trabalho com tais processos deve acontecer de “*forma atrativa*” com a participação dos alunos, “*porém séria*”. Ele deu o entender que este deve ser um trabalho dinâmico e que exige o compromisso dos estudantes. Em seguida, o professor justificou a resposta, dando exemplos de como trabalhar a leitura, citando o uso dos gêneros textuais, como verificamos em “*trabalho com diversos gêneros textuais*”, e ainda aponta o uso de

paradidático nas aulas, como verificamos no trecho em destaque “*é adotado um livro*”. Em seguida, vejamos a resposta dada pelo professor:

PROFESSOR: [...] deve-se trabalhar de forma atrativa, levando os discentes a serem participativos, de modo a encarar esta proposta de aula, de maneira prazerosa, porém séria. No caso da leitura, trabalho com diversos gêneros textuais, a leitura colaborativas, contação de textos dramatizado por meio de teatro.

PROFESSOR: [...] é adotado um livro e é trabalhada a leitura individual, em dupla ou em grupo...

Já em relação à escrita, ele destacou o seguinte:

PROFESSOR: [...] os discentes escrevem, revisamos e eles tornam a reescreverem. O aluno produz textos de acordo com o gênero trabalhado. Ex.: Conto. Os discentes tiveram que transformar o narrador personagem em narrador-observador.

Conforme vemos, o docente destaca também uma prática com base nos gêneros, o que consideramos ser relevante, uma vez que, mesmo assumindo anteriormente uma postura tradicional, nesta resposta, o professor abre espaço, na sala de aula, para o desenvolvimento do trabalho a partir dos gêneros textuais.

Nesse sentido, segundo Lopes-Rossi (2011, p. 71), os professores podem “[...] criar condições para que os alunos possam apropriar-se de características discursivas e linguísticas de gêneros diversos, em situações de comunicação real. [...]”, dialogando com essa ideia.

Porto (2009, p. 15), afirma que “[...] o professor precisa assumir o papel de mediador no processo de ensino-aprendizagem, sem esquecer que ele é o sujeito que sabe e deve ensinar o aluno a ler e escrever e, assim dessecar os discursos orais e escritos. [...]”, dessa forma, destacamos aqui, a importância do trabalho desenvolvido pelo professor, já que é o sujeito mais experiente em sala de aula, por isso, deve saber conduzir o processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita no ambiente escolar.

Na quarta pergunta, quando questionado **sobre a importância da escrita na formação do estudante**, o professor respondeu que “*há uma defasagem muito grande*”, demonstrando ter consciência das dificuldades dos alunos em relação à escrita, porém, transfere para eles a culpa pelo fracasso, uma vez que assegura a

falta de disposição dos alunos para produzirem textos, mas, ainda assim, ele se mostra preocupado em preparar os estudantes “*para o âmbito acadêmico*”.

PROFESSOR: Há uma defasagem muito grande dos alunos que é pertinente à escrita e isso acontece pela falta de disposição dos mesmos para produzirem textos seja de que gênero for. Mas, a preocupação do docente é prepará-los, e também para o âmbito acadêmico, pois como educador é necessário ter em mente que tipo de aluno quero formar.

Nesse sentido, percebemos que há incoerência entre o propósito do professor e o insucesso do aluno, visto que, identificando a dificuldade na escrita, é necessário planejar estratégias para sanar o problema, pois segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa:

Para aprender a escrever, é necessário ter acesso à diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que se faz da escrita em diferentes circunstâncias, defrontar-se com as reais questões que a escrita coloca a quem se propõe produzi-la, arriscar-se a fazer como consegue e receber ajuda de quem já sabe escrever (BRASIL, 2001 p. 66-67).

Sendo assim, cabe ao professor auxiliar o aluno no processo de escrita, disponibilizando o acesso aos diversos gêneros textuais, organizando atividades em que o aprendiz perceba a importância do emprego da escrita nos diferentes ambientes, bem com sua finalidade.

Nessa perspectiva, ressaltamos que “*o âmbito acadêmico*”, será mais um, entre outros, que o aluno terá facilidade de ter acesso, por meio do domínio da escrita. Para o desenvolvimento dessa competência, os PCN (2001, p. 74-75), trazem como sugestões as seguintes orientações:

- reescrever ou parafrasear bons textos já repertoriados mediante a leitura;
- transformar um gênero em outro: escrever um conto de mistério a partir de uma notícia policial e vice-versa;
- transformar uma entrevista em reportagem e vice-versa, etc.;
- produzir textos a partir de outros conhecidos: um bilhete ou carta que o personagem de um conto teria escrito a outro, um trecho do diálogo de um personagem, uma mensagem de alerta sobre os perigos de uma dada situação, uma notícia informando a respeito do desfecho de uma trama, uma crônica sobre acontecimentos, etc.;
- dar o começo de um texto para os alunos continuarem (ou o fim, para que escrevam o início e o meio);

- planejar coletivamente o texto (o enredo da história, por exemplo) para que depois cada aluno escreva a sua versão (ou que o façam em pares ou trios).

A partir do exposto, percebemos que há várias possibilidades de trabalhar a escrita em sala de aula, por isso não cabe ao professor apenas transferir para o estudante a culpa pelo fracasso na escrita, é possível sim reverter esse quadro por meio de um trabalho pedagógico planejado e desenvolvido sistematicamente em sala de aula, como aponta as sugestões anteriores.

Na quinta pergunta, perguntamos sobre os **aspectos observados na produção textual dos estudantes** e o professor respondeu que observa três aspectos, a “*linguagem*”, a “*coerência*” e a “*coesão*”:

PROFESSOR: Além da linguagem usada por cada discente, é imprescindível observar se na produção há coerência e coesão.

Se pensarmos na produção textual levando em consideração a concepção interacionista da língua, outros aspectos deveriam ser observados além dos citados pelo professor. De acordo com Koch e Elias (2014), é necessário levar em consideração que a escrita é um processo que resulta da interação entre os interlocutores, portanto, antes de escrever, o estudante precisa pensar no que dizer, quais são os propósitos comunicativos, além de utilizar muitas estratégias.

Para as autoras “o sentido da escrita, portanto, é produto dessa interação, não resultado apenas do código, nem tão-somente das intenções do escritor. [...] o sentido é *constructo*, não podendo, por conseguinte, ser determinado *a priori*” (KOCH; ELIAS, 2014, p. 35, grifo das autoras). Sendo assim, vale ressaltar que o texto do estudante pode utilizar uma linguagem padrão, ter coerência e coesão, mas não atender a outros propósitos.

Ainda em relação aos aspectos considerados pelo professor, quando observa a coerência e coesão nas produções dos estudantes, prioriza dois aspectos responsáveis pela textualidade, desconsiderando outros elementos, como: a intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, intertextualidade e informatividade, que, segundo Marcuschi (2008), não são apenas esses critérios que definem o que é um texto e uma boa formação textual, visto que não podemos pensar em texto como algo estanque, no qual o código seja o mais importante. E, reafirmando o que

foi dito anteriormente, para o autor “um texto é uma proposta de sentido e ele só se completa com a participação do seu leitor/ouvinte. Na produção de um texto, não entram apenas fenômenos estritamente linguísticos” (MARCUSCHI, 2008, p. 94). Portanto, a partir dessas reflexões, cabe ao professor observar nas produções se os estudantes cumpriram com todos os propósitos.

Na sexta questão, quando o professor foi questionado se **trabalhava com o processo de retextualização escrita em sala de aula**, respondeu que sim. Notamos que há um entendimento, mesmo que elementar, acerca do que seja retextualização, como verificamos a seguir:

PROFESSOR: Sim, por meio de temática trabalhada os alunos escrevem textos a partir de outros textos com vistas a efetuar modificações nos gêneros, discursos, etc.

Nesse contexto, quando afirma que “*os alunos escrevem textos a partir de outros textos com vistas a efetuar modificações nos gêneros, discursos*”, o professor leva em consideração no processo de retextualização dois aspectos importantes, a transformação de um gênero em outro e o discurso usado na produção textual. Para Dell’Isola (2007, p. 39), “[...] os gêneros textuais representam situações sociais convencionais em que são usados. Devemos chamar a atenção para o uso da língua e da linguagem, ao tratar da importância dos gêneros no reconhecimento de práticas discursivas”. Portanto, no processo de retextualização, já que o trabalho é desenvolvido a partir do texto, os gêneros seriam os meios viáveis para se trabalhar as diferentes formas de manifestação da linguagem.

Na sétima questão, perguntamos se há **possibilidade de integração (articulação) entre língua portuguesa e outras áreas do conhecimento a partir da leitura e produção escrita**. O professor afirmou o seguinte:

PROFESSOR: Sim, pois na leitura e produção textual que se oportuniza ao discente a não está limitado somente a área de conhecimento da língua portuguesa.

Desse ponto de vista, compreendemos que o professor entende a relevância da articulação entre as áreas do conhecimento, pois além de responder que “*Sim*”, acrescenta que, por meio do trabalho com a leitura e escrita, o aluno “*não está*

limitado somente a área de conhecimento da língua portuguesa”, pensamento coerente com as orientações para o ensino da língua, apesar de, muitas vezes, isto não condizer com a realidade escolar.

Nas palavras de Antunes (2009, p.187):

Não tem fundamento, pois, a concepção ingênua, meio generalizada na prática, de que cabe apenas ao professor de línguas a tarefa de cuidar da leitura e de outras habilidades comunicativas. Todo professor, de qualquer disciplina, é um leitor e, para sua atividade de ensino, depende, necessariamente, do convívio com textos os mais diversos.

Nesse sentido, notamos a importância de ultrapassarmos os limites impostos pelas disciplinas, uma vez que, quando envolve atividades comunicativas, todas as áreas do conhecimento têm acesso aos textos que circulam na sociedade, por isso não é tarefa apenas do professor de Português trabalhar com leitura e escrita em sala de aula. É, pois, relevante pensar em um trabalho que envolva os professores de todas as áreas do conhecimento, já que a intenção é formar alunos leitores e produtores de textos. Portanto, pensar em um trabalho dessa natureza, não significa dizer que iremos atribuir aos outros professores à responsabilidade que é nossa, pelo contrário, seríamos parceiros e faríamos a integração entre Língua Portuguesa e as outras áreas, a partir do estudo com base nos gêneros textuais.

Na oitava pergunta, quando questionado se **ocorre articulação com professores, no planejamento de atividades escritas a partir dos gêneros textuais**, o professor foi categórico em afirmar o seguinte:

PROFESSOR: Não.

Diante disso, intuímos, no contexto escolar, a ausência de um trabalho interdisciplinar a partir dos gêneros textuais em atividades escritas. O que vai de encontro ao que afirma os PCN (1998), quando orienta que há possibilidade de articulação entre as áreas do conhecimento a partir dos temas transversais, pois segundo o documento oficial:

[...] Um texto produzido é sempre produzido a partir de determinado lugar, marcado por suas condições de produção. Não há como separar o sujeito, a história e o mundo das práticas de linguagem.

Compreender um texto é buscar as marcas do enunciador projetadas nesse texto, é reconhecer a maneira singular de como se constrói uma representação a respeito do mundo e da história, é relacionar o texto a outros textos que traduzem outras vozes, outros lugares. (BRASIL, 1998, p. 40-41).

Partindo disso, como já afirmamos anteriormente, é fundamental a integração entre as áreas do conhecimento, pois, se trabalhamos um aluno crítico e protagonista, é necessário pensar em um ensino inter/transdisciplinar que possibilite ao estudante ter acesso as diferentes formas de linguagem, aprendendo a usá-la em todas as áreas do conhecimento, já que o uso da leitura e escrita não se limita aos conhecimentos aprendidos somente em Português. Nessa perspectiva, os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa do Estado de Pernambuco afirmam que:

É importante considerar, ainda, que os estudantes não escrevem apenas nas aulas de Língua Portuguesa. Portanto, a tarefa de formar produtores de textos não se restringe a essa disciplina, mas deve ser compartilhada pelos demais conteúdos curriculares. É importante que as expectativas de aprendizagem do eixo Escrita sejam objeto de trabalho de todas as disciplinas que compõem o quadro curricular, que oferecem situações didáticas adequadas à produção de vários gêneros [...] (SEC, 2012, p. 110).

Tal afirmativa defende uma prática pedagógica na qual a escrita seja trabalhada em todas as disciplinas, o que confirma a necessidade do diálogo com as outras áreas e, segundo as orientações dos Parâmetros Curriculares de Pernambuco (2012), essa articulação deve ocorrer por meio dos eixos de Leitura, Escrita, Oralidade e Análise linguística. Por isso, cabe ao professor de Português ser conhecedor desses eixos e estabelecer essa ligação.

Na nona pergunta, quisemos investigar **o que poderia ser feito para melhorar o trabalho de produção textual em sala**. E para esse questionamento o professor afirmou:

PROFESSOR: [...] deve ser feito um trabalho de conscientização do docente para com o alunado, fazendo com que este tenha acesso a uma aprendizagem mais significativa, tracando estratégias nas quais os recursos lexicos sejam inseridos, promovendo a melhoria da expressão escrita, bem como contribuir para a diminuição da defasagem na escrita do mesmo.

Do ponto de vista do professor “*deve ser feito um trabalho de conscientização do docente*”, e acrescenta a essa ideia, a oportunidade dos alunos ter “*acesso uma aprendizagem mais significativa*”; no entanto, quando detalha o uso de estratégias para isso, volta a reafirma uma prática voltada ao ensino gramatical, na qual “*os recursos lexicos sejam inseridos*”, com intuito de promover “*melhoria da expressão escrita*” e “contribuir para diminuição da defasagem”. Dessa forma, destacamos que os usos de recursos lexicais, apenas para melhorarem a “*expressão escrita*”, não contribuem para sanar o problema da defasagem na escrita, visto que é necessário desenvolver um trabalho no processo de produção de textos escritos no qual os estudantes tenham consciência de que as escolhas lexicais interferem nos sentidos do texto. Acerca disso, os Parâmetros Curriculares Língua Portuguesa do estado de Pernambuco afirmam que:

O exercício de refletir sobre o léxico da língua, como toda a prática da análise linguística, acontece em práticas de leitura, escrita e oralidade. Os estudantes, em contato com os textos, avaliam a adequação das escolhas lexicais, as suas escolhas e as de seus interlocutores, tendo em vista critérios vários: de coerência textual, de adequação da fala a seus interlocutores e à situação comunicativa etc. (op.cit, p.48).

Desse ponto de vista, reiteramos a necessidade de trabalhar a língua e a linguagem a partir da concepção interacionista, uma vez que, no processo de escrita, os estudantes farão suas escolhas lexicais, pensando nos seus interlocutores e nas circunstâncias de comunicação. Nesse contexto, a gramática é usada em função do texto, não apenas para “*melhoria da expressão escrita*”, como afirma a professora.

E, por último, quando questionado **se existe formação continuada com orientações para o desenvolvimento de um trabalho com o texto escrito**, o professor respondeu o seguinte:

PROFESSOR: Creio que exista, pois na Gerência Regional da Educação há formação continuada, no entanto, não tive ainda áurea oportunidade de vivenciá-la nas que participei.

Ou seja, o professor acredita que existe; no entanto, afirma “*não tive ainda áurea oportunidade de vivenciá-la*”. Diante disso, ressaltamos aqui, a necessidade da realização de formação continuada que oriente os professores para realização de um trabalho com o texto escrito, considerando, também, uma proposta a partir da retextualização, pois, segundo Dell’Isola:

Precisamos conduzir nossos alunos a desenvolverem a capacidade de compreender o comportamento dos setores de nossa sociedade através dos textos que ela produz e consome. Os profissionais da linguagem precisam compreender e procurar explicar como se manifestam os diferentes gêneros textuais, a intertextualidade de gêneros e o hibridismo, evidenciando que, nos textos e através deles, os indivíduos produzem, reproduzem ou desafiam práticas sociais e a ‘realidade’ social. A retextualização conduz a uma prática que envolve muito mais do que o desenvolvimento da habilidade de leitura e de escrita [...] (Dell’Isola, p. 40-41, 2007).

Nesse sentido, percebemos a importância do trabalho do professor para despertar no aluno a consciência acerca da presença e influência dos textos que circulam em todos os setores da sociedade, por meio dos diversos gêneros textuais, possibilitando que o aluno aprenda e saiba utilizá-los em situações reais; dessa forma, o processo de retextualização, abre espaço para outra possibilidade, já que nela, o estudante terá que produzir o novo gênero a partir do texto base, não se restringindo apenas ao processo de leitura e escrita.

Portanto, sabendo dos esforços e preocupação do estado, nos últimos anos, em oferecer educação de qualidade aos estudantes, consideramos oportuno sugerir que a Secretaria de Educação de Pernambuco, representada pela Gerência Regional de Ensino, localizada no município de Petrolina, oportunize aos professores de Língua Portuguesa formação continuada com ênfase no desenvolvimento de um trabalho de retextualização a partir das lendas e mitos do rio São Francisco, colocando-nos à disposição para realização desta tarefa.

4.2 DO PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO: A ATUAÇÃO DISCENTE

Seguindo nossa análise, abaixo, estão dispostos os textos que serviram de base para a produção dos estudantes. O texto 01 (um) trata-se da transcrição de

trecho do *Momento com Bebelá*, na qual a autora apresentou aos alunos oralmente a lenda *O Nego D'água*. Em seguida, apresentamos o texto 02 (dois), *O Nego D'água*, que foi publicado no livro *Lendas e Mitos do Rio São Francisco*, sem algumas marcas da oralidade.

Texto base 1 - Trecho de entrevista com Bebelá

Nós temos... **eh...** Juazeiro e Petrolina são cidades assim, que podem considerar maravilhosas porque tem o rio São Francisco. Não sei se ele une ou distancia, mas é um rio com a grandeza das duas cidades. E o rio São Francisco é um rio cheio de histórias, **e como ele nasceu, ele nasceu** das lágrimas de Irati, depois **eu vou contar** isso pra vocês. E tem muita gente, **o mito é uma figura, que todo mundo onde o rio passa, lembra dele, é o Nego D'água. O Nego D'água é** um menino, e pra outros já **é um rapaz que vive no rio, e ele quer mandar no rio. Ele quer ser o senhor do rio**, ele briga com o Caboclo D'água, ele quer também ser o senhor do rio, nessa briga eles vão sendo conhecidos. É uma lenda, uma história muito antiga, que vem desde Pirapora, Minas Gerais, até chegar em Juazeiro, todos conhecem o Nego D'água. E Juazeiro uma cidade de muitas histórias, **temos** também o jovem escultor juazeirense que fez, **vamos homenagear** o Nego D'água, que ele é o dono do rio, ele manda no rio.

Meu pai que era comandante de vapor, no tempo dos vapores, viajava, saía de Juazeiro até Pirapora, Minas Gerais. Meu pai dizia que os comandantes diziam, vamos parar que o Nego D'água está por ali. Meu pai ficava sempre é? E eles: é, ele está ali naquela baixa.

Imagine vocês, que até eu já vi o Nego D'água. **Eu era uma menina**, assim de uns 9 anos. E com minhas primas, iam tomar banho na roça do meu avô, que a gente chamava loio, minha baianidade Nagô, loio, Enéas Muniz. **Aí** tinha na nossa casa uma espécie de montanha, até chegar no rio, chamava baixa. **Aí** um dia **vamos** tomar banho, lá ia eu tomar banho também. Lá embaixo, elas desceram mais depressa, eu era um pouco gordinha e mole. **Aí** elas: Bebelá, olha o Nego D'água. Quando eu olhei, assim pro rio, **eu digo a vocês**, que eu vi o Nego D'água, eu vi um menino bonito, negrinho batendo, fazendo batuque, igualzinho as histórias que a velha Luiza, que morava na casa do meu avô, me contava. Eu parecia que via aquilo, eu queria sorrir, eu queria correr, mas não podia. Depois, isso é

brincadeira, olha o Nego D'água Bebela. Aí **eu fui** acordei daquele sonho, eu tinha 09 anos, eu fiz um poema. Cheguei em casa, eu era metida a ser poeta, peguei um caderno e fiz eu vi o Nego D'água. Aí minha mãe guardou isso, quando fiz o livro "Lendas e Mitos do rio São Francisco", eu publiquei o poema igualzinho como **eu vi**. Mas era uma emoção, imagine vocês, que eu ficava tão empolgada, com as histórias do Nego D'água, que **ele não gosta de quem joga garrafas na margem do rio, ele não gosta de quem joga cigarro, aliás, ele gosta, pede cigarro, mas não gosta de quem deixa aqueles pedaços de cigarros, nem charuto, ele briga, ele vira as canoas.**

(*Momento com Bebela*, gravado e transcrito pela pesquisadora, 2018)

Texto base 2 – O Nego D'água

Para alguns ribeirinhos, moradores ao longo da carreira grande, isto é, de Juazeiro da Bahia a Pirapora – Minas Gerais, o Nego D'água mora no Rio São Francisco, trecho navegável de Juazeiro a Pirapora, e muitos dizem que é o principal mito deste glorioso rio.

Para alguns ele é um negro com pés de nadadeiras. Para outros ele é meio homem e meio lontra. E conhecido também como o compadre das águas.

Nego D'água vive nas águas e tem seu reino no fundo do rio, e para muitos ribeirinhos ele é um negrinho bonito, **apaixonado por moças de coxas grossas e bonitas. Se ele as encontra desprevenidas, arrasta-as para o seu reino no fundo do rio;** quanto aos homens, se não ouvem seus apelos, não lhe oferecem fumo, cachimbo e cigarros, ele os levará para seus domínios para torná-los escravos.

Nego D'água é alegre. Gosta de fazer batuques nas proas e popas das embarcações, nas coxias das barcas e deques dos vapores, e tem poder de naufragar vapores, barcos, paquetes, canoas e lanchas.

Responda-me: Você já viu o Nego D'água? Se ele não levar você para o fundo do rio, acredite você vai ser muito feliz. Ver um Nego D'água é sinal de boa sorte. Muita sorte.

Fonte: FIGUEIREDO, Maria Izabel Muniz. *Lendas e Mitos do Rio São Francisco*. Juazeiro-BA: Editora Eletrônica, 2011.

Dos quatro textos eleitos para análise do processo de retextualização da escrita para escrita pelos alunos, abaixo apresentamos um quadro que expõe a utilização (ou não) das operações sugeridas por Marcuschi (2010) durante referido processo:

Quadro 2 - Usos das operações de retextualização: olhar interpretativo

OPERAÇÕES	ESTUDANTES			
	ESTUDANTE 01	ESTUDANTE 02	ESTUDANTE 03	ESTUDANTE 04
1ª OPERAÇÃO (<i>estratégia de eliminação baseada na idealização linguística</i>).	USO	USO	USO	USO
2ª OPERAÇÃO (<i>estratégia de inserção em que a primeira tentativa segue a sugestão de prosódia</i>).	USO	USO PARCIAL	USO	USO
3ª OPERAÇÃO (<i>estratégia de eliminação para uma condensação linguística</i>).	USO	USO	USO	USO
4ª OPERAÇÃO Introdução da paragrafação e pontuação (<i>estratégia de inserção</i>).	USO	NÃO USO	USO	USO
5ª OPERAÇÃO (<i>estratégia de reformulação objetivando explicitude</i>).	USO	USO	USO	USO
6ª OPERAÇÃO (<i>estratégia de reconstrução em função da norma escrita</i>).	USO	NÃO USO	USO	USO
7ª OPERAÇÃO (<i>estratégia de substituição visando a uma maior formalidade</i>).	USO	USO PARCIAL	USO	USO PARCIAL
8ª OPERAÇÃO (<i>estratégia de estruturação argumentativa</i>).	USO	NÃO USO	NÃO USO	USO

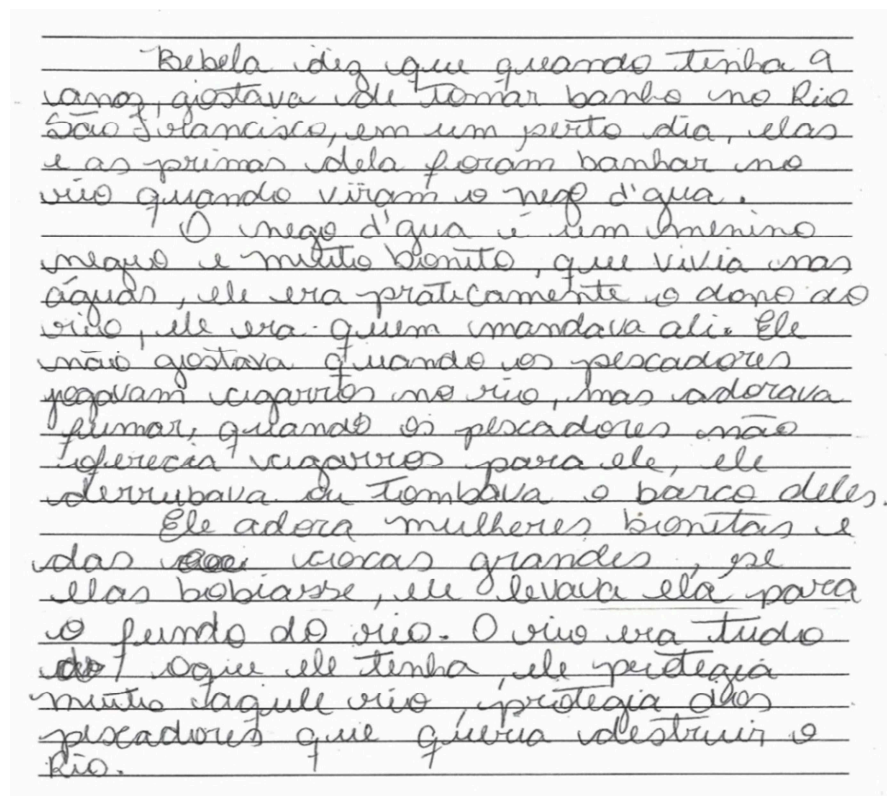
9ª OPERAÇÃO Agrupamentos de argumentos (estratégia de condensação).	USO PARCIAL	USO PARCIAL	USO PARCIAL	USO PARCIAL
---	-------------	-------------	-------------	-------------

No quadro acima, podemos verificar que o processo de retextualização foi realmente utilizado por todos os estudantes diante da proposição lançada pela pesquisadora, que foi reescrever a lenda *O Negro D'água*. Várias foram às operações utilizadas pelos alunos com vistas a significar o que ouviram e viram durante o *Momento com Bebela* realizado na escola Núcleo de Moradores 06.

4.2.1 Especificidades das operações de retextualização: olhar interpretativo

Passemos, assim, à análise dos quatro textos eleitos para essa discussão, sendo 02 (duas) retextualizações produzidas por alunos do 8º Ano A, e 02 (duas) por alunos do 9º ano A. Vale ressaltar, que os exemplos do texto base, aparecem em negrito, enquanto os trechos destacados na produção dos estudantes estão em itálico. Observemos, primeiramente, o texto do ESTUDANTE 01:

Figura 3 – Retextualização da lenda do Negro D'água (ESTUDANTE 01, 8º ano A)



A partir da análise do texto do Estudante 01, notamos o uso de estratégias de eliminação, sugeridas por Marcuschi na operação um e três, bem como podemos observar que o estudante fez uso desse processo quando eliminou as marcas interacionais usadas pela historiadora durante a entrevista. Dentre elas, destacamos o uso dos elementos lexicalizados: **“e como ele nasceu”**, **“imagine vocês”**, **“eu digo a vocês”**, expressões usadas pela escritora, (linhas 03, 04,18 e 25), para contar a história do Nego D’água.

Percebemos na narrativa contada por Bebela, muitas características do texto oral, como a ocorrência da repetição de palavras, a exemplo do termo *“rio”*, utilizado onze vezes, e *“Juazeiro”*, usado três vezes no início da história. Já na produção escrita, o estudante utiliza a estratégia de eliminação, diminuindo significativamente o uso da repetição. Notamos também, a reduplicação de palavras no texto base, conforme verificamos nos exemplos **“ele nasceu, ele nasceu”** e **“o Nego D’água, o Nego D’água”**, (linhas 04 e 06), porém, no texto escrito pelo estudante, essa duplicação não ocorre.

Ainda analisamos o emprego dos pronomes egóticos (eu, nós) que aparecem no trecho da entrevista, (linhas 04, 11 e 22), como verificamos a seguir **“eu vou contar”**, **“temos”** e **“vamos”** e que foram eliminados na produção escrita, passando a aparecer os verbos *“tinha”*, *“gostava”* e *“foram”* (linhas 01, 02 e 04) que concordam com os pronomes ela e elas, respectivamente.

Em relação à segunda operação de retextualização, notamos o uso da estratégia da inserção da pontuação, e percebemos, também, que esse uso está relacionado à entonação das falas da escritora juazeirense, ou seja, o estudante utilizou a inserção da vírgula e do ponto no texto escrito, chegando a obedecer algumas exigências da pontuação, como notamos em *“gostava de tomar banho no Rio São Francisco [,]”*, (linha 03); *“quando viram o nego d’água [,]”*, (linha 05); e *“não oferecia cigarros para ele [,]”*, (linhas 12 e 13).

Outra operação presente no texto do estudante foi a estratégia de inserção de paragrafação que está relacionada ao agrupamento das ideias da narrativa, organizando-se em: situação inicial, posicionando Bebela no tempo e apresentando outras personagens da história; no segundo parágrafo é feita uma descrição do Nego D’água e outras informações relativas a ele e, por último, destacam-se informações sobre seus gostos e enaltece o fato do mito ser o protetor do rio. Segundo Marcuschi (2010, p. 80) “[...] A questão do parágrafo não se acha

necessariamente unida à pontuação, pois ela diz respeito a uma decisão de agrupamento de conteúdo por outros critérios...”, como verificamos na produção do estudante.

No que se refere ao uso das operações cinco e seis, que considera as estratégias de substituição e reorganização, a primeira de natureza pragmática e a segunda morfossintática, observamos que o estudante, mesmo cometendo alguns desvios da norma padrão, fez substituições e reorganizações necessárias para tornar o texto mais próximo da escrita. A partir do texto-base “**histórias do Nego D’água... que ele não gosta de quem joga cigarro, aliás, ele gosta, pede cigarro, mas não gosta de quem deixa aqueles pedaços de cigarros, nem charuto, ele briga, ele vira as canoas**”, (linhas 32 até 36), o estudante o organizou da seguinte forma: “O nego d’gua... *Ele não gostava quando os pescadores jogavam cigarros no rio, mas adorava fumar, quando os pescadores não ofereciam cigarros para ele, ele derrubava ou tombava o barco deles.*(das linhas 09 até 14).

Notamos, com isto, uma reorganização na estrutura do texto, pois o estudante muda o tempo verbal de “não gosta” para “**não gostava**”, utiliza o conectivo “*quando*”, fazendo referência ao tempo que ocorre as ações, além de usar com competência a concordância e a pontuação, considerando, assim, aspectos importantes da norma padrão para a produção textual.

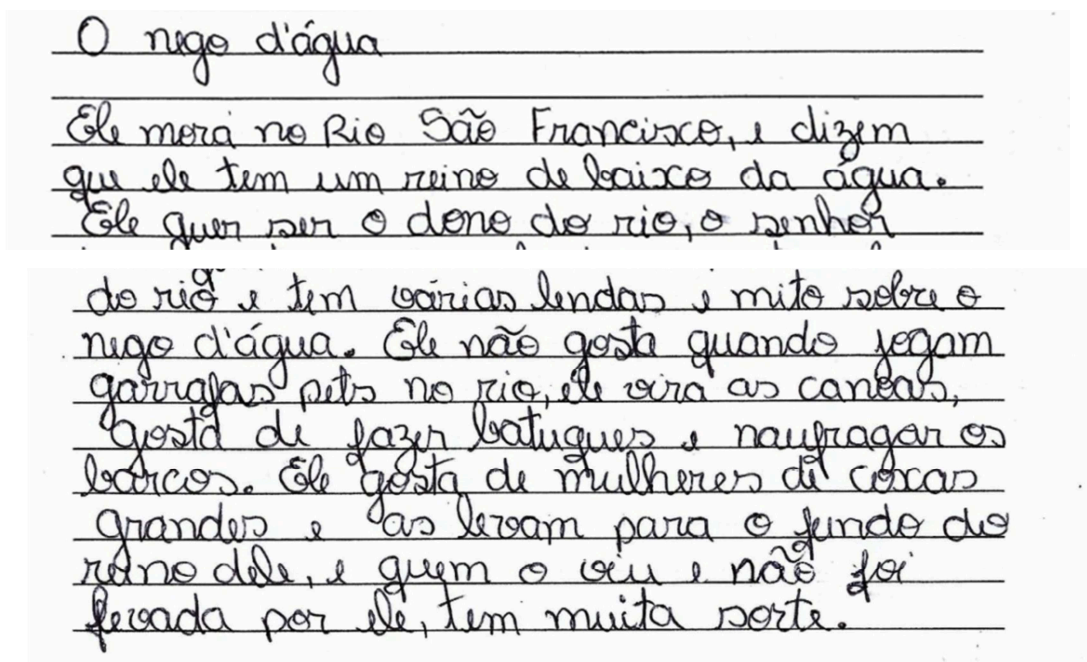
Ainda analisando os exemplos anteriores, verificamos o emprego da sétima operação, através da substituição do “**ele briga, ele vira as canoas.**” por “*ele derrubava ou tomava o barco deles.*”, resultando numa maior formalidade ao texto, posto que, no texto base, a escritora usa períodos truncados, característico da fala, enquanto o estudante faz uma transformação mais adequada ao texto escrito.

Por fim, analisamos o uso da oitava e nona operação, de estruturação argumentativa, a primeira é usada pelo estudante, como notamos em “*O rio era tudo oque ele tinha, ele protegia muito aquele rio, protegia dos pescadores que queria destruir o Rio.*” (linhas 18, 19, 20 e 21). Percebemos que o ESTUDANTE 01 emite uma opinião pessoal sobre o mito, mostrando o amor que Nego D’água sente pelo rio, os cuidados em protegê-lo dos pescadores. Já em relação à nona operação, que considera a estratégia de condensação de ideias argumentativas, consideramos que ela foi usada parcialmente, uma vez que algumas ideias argumentativas do texto base foram condensadas, no entanto, outras foram eliminadas na retextualização.

Conforme observamos no texto do ESTUDANTE 01, usou todas as operações de retextualização propostas por Marcuschi. O que mostra um sujeito que leva em consideração as características do texto oral e escrito, isto é, adequando o texto ao contexto de produção. Segundo Koch e Elias (2014, p. 84), “[...] não se pode mesmo falar em texto sem contexto... toda e qualquer atividade textual escrita (e também oral), é um acontecimento regido por fatores linguísticos, pragmáticos, sociais, históricos, cognitivos e interacionais.”. Diante disso, consideramos que o ESTUDANTE 01 domina muitos dos aspectos da produção escrita, mesmo cometendo alguns desvios, o que consideramos natural, já que a escrita faz parte de um processo.

Passemos agora à análise do texto do ESTUDANTE 02:

Figura 4 – Retextualização da lenda do Nego D’água (ESTUDANTE 02, 8º ano A)



O segundo texto analisado, como vemos, é uma produção pequena, a qual está organizada sem a inserção de parágrafos. Há uso de pontuação, porém de forma elementar, pois pela organização estrutural, notamos que a pontuação é usada para separar um amontoado de períodos; nesse aspecto, o estudante não diferencia as peculiaridades do texto oral para o texto escrito, conforme verificamos nos exemplos “Ele não gosta quando jogam garrafas pets no rio [,] ele vira as

canoas [.] gosta de fazer batuques e naufragar os barcos [.], (linhas 05,06 e 07). Nele percebemos, ainda, o uso de eliminação de marcas interacionais orais, a exemplo de “**eh e aí**”, (linhas 01 e 20), do texto base, e dos pronomes egóticos – eu e nós, (linhas 12 e 18), “**Eu era uma menina**” e “**vamos homenagear**”; bem como verificamos o acréscimo exagerado do pronome “*ele*”, usado 07 vezes na retextualização.

Ainda encontramos no texto do aluno algumas estratégias de reformulação através do uso de dêiticos, para retomada dos participantes do texto, conforme percebemos em “*mulheres de coxas grandes*”, sendo retomadas por “*as levam*”, e “*reino dele*” por “*... quem o viu...*”, (linhas 08, 09 e 10). Já em relação à estratégia de reconstrução, o estudante não a desenvolve com êxito, uma vez que a maioria das informações parece apenas uma transcrição do texto base, como notamos em: “**ele quer mandar no rio. Ele quer ser o senhor do rio**”, “**ele não gosta de quem joga garrafas na margem do rio...**” e “**... ele vira as canoas**”, (linhas 07, 08, 33, 34 e 36), que, na retextualização do estudante, ficou assim: “*Ele quer ser o dono do rio, o senhor do rio...*”, “*Ele não gosta quando jogam garrafas pets no rio, ele vira as canoas*”, (linhas 03, 04, 05 e 06).

Percebemos que o estudante fez algumas substituições na produção, como verificamos em: “**é um rapaz que vive no rio**”, (linha 07), por “*Ele mora no Rio*”, (linha 01), e “**ele vira as canoas**”, (linha 36), por “*naufragar os barcos*”, (linha 07), entretanto, o uso dessas novas opções lexicais não dão ao texto uma maior formalidade, pois as alterações são mínimas e não interfere de forma significativa na compreensão textual. Já em relação à forma como estudante inicia o texto, compromete o processo de leitura, já que usa o pronome “*ele*” sem antes ter feito referência a uma pessoa; infere-se que o estudante deduziu que o leitor saberá quem é o referente quando tomar por base o título do texto: “O nego d’água”.

O ESTUDANTE 02 não fez uso das operações oito e nove, que priorizam estruturas argumentativas e condensação de ideias argumentativas, já que ele não se posicionou sobre os fatos narrados e desconsiderou muitos argumentos que foram usados no texto base.

Percebemos, a partir da análise, que o ESTUDANTE 02 utilizou algumas operações de retextualização, no entanto, ainda demonstrou algumas dificuldades, em relação à produção escrita, como a organização do texto em parágrafos, que consequentemente interfere na estrutura da narrativa, pois não conseguimos

identificar claramente os principais elementos da narração. Notamos, também, que alguns trechos da produção são semelhantes ao texto base, o que caracteriza uma transcrição do texto oral, sem a apresentação de um novo texto.

Vejamos agora a análise do texto do ESTUDANTE 03:

Figura 5 – Retextualização da lenda do Nego D'água (ESTUDANTE 03, 9º ano A)

U nego d'água

O nego d'água também conhecido como Pompadre das águas é um menino/rapaz metade humano e metade lenda que vive no Rio São Francisco potiguara, ele é bem conhecido naquela região.

Ele gosta de fazer batuque e tem o poder de naufragar, barcos, canoas, navios e muito mais.

Diz a lenda que, o nego d'água tem um reino no fundo do rio, e também que ele gosta de meninas bonitas com as pernas grossas, quando ele se atrai por alguma menina ele a arrasta para o seu reino no fundo do rio. Ele odeia que joguem garrafas e cigarros na beira do rio, ele até gosta de li-
garros mas odeia quando são jogados no rio, quando isso ocorre o nego d'água puxa quem jogou o cigarro para o fundo do rio e os torna escravos.

Os povos também falam que, o nego d'água já esteve em confronto com o Caballo d'água para medir as forças e chegar a conclusão de quem seria o rei/dono do Rio São Francisco, mas até os dias de hoje quem manda e vive no rio é o nego d'água.

A partir da análise, observamos que o ESTUDANTE 03 faz uso de diversas operações de retextualização, eliminando marcas interacionais, adequando o texto à modalidade escrita. Trechos fruto da fala da autora, como “**imagine vocês**” “**aí**”, (linhas 18, 20), são eliminados pelo aluno. Também faz uso da inserção de

pontuação, como verificamos em “*por isso [.]*”, “*naquela região [.]*”, e “*barcos [.] canoas [.] e muito mais [.]*”, (linhas 04 e 06). Além disso, utiliza uma linguagem característica do reconto em terceira pessoa, como percebemos em “*O Nego d’água*”, “*Ele adora*”, “*Diz a lenda que*” e “*Os povos também falam que*” (linhas 01, 05, 07 e 17). Os últimos exemplos introduzem o início de cada parágrafo, o que demonstra uma maturidade do ESTUDANTE 03 em relação à organização das ideias do texto. Na produção também notamos a eliminação dos pronomes egóticos, como em “**vamos**”, “**eu fui**”, e “**eu vi**”, (linhas 22, 28 e 31).

Outra operação usada na produção textual é a estratégia de reformulação. Enquanto no texto base aparece “**Juazeiro e Petrolina são cidades assim, que podem considerar maravilhosas porque tem o rio São Francisco**”, (linhas 01 e 02), na produção do aluno verificamos “*vive no rio São Francisco por isso, ele é bem conhecido naquela região*”, (linhas 03 e 04); o estudante usa o dêitico “*naquela região*” para retomar a expressão “*rio São Francisco*”, como também notamos em “*ele até gosta de cigarros mas odeia quando são jogados no rio, quando isso ocorre*”, (linhas 12,13 e 14); percebemos, assim, que houve a retomada de uma ação, o fato de jogarem cigarros no rio, pelo emprego da expressão “*quando isso ocorre*”.

Considerando as operações de retextualização seis e sete, observamos que o ESTUDANTE 03 faz uso das duas operações, pois utiliza as estratégias de reconstrução e substituição. No primeiro caso, faz reordenações sintáticas de acontecimentos narrados no texto base, trazendo para o desenvolvimento da produção escrita informações presentes no final. No segundo caso, faz substituições que ficam mais próximas da linguagem formal, como verificamos em “*Diz a lenda*” e “*até os dias de hoje*”, expressões características de um recorto.

Em relação as oitava e nona operações, emprego de estratégia estruturação argumentativa e condensação de ideias, o ESTUDANTE 03 faz uso parcialmente da nona operação, visto que, agrupa algumas ideias argumentativas que aparecem no texto base, no entanto; elimina por completo os exemplos narrados pela historiadora dos fatos da sua infância, relacionados à história do Nego D’água, fatos esses, que poderiam enriquecer a produção escrita do aluno, ou seja, desconsidera informações importantes na retextualização. No que diz respeito à oitava operação, não é emitido opinião sobre os fatos contados, portanto, não foi usada na retextualização.

Portanto, concluímos, a partir da análise, que o ESTUDANTE 03 demonstra ter o domínio da maioria das operações de retextualização, pois consegue aplicá-las na produção escrita, porém, ainda apresenta dificuldade em algumas delas, as quais poderão ser sanadas mediante um trabalho de intervenção pedagógica.

Por último, passemos à análise do texto do ESTUDANTE 04:

Figura 6 – Retextualização da lenda do Nego D'água (ESTUDANTE 04, 9º ano A)

NEGO D'ÁGUA

Conta a lenda que no rio São Francisco, existe um menino de pele morena, aparência bonita, meio homem, meio loba. Este menino é popularmente conhecido como NEGO D'ÁGUA, que em quase todos os momentos brinca com o labollo d'água pelo domínio do rio anteriormente citado, apaixonado por moças bonitas de loças grossas, que quando perto do rio estão distraídas, ele as puxam para o fundo, as matando asfixiadas. Não gosta de ninguém que polua o rio, jogando garrafas, fumos, e outros lixo. E falando de fumos, ele adora fumar.

pescaadores contam que ele já balançou suas pernas, e algumas moças e turistas falam que já viram sua imagem em forma de reflexo no fundo ~~do~~ rio.

Contam também que o Nego d'água, costuma puxar para o fundo do rio e fazer de exera-
-ras, aqueles que poluem o mesmo. Então vamos respeitar o nego d'água. Pois ele é um ser fantástico, e não desrespeita, ninguém, e não ser que seja desrespeitado.

No texto em análise, podemos constatar o uso da estratégia de eliminação logo no início do reconto, como verificamos em “*Conta a lenda*”, (linha 01), adaptado pelo estudante para o texto escrito, enquanto no texto base, verificamos o uso de “**Nós temos**” (linha 01), emprego do pronome egótico (nós), que foi eliminado na retextualização. Notamos também que o ESTUDANTE 04 usa a estratégia de eliminação das marcas interacionais, característica da primeira operação do processo de retextualização, presentes do texto base, como se verifica em: “**eh**”, “**imagine vocês**” e “**ai**” (linhas 01, 18 e 20).

Além disso, utiliza a estratégia de inserção de pontuação e paragrafação, presentes na segunda e quarta operações, sugeridas por Marcuschi (2010), como notamos no trecho “*no rio São Francisco [,] existe um menino de pele morena [,] aparência bonita [,] meio homem [,] meio lodra [,]*”; no qual o ESTUDANTE 04 emprega a vírgula e ponto na produção textual mesmo cometendo alguns desvios no uso da pontuação. Em relação à paragrafação, essa é inserida a partir do uso das expressões “*Conta a lenda*”, “*pescadores comtam*” e “*comtam também*”, que apresenta um desvio da norma padrão, porém confere ao texto uma característica do reconto, uma vez que é comum o uso da palavra “contam” em recontos orais e escritos.

Ademais, encontramos na retextualização a estratégia de reformulação, presente na quinta operação, por meio do uso das palavras “menino” e “Este”, para fazer referência ao Nego D’água, como verificamos nos exemplos: “*existe um menino de pele moreno*”, “*Este menino*”, “*popularmente conhecido como NEGO D’AGUA*”, (linhas 02, 04, 05 e 06).

Tanto na produção oral, como na escrita, são dadas informações sobre o mito, no entanto, o ser mitológico só é citado posteriormente, essa estratégia é usada no texto base, como confirmamos em “**o mito é uma figura , que todo mundo onde o rio passa, lembra dele**”, “**é o Nego D’água**”, (linhas 05 e 06) e na produção do ESTUDANTE 04, como verificamos, em “*no rio São Francisco, existe um menino de pele morena, aparência bonita, meio homem, meio londra. Este menino é popularmente conhecido com NEGO D’AGUA*”.

Notamos também o uso da sexta e sétima operações de retextualização, a saber, estratégia de reconstrução e de substituição. Em seu texto o ESTUDANTE 04 reconstrói estruturas sintáticas, como verificamos em “*apaixonado por moças bonitas de coxas grossas, que quando perto do rio estão distraídas, ele as puxam para o*

fundo, as matam asfixiadas”, (linhas 09 e 10), diferente da estrutura do texto escrito lido em sala **“apaixonado por moças de coxas grossas e bonitas. Se ele as encontra desprevenidas , arrasta para o seu reino no fundo do rio;”**, (linhas 08, 09 e 10). Mesmo não cumprindo algumas exigências da norma padrão, a retextualização apresenta características do texto escrito, como verificamos em “moças bonitas”, na produção escrita do ESTUDANTE 04 que traz o adjetivo “bonitas” para próximo do substantivo “moças” e usa a concordância corretamente, além de usar o pronome “as” duas vezes para retomar o referente “moças”. Faz uso de substituições a partir de novas escolhas lexicais, como observamos nos exemplos anteriores **“desprevenidas”** por *“distraindas”*, **“arrasta”** por *“puxam”* e **“se ele as encontra”** por *“quando perto do rio”*.

No tocante ao uso da oitava e nona operações, o uso de estratégia de estruturação e condensação de ideias argumentativas, o ESTUDANTE 04 faz uso da oitava operação, como verificamos em “Então vamos respeitar o nego d água. Pois ele é um ser fantástico, e não desrespeita, ninguém, a não ser que seja desrespeitado”. Mesmo cometendo desvio da norma padrão no emprego de duas palavras, o estudante emite opinião acerca dos fatos narrados. Já em relação à nona operação, muitas informações argumentativas presentes no texto base, como fatos da infância da historiadora, que estabeleciam relações com a narrativa, não aparecem na retextualização do estudante, o que compromete o reconto, já que essas informações engrandecem os fatos narrados.

Sendo assim, a partir da análise do texto, concluímos que o ESTUDANTE 04 apresenta maturidade em relação ao processo de escrita, com ênfase na retextualização, pois faz uso de oito das nove operações de retextualização propostas por Marcuschi (2010).

Com base nos textos analisados, percebemos que os alunos usam a maioria das operações de retextualizações propostas por Marcuschi (op.cit), o que consideramos ser positivo, no entanto, se lançarmos um olhar mais atento, notamos que é necessário um trabalho de intervenção pedagógica para que os alunos melhorem as estratégias usadas no processo de retextualização, já que muitas delas foram empregadas de forma bem elementar, a exemplo dos títulos dados aos textos, visto que, dos quatro textos em análise, três estudantes repetiram o mesmo título “O Nego D´água”, sendo que o ESTUDANTE 01, não deu título ao texto. Dessa forma, entendemos que alunos poderiam ter usado a estratégia de substituição do título,

optando assim, como sugere Marcuschi (2010, p. 86), pelo uso de “[...] novas opções lexicais...”, adequando suas escolhas ao texto narrado, como estratégia para prender a atenção dos leitores.

Percebemos, a partir das retextualizações, que todos os estudantes utilizaram o processo de eliminação que, de acordo com Marcuschi (2010, p. 77), “[...] estas eliminações já somam cerca de 10% a 20% do material fônica do texto falado, dependendo do gênero textual e de seu grau de espontaneidade”. Nesse sentido, consideramos que os estudantes fizeram adaptações necessárias do texto oral para o escrito, visto que, como afirma o autor, eliminaram marcas interacionais, uso de hesitações, partes de palavras, repetições, reduplicações e uso dos pronomes egóticos, estratégias presentes nas operações um e três do processo de retextualização.

No que diz respeito ao uso da segunda operação de retextualização, introdução da pontuação, para Marcuschi (op.cit, p. 78), “[...] a decisão de situar este procedimento aqui deve-se à consideração do aparecimento de uma pontuação (quase espontânea) dependente principalmente de fenômenos prosódicos, em especial a entonação”. Nesse sentido, notamos que os estudantes utilizaram a pontuação, mesmo apresentando alguns desvios em relação à norma padrão, e verificamos, também, que esse uso está atrelado à entonação da fala da entrevistada, uma vez que a pontuação ocorre em trechos semelhantes nas produções dos estudantes.

Ainda considerando a estratégia de inserção, agora relacionada à quarta operação, uso de paragrafação e pontuação sem modificação dos tópicos discursivos, notamos a partir da análise, que dos quatro textos, três fizeram a inserção de paragrafação (ESTUDANTE 01, ESTUDANTE 03 e ESTUDANTE 04), entretanto, percebemos que houve mudança na organização das ideias do texto, ou seja, os estudantes modificaram a ordem dos tópicos discursivos na produção escrita.

No tocante ao uso da estratégia de reformulação, como orienta Marcuschi (op.cit), utilização de dêiticos para retomar ações e palavras usadas em determinado contexto, contidas na quinta operação, verificamos que todos os textos analisados, fizeram uso dessa estratégia, que poderia ser aprofundada posteriormente, na sexta operação, por meio de reconstrução, porém, o texto do ESTUDANTE 02 apresentou muitos problemas em relação ao uso dessa estratégia, visto que o encadeamento de

ideias foi comprometido pela ausência de alguns marcadores textuais ou pela a repetição dos mesmos operadores, característica mais comum no texto oral. No entanto, notamos o uso da sexta operação nos demais textos analisados.

Ainda, seguindo as sugestões de Marcuschi (op.cit), referentes às estratégias de *estruturação argumentativa* e *condensação de argumentos*, presentes, respectivamente, na oitava e nona operação de retextualização, notamos que essas foram as estratégias menos utilizadas pelos estudantes. A oitava operação aparece somente nos textos do ESTUDANTE 01 e 04 os quais se posicionam emitindo opiniões pessoais acerca dos fatos narrados. Já no que diz respeito à utilização da nona operação, os estudantes a usaram parcialmente, uma vez que, na condensação de ideias argumentativas, eliminaram argumentos presentes no texto base, como fatos contados pela historiadora juazeirense, Maria Izabel, de experiências pessoais que consideramos relevantes para melhor contextualização da história narrada, pois, entendemos que, a partir delas, é possível despertar no leitor a imaginação acerca da cultura popular local.

Dessa forma, a nona operação, como afirma Marcuschi (op,cit, p. 87), “[...] não equivale a uma estratégia de resumo, nem de eliminação sistemática de informação. [...]”. Nesse sentido, o autor ainda alerta que realizar o processo de retextualização não se trata de manter todas as informações do texto base, mas que sejam mantidas proporcionalmente a mesma quantidade no primeiro e no segundo texto. Ainda a respeito disso, Marcuschi (op.cit, p. 87) destaca que “[...] o menor volume de informações de linguagem se dá por eliminação dos elementos típicos da fala e não por seleção de informação com objetivo de condensar os textos. [...]”. Portanto, concluímos que os estudantes não utilizaram a nona operação de forma eficaz, visto que desconsideraram informações imprescindíveis para a construção da narrativa.

Em resumo, a análise dos dados nos permitiu concluir, que é possível desenvolver uma proposta de retextualização, no ambiente escolar, uma vez que, os textos produzidos pelos estudantes apresentaram a maioria das estratégias de retextualização propostas por Marcuschi, sendo assim, percebemos que há possibilidade de melhorar essas produções, a partir de uma proposta de intervenção que oriente o professor de língua Portuguesa, na realização deste trabalho em sala de aula.

5 SOBRE A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Considerando que o ambiente pedagógico é o espaço para construção significativa do conhecimento, no qual o professor é um dos protagonistas fundamentais, para transformar uma realidade, cabe ao docente desenvolver em sala de aula propostas de atividades que possibilitem aos estudantes momentos de leitura e produção textual, através de diversos gêneros textuais, pois entendemos que o processo ensino e aprendizagem da língua devem ser mediados pelos textos, uma vez que nos comunicamos e interagimos por meio deles.

Sendo assim, o objetivo da proposta é em produzir material de apoio para fins de formação continuada de professores com a temática da retextualização textual, possibilitando, assim, promover reflexões teóricas sobre o trabalho de produção escrita, nas turmas de 8º e 9º ano, séries finais do ensino Fundamental.

Nessa perspectiva, trazemos cinco propostas de atividades, que serão desenvolvidas nas aulas de língua portuguesa, e estão organizadas em momentos pedagógicos, sendo o último, uma proposta de retextualização a partir de *lendas e mitos* do rio São Francisco, que dará origem aos gêneros: história em quadrinhos, memória literária, peça teatral, conto e reconto.

Sugerimos que as atividades sejam desenvolvidas, pelo menos duas vezes por semana, já que traz expectativas de aprendizagem previstas no currículo do estado de Pernambuco, sendo assim, não podem ser consideradas descontextualizadas da dinâmica da sala de aula. Por isso, acreditamos que o desenvolvimento das atividades só enriquecerá os sujeitos envolvidos no processo.

Portanto, trazemos sugestões de atividades de retextualização para os professores de língua portuguesa, desenvolverem na escola estadual Núcleo de Moradores 06, porém, nada impossibilita que outras instituições realizem esta proposta e faça as adaptações necessárias de acordo com a sua realidade.

5.1 CADERNO PEDAGÓGICO

Levando em consideração que o processo ensino e aprendizagem são complexos, e que precisa ser pensado pelos que fazem a educação, inclusive o professor de Língua Portuguesa, é que este *Caderno Pedagógico* foi elaborado.

Diante dos entraves que dificultam o ensino da língua, é necessário planejar atividades que contribuam para a prática docente no contexto escolar, e que considere o aluno como principal protagonista da aprendizagem. Por isso, optamos por sistematizar o conhecimento teórico de forma mais clara, para que o professor possa utilizá-lo em sala de aula. Cabe ressaltar que escolhemos a teoria sociointeracionista de embasamento, pois acreditamos que ela possibilita um trabalho mais dinâmico, já que considera o aluno como sujeito ativo durante todo o processo.

Nesse sentido, apresentamos cinco propostas de retextualização a partir do livro “Lendas e mitos do rio São Francisco”, da escritora e historiadora juazeirense, Maria Izabel Muniz Figueiredo (Bebela). Porém, ampliaremos o acesso a outros gêneros textuais, já que acreditamos que isso enriquecerá o desenvolvimento da proposta. O *Caderno Pedagógico* será disponibilizado aos professores de Língua Portuguesa das turmas 8º e 9º anos, como material de apoio para formações posteriores, na escola Estadual Núcleo de Moradores 06, situada na zona rural da cidade de Petrolina, bem como também, será entregue na Gerência Regional de Educação, órgão que representa a Secretaria de Educação da rede estadual de Pernambuco.

Ressaltamos que as atividades aqui propostas, podem ser adaptadas para a realidade de outras escolas. Ou seja, o objetivo fundamental é produzir material de apoio pedagógico para fins de formação continuada de professores com a temática da retextualização, estando à pesquisadora disponível para realizá-la.

5.1.2 Retextualizando Lendas e Mitos do Velho Chico no ambiente escolar

O *Caderno Pedagógico* está organizado em cinco propostas de retextualização, que serão desenvolvidas nas aulas de língua portuguesa, sendo *1ª e 2ª Propostas de retextualização Da entrevista para história em quadrinhos e memórias literárias*, a *3ª Proposta de retextualização Da lenda para a peça teatral*, a *4ª Proposta de retextualização Da lenda para o conto moderno*, e, por último a *5ª Proposta de retextualização Da lenda para conto encantamento*. As propostas estão organizadas em momentos pedagógicos, sendo o último, uma atividade de retextualização a partir de *lendas e mitos* do rio São Francisco.

Imagem 3 – Capa do Caderno Pedagógico



1ª e 2ª Propostas de retextualização Da entrevista para história em quadrinhos e memórias literárias

Caro (a) professor (a),

A entrevista abaixo foi realizada na escola Estadual Núcleo de Moradores 06, localizada na zona rural do município de Petrolina – PE, com a escritora e historiadora Maria Izabel Muniz, conhecida na região por Bebela. Bebela faz um trabalho rememorando a cultura local, que procura valorizar a história de Juazeiro – BA e de cidades circunvizinhas.

Em meio a fotos, vídeos e relato de histórias relacionadas ao rio São Francisco, a historiadora nos recebeu calorosamente, no primeiro encontro em sua casa. A nosso pedido, visitou a instituição para participar de uma entrevista falando sobre as histórias que povoam o imaginário dos povos ribeirinhos.

Em um bate papo descontraído com estudantes, professores e funcionários da escola, Bebela nos contou sobre acontecimentos da sua vida, que se mistura um pouco com as histórias das lendas e mitos do rio São Francisco, além de falar um pouco sobre seu trabalho na região.

A seguir, detalharemos uma proposta didática a partir da entrevista realizada com Bebela, apresentando uma sequência de atividades que pode ser desenvolvida nos anos finais do Ensino Fundamental, para isso, especificaremos as expectativas de aprendizagem, assim como a escolha do gênero textual que será produzido, considerando as orientações do Currículo de Português do Estado de Pernambuco.

BOM TRABALHO!

Texto base: Gênero entrevista.

Retextualizando para os gêneros: história em quadrinhos e memória literária.

Tempo estimado: 6 aulas (50 min).

Série: 8º e 9º anos do Ensino Fundamental.

SUGESTÃO DE MATERIAL:

- Data show;
- Computador;
- Pendrive;
- Caixa de som;
- Cópia da entrevista transcrita.

Expectativas de Aprendizagem - Currículo de Português do Estado de Pernambuco:

- Analisar o efeito de sentido de elementos típicos da modalidade falada (pausa, entonação, ritmo, hesitações).
- Identificar as especificidades do gênero de um texto: seu objetivo comunicativo (propósito), seus interlocutores previstos e suas condições de produção.
- Produzir textos com objetividade, relatando fatos ou acontecimentos vividos ou ocorridos em determinado tempo e/ ou lugar.
- Produzir textos com objetividade, relatando fatos ou acontecimentos vividos ou ocorridos em determinado tempo e/ ou lugar.

1º MOMENTO: Despertando o interesse pela leitura

- ✓ Pergunte aos estudantes o que sabem sobre o gênero textual entrevista e quais tipos de entrevista eles já assistiram ou leram.
- ✓ Questione se já ouviram falar da historiadora juazeirense Bebela, personalidade que será entrevistada.
- ✓ Fale para os estudantes que eles irão assistir uma entrevista gravada na escola Núcleo de Moradores 06, instituição localizada na zona rural do município de Petrolina, com a professora e escritora Maria Izabel Muniz Figueiredo, conhecida na região como Bebela.

- ✓ Procure destacar as principais características, funcionalidade e contexto de produção do gênero textual entrevista.

Curiosidade

A entrevista é um gênero voltado para uma interlocução organizada. Para isso, costuma ter em mira uma finalidade imediata: o entrevistador quer saber algo do entrevistado e quer inteirar o leitor da informação a ser obtida. Perguntas e respostas se sucedem numa entrevista, a qual pode ter uma apresentação geral que a contextualizada.

Fonte: DISCINI, Norma; TEIXEIRA, Lucia. *Perspectiva Língua Portuguesa*, 9. 2 ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2012.

2º MOMENTO: Exibição da entrevista

- ✓ Exiba a entrevista gravada com Bebelá, e depois questione aos estudantes quais são as intenções comunicativas do gênero.
- ✓ Chame atenção para algumas características da entrevista, como: pausa, entonação, ritmo, hesitações, elementos típicos da oralidade.
- ✓ Fale para a turma, que a entrevistada é uma personalidade conhecida na região, por preocupar-se com o resgate da cultura local, chegando a ocupar cargos públicos de destaque e ter seu trabalho reconhecido nas cidades de Juazeiro - BA e Petrolina - PE.
- ✓ Converse com os estudantes acerca dos assuntos que aparecem na entrevista, chamando atenção para dados biográficos da vida da escritora, sua carreira profissional e a importância do livro *“Lendas e Mitos do rio São Francisco 1501 – 2011”*, para o resgate dessas histórias.
- ✓ Dialogue com a turma sobre a estrutura da entrevista, mostrando as principais características do gênero.

ESTRUTURA DA ENTREVISTA

Manchete ou título – Essa é uma parte que deverá despertar interesse no interlocutor envolvido, podendo ser uma frase criativa ou pergunta interessante.

Apresentação – É o momento em que se apresentam os pontos de maior relevância da entrevista, como também se destaca o perfil do entrevistado, sua experiência profissional e seu domínio em relação ao assunto abordado.

Perguntas e respostas – Basicamente, é a entrevista propriamente dita, na qual são retratadas as falas de cada um dos envolvidos.

Fonte: Secretaria de Educação de Pernambuco. Língua Portuguesa, 8º Ano, Gêneros textuais: cordel, entrevista, artigo de curta extensão.

3º MOMENTO: Leitura da entrevista escrita

- ✓ Solicite que os estudantes fiquem em duplas, e entregue a cópia da entrevista escrita realizada com Bebelá.
- ✓ Peça que façam a leitura, destacando os pontos abaixo, e depois socializem as respostas com a turma.
 - As principais características do gênero.
 - Marcas típicas da oralidade.
 - Assuntos abordados na entrevista.
 - Histórias citadas por Bebelá durante a entrevista.

Texto 1 – Entrevista com Bebelá

Hoje nós vamos conhecer a professora Maria Izabel Muniz Figueiredo, mais conhecida como Bebelá. Professora, juazeirense, graduada em Letras/ Língua Inglesa e Especialização em Metodologia do Ensino Superior pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Especialização em Língua Inglesa. Bebelá é autora dos livros *Lendas e Mitos do rio São Francisco 1501 – 2011*, *Memória San-franciscana e outras histórias*, *Vale do São Francisco – Imagens e Histórias e Juazeiro de todas as artes*.

1. PESQUISADOR: Bebelá, depois de conhecermos um pouco sobre a sua história, gostaria de acrescentar algo, que foge um pouco do roteiro do que escrevi sobre você?

BEBELÁ

Você falou quase tudo. Eu realmente dediquei minha vida ao magistério. Meu pai tinha marcado que eu deveria ser médica, porque todos os meus irmãos eram médicos e eu deveria ser, mas eu disse: eu quero ser professora, e ele não gostava,

mas eu fui pra São Paulo me preparar pra fazer o vestibular de medicina, mas lamentavelmente eu não fiz porque, fiz muitos cursos lá em São Paulo, me especializei em Inglês, balé, dança, violão, violino, piano. Tudo eu estudava, menos a medicina, eu já me preparava, mas lamentavelmente meu pai adoeceu, eu voltei pra Bahia, voltei pra Juazeiro. Ele faleceu e eu fiquei com pena de deixar minha mãe sozinha, porque só tinha outra irmã, a Maria da Graça, então eu fiquei. Quando eu voltei pra Juazeiro, eu fui aluna, aqui em Petrolina, do Colégio Clarice Lispector. Lá era de manhã, era os rapazes, os meninos, e à tarde era aula pra meninas, era assim. Depois deixavam um dia, uma quinta-feira tinha uma aula no Cora Coralina, a gente nem gostava do colégio, gostava mais do Clarice Lispector. E era muito amiga, eu era uma aluna muito boa de inglês, antes de ir pra São Paulo e o diretor, Padre Francisco. Eu era muito pintona, eu pintava, e ele gostava, mas eu gostava muito de inglês. Quando ele soube que eu voltei de São Paulo e tinha feito um curso, me fez uma visita. Oh Bebela, eu soube que você voltou, soube que seu pai morreu. Agora, eu vim lhe fazer um convite: você vai ensinar inglês no colégio Clarice Lispector. Ah minha gente, eu fiquei no maior orgulho, eu tinha 22 anos, imagine ficar no lugar do Padre Francisco pra ensinar inglês, fiquei tão orgulhosa, que não voltei mais pra São Paulo, pra fazer medicina, aí me transformei, me transformei, digo mesmo, em professora de inglês. Mas também ensinei em Juazeiro, na escola primária, fui professora do Jardim Infantil, professora do Primário, depois fui diretora do Colégio Rui Barbosa, já é Ginásio, Primeiro Grau e Segundo Grau. Diretora Geral do Colégio Estadual Lomanto Junior, em Juazeiro, quando eu pude implantar, Juazeiro tinha a escola Técnica do Edson Ribeiro, mas era muito cara, escola particular. E eu fui diretora do Lomanto que fica num bairro. E eu dizia: essa juventude faz o Ginásio, chamava Ginásio, 4 anos, e depois para. Dei cem viagens, cem, a Salvador, para implantar Contabilidade e Enfermagem, no colégio, e graças a Deus consegui implantar curso gratuito de Enfermagem, curso gratuito de Contabilidade, tudo isso. Quando terminei, mudou de governo, passei muitos anos por lá, veio à nova lei tirando esses cursos, e as diretoras que me substituíram não sustentaram, porque na Bahia em algumas cidades, eles continuam. Então, eu toda a minha vida dediquei ao magistério, assim, me sinto muito feliz.

2. PESQUISADOR: Existe uma relação muito forte entre sua história e a região do Vale do São Francisco. Como você descreve essa relação?

BEBELA

Eu nasci em Juazeiro da Bahia, rio São Francisco, meu pai nasceu na cidade da Barra, Barra do São Francisco, que fica mais subindo, lá para Pirapora, e sempre foi comandante de vapor, meu pai amava o rio São Francisco, minha mãe também apaixonada pelo rio São Francisco. Então, eu fui criada nessa coisa de amar o rio, de respeitar o rio São Francisco, as histórias de Juazeiro, as histórias de Lampião, a história de 1929, de 1930, Juazeiro não aderiu logo à revolução, ficou com Washigton Luís. As tropas vieram para Petrolina, Petrolina quis acabar com Juazeiro. Foi depois que a revolução, 1930 acabou, e a paz veio. Tinha a aviação baiana, tinha os navios, meu pai trabalhava nesses vapores. Se vocês não conhecem os vapores, eu gostaria de ter trazido o que nós fizemos a história da viação, dos vapores, como era as embarcações, mas lá na cidade, quem quiser ir têm os retratos do vapor, tem Benjamin Guimarães e o Barão Cotegipe, então, minha relação é toda essa. De a minha família ser tipicamente juazeirense, criada

sempre a beira do rio, falando do rio, dos vapores, do Nego D'água, Siana Branca, Iraty e assim minha vida foi.

3. PESQUISADOR: Você trabalhou em escolas públicas, particulares, universidades e foi secretária de Educação e Cultura de Juazeiro (BA). Quando você fez parte dessas instituições, de que forma as lendas e mitos foram trabalhados?

BEBELA

Olha nesse tempo, era muito trabalho, eu dava aula e ainda tinha o expediente, mas gente, quando eu fui Secretária de Educação e Cultura, eu deixei a secretaria um coral, uma filarmônica, a filarmônica de Juazeiro eram três, acabaram todas, mas essa daí, ainda fiz um documentário para o ministério da cultura e mandaram vinte instrumentos, deixei a Primeiro de Maio tocando, então, era um trabalho muito... mas eu cumpri minha missão, porque a Secretaria de Cultura não é só para resolver problema de professor, não, professor é a figura importante, o aluno, mas a parte cultural, a parte cultural, tanto Juazeiro e Petrolina. Juazeiro tem a Secretaria de Cultura, todo dia eu reclamo, eu agora fiz no meu celular, 05 de março dia da Cultura, vocês falam tanto em cultura, o que foi que houve de cultura, Juazeiro está perdendo sua identidade cultural, cadê os técnicos de reis, os corais, os reis de bois, os penitentes, os congos de Juazeiro, as danças de véio. O samba de véio é de Juazeiro, do Rodeadoro, onde é que estão, cadê a cultura? E aqui, deixo aqui neste momento, a diretora, me encantei com esta escola, com os alunos, estão me ouvindo aqui pacientemente, que criem um coral, um coral é a alma do colégio, se vocês tiverem um coral, vocês terão alunos, eles são ótimos, mas ficarão melhores ainda, mais educados, educadíssimos, prestando atenção, falando comigo, isso é importante. Eu acho que é a parte cultural, a parte das artes, a arte é a vida, é que ilumina, dá colorido a vida da gente, é a arte, é a beleza, e o coral é uma coisa linda, todo coral. Deixo aqui minha mensagem, criem um coral, criem um coral de vocês. Eu tive um coral...

4. PESQUISADOR: Às margens do rio São Francisco, na cidade vizinha, Juazeiro (BA), há a estátua que todos chamam de Nêgo d'Água. Poderia nos contar um pouco sobre a lenda desta estátua?

BEBELA

Quando eu era pequena, meu avô tinha uma roça, a gente não chamava vovô, a gente chamava loio, minha baianidade nagô, por isso toda sexta-feira baiano veste branco, baianidade nagô – africano. Então, toda noite lá na fazenda, na roça de loiô, a gente não chamava vovô, mas loiô, que era africano como chamava o avô. loiô Inéas, era o barão Inéas o homem mais rico de Juazeiro, quase dono daquelas terras todas. De noite, era férias, ia pra roça de loiô. Aí, tinha história, contadores de histórias. Sinhá Luiza, era Senhora Luiza, mas a gente chamava Sinhá Luiza, contava tanta história do Nego D'água, que ela viu o Nego D'água, que o Nego D'água disse que ia dá um anel de ouro pra ela. E eu acreditava, eu era pequena. Aí, menina não vou dizer. Um dia, nós fomos tomar banho na baixa, tem o rio, aí tem uma baixa, aí todas as minhas primas êh, êh, lá vem, e eu muito mole, fiquei sozinha. Espera aí que eu já vou descer. Bebelá, olha o Nego D'água aí, quando olhei pra o rio, eu vi o Nego D'água, eu vi uma canoa, eu vi o Nego D'água, fazendo batuque, igual Sinhá Luiza me contava, eu fiquei encantada, eu queria correr, eu queria chorar, mas não podia.

Fonte: Transcrito pela pesquisadora, 2018.

4º MOMENTO: Compreendendo o gênero para retextualizar

A partir deste momento, apresentaremos duas propostas de trabalho, uma para 8º e outra para o 9º ano. As atividades serão desenvolvidas para que os estudantes compreendam melhor os gêneros história em quadrinho e memórias literárias, que serão os novos textos produzidos a partir da entrevista.

Para a retextualização é importante considerar:

- As características dos gêneros.
- Funcionalidade.
- Contexto de produção.
- Os interlocutores.
- Manutenção de informações do texto base, mesmo que de forma parcial.
- Reescrita.

Escolhemos trabalhar com esses gêneros, porque estão no Currículo de Português do Estado de Pernambuco e são estudados, respectivamente, nas duas turmas, sendo assim, acreditamos ser uma ótima oportunidade para o professor desenvolver esta proposta.

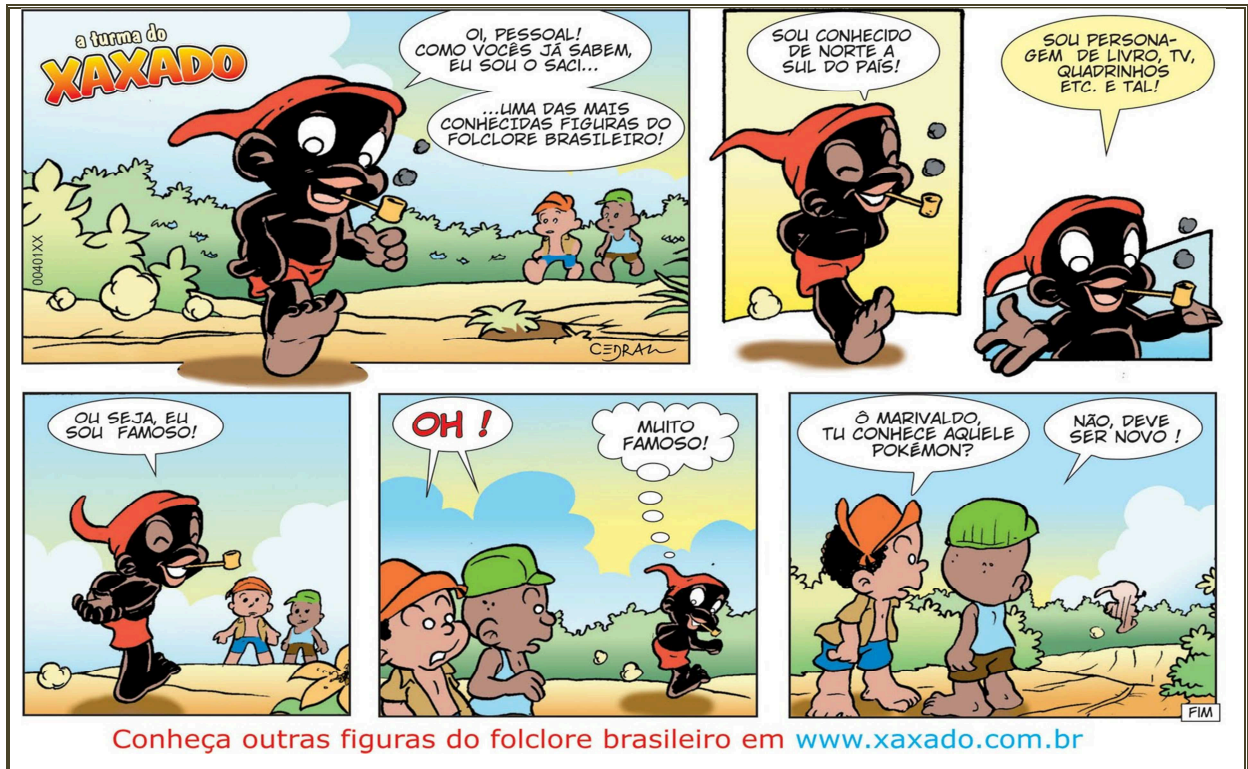
A seguir, explicaremos melhor como desenvolver o trabalho:

PROPOSTA PARA O 8º ANO

- ✓ Organize a turma em dupla e entregue cópias da história em quadrinho.
- ✓ Peça aos estudantes que façam a leitura, observando os pontos abaixo, os quais podem está juntos com a cópia do texto, ou serem escritos no quadro pelo professor.
 - Comentar sobre a personagem folclórica que aparece na história.
 - Assunto trabalhado.
 - Efeito de humor produzido pelo texto.

- Organização do texto e função.
- Linguagem utilizada.
- Onde o texto circula socialmente e quais seus interlocutores.

Texto 2 – História em quadrinhos



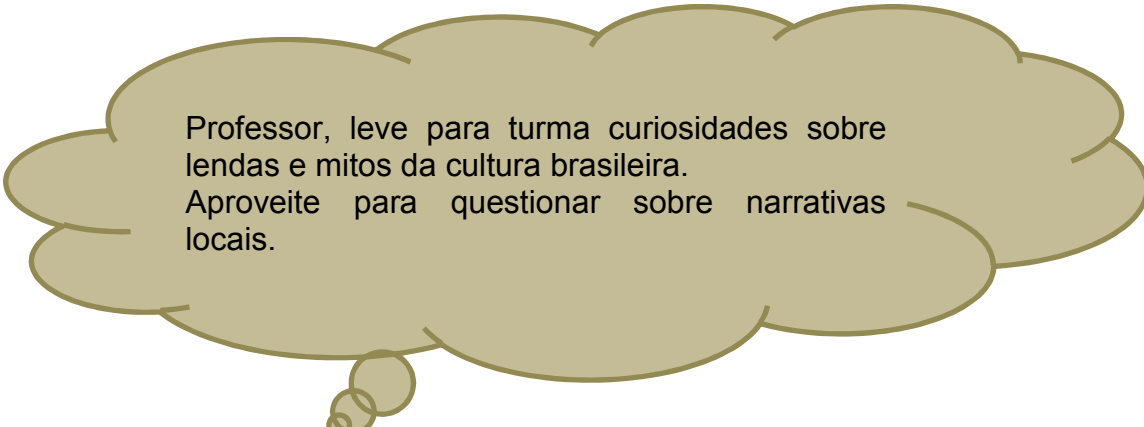
Depois da leitura da história em quadrinhos, converse com a turma sobre cada ponto observado. Neste momento, é relevante considerar o que os estudantes perceberam, e somente depois apresentar algumas informações não observadas por eles.

Nesse sentido, cabe destacar:

- ✓ Que a história traz um personagem folclórico, o Saci, conhecido como um negrinho muito peralta, de uma perna só, que usa gorro e cachimbo.
- ✓ Comente sobre o sentido da palavra “famoso”, interaja com a turma questionando se o Saci era mesmo famoso para os meninos.
- ✓ A tirinha traz uma reflexão sobre o fato de o Saci achar que era conhecido pelas crianças, ao afirmar que: “como vocês já sabem, eu sou o Saci” e acrescenta: “... uma das mais conhecidas figuras do folclore brasileiro”. Entretanto, as crianças demonstram não conhecer o personagem, tanto que o

menino pergunta: “tu conhece aquele Pokémon?” e Marivaldo, responde: “Não, deve ser novo”.

- ✓ É importante ressaltar que a história em quadrinho tem como função, transmitir ideias e provocar reflexões sobre assuntos diversos, por meio de efeito de humor.
- ✓ Na história lida, o humor é provocado pela quebra de expectativa, presente no último quadrinho, quando as crianças desconhecem o personagem Saci.
- ✓ Converse com a turma sobre os gostos desta geração, influenciada pelas novas tecnologias, já que na tirinha, as crianças conhecem o Pokémon, criatura de videogame, que foi adaptada para desenho, no entanto, não conhecem um personagem folclórico da cultura brasileira.



Professor, leve para turma curiosidades sobre lendas e mitos da cultura brasileira. Aproveite para questionar sobre narrativas locais.

CURIOSIDADE

De onde vem o (s) Saci (s)?

Segundo a crença popular os Sacis vivem setenta e sete anos e se originam do bambu. Após sete anos de “gestação” dentro do gomo do bambu ele sai para uma longa vida de travessuras e quando morre se metamorfoseia em cogumelos venenosos ou em “orelhas de pau”. Quem é do interior ou já foi ao campo a passeio deve ter visto alguma vez, uma espécie de cogumelo que se forma nos troncos das árvores e que se parece com uma orelha. É isso que os matutos chamam de “orelha de pau”.

Fonte: <https://www.infoescola.com/folclore/a-lenda-do-saci-perere/>

- Outros pontos a serem considerados:
 - ✓ Em relação à organização, as histórias em quadrinhos narram uma história em quadro, com balões, escrita normalmente com letra de forma e maiúscula.
 - ✓ As histórias em quadrinhos geralmente empregam linguagem verbal e não verbal.
 - ✓ Os gêneros normalmente são publicados em revistas, jornais e livros didáticos, e na maioria das vezes tem como público alvo, as crianças e adolescentes.

5º MOMENTO: Retextualizando - Da entrevista para a história em quadrinho

- ✓ Peça aos estudantes do 8º ano, que produzam o gênero textual história em quadrinhos, a partir da lenda do Nego D'água contado por Bebelá durante a entrevista.

PROPOSTA PARA O 9º Ano

- ✓ Organize a turma em dupla e entregue uma cópia do texto “É só fechar os olhos e lembrar”, da aluna Yasmin Eduarda.
- ✓ Peça aos alunos que façam a leitura e destaquem o que mais chamou a atenção no texto.

Texto 3 – Memória literária

É só fechar os olhos e lembrar!
Aluna: Yasmin Eduarda Alves

É só fechar os olhos e lembrar! Naquele tempo a vida não era fácil, mas éramos felizes apesar das dificuldades. Morávamos em uma fazenda no município de Catalão. Papai era meeiro, plantava arroz, milho, feijão, engordava porco e criava galinha caipira. Tudo dividido meio a meio com o patrão que entrava com a terra e os recursos e papai com o trabalho braçal. Éramos ao todo sete filhos, uma escadinha como diziam, todos nascidos por mãos de parteiras. Nós, os meninos, frequentamos pouco a escola rural da região, aprendemos basicamente a ler e a fazer contas, papai dizia que era o bastante. As meninas ficavam em casa ajudando

mamãe nos afazeres domésticos, aprendiam a cozinhar, costurar e bordar, eram preparadas desde cedo para o casamento, para serem as “Rainhas do lar”.

O caminho para a escola era um verdadeiro pomar do cerrado onde nos deliciávamos com frutas fresquinhas colhidas na hora: mangaba, bacupari, murici, gabiroba. Íamos brincando estrada afora, a natureza nos ofertava brinquedos de graça e em abundância, plantas nativas como lobeira era nossa bola e com os marmelos disputávamos quem conseguia jogá-los mais longe.

É só fechar os olhos e lembrar! Nossa casa era feita de pau a pique e barro batido, bem simples, mas cheia de amor por todos os cantos. No fogão a lenha, um caldeirão de feijão sempre a cozinhar para não azedar. Não existia luz elétrica, nossas noites eram iluminadas pela lamparina a querosene, pela lua e pelas estrelas. No quintal uma pequena moita de bananeira, um forno de barro e um trieiro que nos levava até o córrego manso e cristalino que passava a poucos metros da nossa casa. Era lá que mamãe lavava nossas roupas e os vasilhames.

A lida na fazenda começava bem cedo, antes do raiar do sol, ao primeiro canto do galo carijó. Mamãe preparava o café forte, socado no velho pilão feito com tronco de aroeira. Papai, os irmãos mais velhos e eu íamos para o trabalho na lavoura ou no roçado, mal conseguíamos erguer a enxada ou a foice. As vestimentas pareciam colchas de retalhos coloridas, tamanho número de remendos que mamãe colocava. Tudo era reaproveitado passando dos mais velhos para os mais novos.

Aos domingos reuníamos a criançada para tomarmos banho no córrego, era uma festança, subíamos em um ingazeiro e de seus galhos pulávamos nas águas límpidas do ribeirão, era “tchbum” atrás de “tchbum”. Depois, enquanto chupávamos os ingás, doces como mel, recebíamos a visita do balé de borboletas multicores que pousavam nas margens barrentas. – Ah! Obra-prima da natureza aquela visão! À noite, como não conhecíamos avião, quando um cruzava o céu estrelado, dizíamos que era “Rilimbimbim”. Até hoje não sei o que isso significava para nós.

É só fechar os olhos e lembrar! Consigo sentir o aroma da terra molhada pelo orvalho ao amanhecer, o alvoroço dos pássaros após um dia de chuva agradecendo a Deus a natureza exuberante que tudo nos dava. Tudo que plantávamos, colhíamos. Como eu era feliz naquele lugar!

Cresci, casei, tive três filhas, mas o progresso chegou e nos expulsaram de lá. Todas as terras da região foram vendidas para dar lugar a uma grande barragem. Mudei com esposa e filhas para a cidade, tive que me adaptar à nova vida.

Hoje, não sinto mais o cheiro da terra molhada e sim do asfalto seco, não ouço a sinfonia dos pássaros e sim o buzinar enlouquecido dos carros. As crianças não conhecem lobeira, bacupari, cutelo etc., fazem parte de uma geração informatizada, passam horas nas redes sociais e pouco brincam entre si.

Então, fecho os olhos e choro! Um choro doído, por ver meu pedacinho de chão transformado numa imensidão de água, a natureza perdeu para o homem, os pássaros foram embora, o córrego não existe mais e o pouco que sobrou do cerrado em volta pede socorro.

Sinto eclodir do meu íntimo lembranças de um tempo que não volta mais, são as memórias de um sertanejo que saiu da terra, veio para a cidade, porém a terra não saiu de mim, pois as lembranças estarão vivas em minha mente até o último fechar de minhas pálpebras.

É só fechar os olhos e lembrar!

(Texto baseado em entrevista feita com o senhor Gerson Vieira dos Santos, 60 anos.)
 Professora: Beatriz Bernardes Leite Escola: E. M. Nilda Margon Vaz – Catalão (GO).
 Fonte: Ministério da Educação. Olimpíada de Língua Portuguesa, textos finalistas, 2016.

- ✓ Após a leitura, converse com a turma sobre o texto.
- ✓ Por se trata de um texto de memória, é importante destacar que é narrado em primeira pessoa, contando experiências vividas pelo autor em épocas passadas.
- ✓ Trabalhe a predominância dos verbos no passado, com ênfase no pretérito perfeito e imperfeito.

Vamos relembrar os verbos no pretérito perfeito e imperfeito

PRETÉRITO PERFEITO - Expressa uma ação que foi concluída no passado, uma ação que não era habitual, que não se prolongou nem se repetiu.

PRETÉRITO IMPERFEITO - Expressa um fato ocorrido no passado, um fato que ocorria repetidas vezes, que era habitual.

Fonte: Fonte: Secretaria de Educação de Pernambuco. Língua Portuguesa, 7º Ano, Diferença de sentido entre os verbos nos tempos pretérito perfeito e imperfeito na construção da narrativa.

- ✓ Instigue a turma fazendo perguntas:
 - O que mais chamou sua atenção no texto?
 - Que fatos de memórias são narrados?
 - Há palavras no texto que vocês desconhecem o significado?
 - Que sentimentos afloram no narrador ao recordar fatos do passado?

5º MOMENTO: Retextualizando - Da entrevista para memória literária

- ✓ Solicite aos estudantes do 9º ano, que escrevam uma *memória literária* da historiadora Bebela, destacando a influência das lendas e mitos, relacionados a fatos da infância da escritora na construção da sua própria história.

3ª Proposta de retextualização Da lenda para a peça teatral

Orientação

Prezado (a) professor (a), apresentaremos, a seguir, quatro lendas do livro *Lendas e mitos do rio São Francisco 1501-2011*, da escritora juazeirense Maria Izabel Muniz Figueiredo, mais conhecida na região por Bebela.

As lendas foram escolhidas, levando em consideração as histórias que trazem o rio São Francisco como cenário dos acontecimentos, um rio que inspira a criação de algumas narrativas e é responsável pela sobrevivência de muitas pessoas na região.

Sugerimos que, para despertar nos alunos a valorização e reviver as histórias que povoam o imaginário dos ribeirinhos, exiba o vídeo “Espetáculo “Opará” - Projeto Valores de Minas – da Odeon Companhia Teatral”.

Para isso, será disponibilizado o link do vídeo e a gravação para que possa levá-lo para sala de aula.

A proposta que segue, almeja que os alunos façam a leitura em equipe e discutam acerca da leitura realizada, sendo orientados por questionamentos entregues pelo professor.

Depois das atividades realizadas, será solicitado a cada equipe, que faça uma adaptação das lendas para gênero peça teatral.

Texto base: Gênero lenda.

Retextualizando para o gênero: Peça teatral.

Tempo estimado: 8 aulas (50 min).

Série: 8º e 9º Ano.

Expectativas de Aprendizagem - Currículo de Português do Estado de Pernambuco:

- Retextualizar texto escrito para oral, considerando a situação discursiva.
- Planejar previamente o gênero oral (peça teatral), considerando a situação discursiva.
- Estabelecer relações entre diferentes gêneros considerando suas especificidades: contexto de produção, organização composicional, gráfica, marcas linguística e enunciativas.
- Relacionar uma obra de ficção, poesia ou peça teatral ao momento contemporâneo, reconhecendo a atualidade da literatura.

SUGESTÃO DE MATERIAL:

- Xerox dos textos;
- Data show;
- Computador;
- Pendrive;
- Caixa de som.

1º MOMENTO: Despertando o interesse pela leitura

- ✓ Questione os alunos o que é uma lenda, se conhecem alguma, sobre a qual possam fazer um pequeno reconto oralmente.
- ✓ Peça que eles leiam o nome da autora das lendas e pergunte se eles sabem alguma informação a respeito da escritora.

2º MOMENTO: Leitura das lendas

Sugerimos que a turma seja dividida em 04 (quatro) equipes, para a leitura das lendas, que poderão ser entregues aleatoriamente e, depois da leitura, que as equipes sejam instigadas a discutirem as narrativas, a partir das questões entregues

pelo professor. E por último, façam um reconto oral da lenda e apresente as respostas das discussões realizadas em equipe.

Abaixo, segue as questões que deverão ser entregues às equipes:

Caro aluno, a partir da leitura realizada, responda os questionamentos:

- 1) Lendo o título da lenda, você consegue identificar alguma palavra que faz referência a algo da nossa região? Se sim, justifique o que é.
- 2) Em que local a história acontece? Que trechos da narrativa evidencia sua resposta?
- 3) Considerando que lenda é uma narrativa, destaque os elementos (narrador, enredo, personagens e tempo).

Texto 4 – Lenda

LENDA DA SERPENTE DA ILHA DO FOGO

Há muitos anos morava na cidade de Juazeiro uma família que tinha uma filha muito bonita, e ela nem percebia que era possuidora de tão grande beleza. Mas certo dia, indo passear e ver o Rio São Francisco, ela chegou bem perto das águas que naquela hora estavam cristalinas, tal qual um espelho o que fez a jovem? Ficou a mirar-se nas águas e, vendo o seu rosto, sentiu o quanto era bela e ficou orgulhosa da sua beleza, a tal ponto que esqueceu da hora, dos pais, da sua casa, e ao badalar do sino, as dezoito horas, hora da Ave Maria, ela começou a sentir coisas estranhas e, aos poucos, foi se transformando em uma terrível serpente, que, nadando, atravessou o rio e foi se alojar debaixo do morro que há na Ilha do Fogo, que fica em frente à cidade de Juazeiro.

Há quem diga que esta terrível serpente até hoje está sob o morro com olhos de fogo olhando para Juazeiro, e presa por três fios de cabelo de Nossa Senhora das Grotas, padroeira de nossa Juazeiro, e, se cometerem muitos pecados, muitas injustiças sociais, a serpente se revoltará, e o fio de cabelo poderá partir, a serpente se soltará, se transformará numa enorme baleia e Juazeiro se transformará numa câmara de baleia...

A serpente da Ilha do Fogo continua sob o morro olhando Juazeiro com seus olhos de fogo... Vigiando... Vigiando... E muito bem. Dizem que dois fios do cabelo já partiram. Resta apenas um...

Fonte: FIGUEIREDO, Maria Izabel Muniz. *Lendas e Mitos do Rio São Francisco*. Juazeiro-BA: Editora Eletrônica, 2011.

Texto 5 – Lenda

LENDA DA ILHA DO FOGO

Conhecem a ilha do Fogo? Não? E a ilha que fica ali no meio do Rio São Francisco, não bem no meio, mas pra cá do que pra lá, entre Juazeiro e Petrolina.

Juazeiro tem ocupado muito mais e por isso, nós juazeirenses dizemos que ela é nossa. É juazeirense com certeza. Entre Juazeiro e ela, há tantas história, e estórias, e os juazeirenses souberam cativar e cultivar com carinho todas elas, ao longo dos séculos.

E vocês sabem por que ela é chamada Ilha do Fogo? Não sabem? Prestem atenção: Há muitos e muitos anos passados, os moradores desta região nas noites escuras e sem luar viam despontar daquele morro que hoje ainda existe na ilha umas labaredas que partiam de uma tocha gigante que ia aumentando... Aumentando e chegavam a iluminar o rio, os paquetes, canoas, barcos e tudo que estivesse sobre as águas do majestoso Rio São Francisco.

E assim recebeu o nome de Ilha do Fogo. E o que aconteceu depois?

Gente simples, gente do rio, paqueteiros barqueiros, canoeiros, pescadores, marinheiros da Viação Bahiana do São Francisco, atual FRANAVE, até os anos cinquenta ainda viam as tais labaredas que partiam do morro, e de uma tocha, mas desde que construíram uns galpões que ainda estão lá, e que abrigavam os motores geradores de força e luz para iluminar Juazeiro e Petrolina, a contar do dia da inauguração da energia e luz geradas naquela usina, era assim que o povo chamava os galpões, Usina da Ilha do Fogo, a serpente que mora sob o morro se zangou e jurou não mais iluminar as noites. Tem seus olhos de fogo olhando para Juazeiro, mas cortou as labaredas que saíam do morro. A claridade que saía do morro era ativada por seus olhos e iluminava tudo. Eis a razão da Ilha do Fogo, mesmo sem as labaredas serem vistas, elas continuam, só os privilegiados, os místicos podem vê-las.

Fonte: FIGUEIREDO, Maria Izabel Muniz. *Lendas e Mitos do Rio São Francisco*. Juazeiro-BA: Editora Eletrônica, 2011.

Texto 6 – Lenda

O MINHOCÃO

Acreditem. Pode botar fé, mas ele existe. Há no Rio São Francisco um minhocão tão grande, que faz tremer o mais forte dos gigantes.

Há quem diga que ele vive lá no fundo do rio, e, quando se zanga, ele sobe, vem para lamina d'água e sua melhor ocupação é ficar debaixo dos vapores (navios) barcos, lanchas, canoas e ajoujos, suspende-os e daí naufraga-os. É o terror dos marinheiros, comandantes, barqueiros, canoeiros...

Acredite!

Um caboclo d'água?

Sua maior diversão é fazer animados batuques nas coxias das barcas e proas dos vapores e popa das canoas.

Quem já o viu, conta que ele usa um cocar de penas de ema, tornando-se assim mais bonito e misterioso.

Costuma pedir fumo, e carregar moças bonitas para o fundo do rio e os marinheiros para torná-los escravos.

Tem boa voz e o seu canto, encanta.

Fonte: FIGUEIREDO, Maria Izabel Muniz. *Lendas e Mitos do Rio São Francisco*. Juazeiro-BA: Editora Eletrônica, 2011.

Texto 7 - Lenda



LENDA DAS CARRANCAS

Certa vez, um barqueiro viu que a barca iria naufragar. Sentiu medo e ouviu de um remeiro o seguinte:

- Patrão, a barca vai para o fundo do rio, e uma voz me disse que eu ouvisse a carranca e eu estou de olho nela. E o patrão orgulhosamente respondeu:

- Deixe de bobagem remeiro, vai trabalhar, pega a vara. Proteja a barca... E o remeiro ficou perto da carranca. E, atento, ouviu que ela deu um gemido... Ele

tremendo de medo deu um grito:

- Patrão, patrão, a barca vai pro fundo. Vamos aportar...

- Patrão: nada medroso; vamos é navegar. O pobre remeiro voltou-se para a carranca e logo ouviu dela mais dois fortes gemidos, e, naquele momento a barca foi para o fundo do rio, com o dono a tripulação e toda a (mercadoria). Só o remeiro que acreditou, conseguiu se salvar.

Conta-se por toda a carreira do rio, a carreira grande, de córregos e afluentes navegáveis que o remeiro, aquele que ouviu os gemidos, conseguiu se salvar e contando sua história, e desde então, todos os barqueiros e até comandantes de vapor, que costumavam ter uma carranca no seu camarote, ou qualquer lugar do navio começaram a prestar atenção à carranca, não como um enfeite, mas como protetora dos espíritos, contra o Nego D'água, o Minhocão, e outros duendes perigosos que moram no rio São Francisco, e jamais se esqueceram de que, depois de ouvir três gemidos de carranca, cuidavam de aportar, após o sinal de perigo, pois tudo indicava que a embarcação iria naufragar. Diz a lenda que ter uma carranca na proa assusta os perigos que moram no rio.

Fonte: FIGUEIREDO, Maria Izabel Muniz. *Lendas e Mitos do Rio São Francisco*. Juazeiro-BA: Editora Eletrônica, 2011.

3º MOMENTO: Exibição do vídeo

Recomendamos que seja exibido o vídeo "Espetáculo Opará" - Projeto Valores de Minas – da Odeon Companhia Teatral", para que os alunos tenham uma ideia de como acontece uma peça teatral.

Link do vídeo: (<https://www.youtube.com/watch?v=3dKzRz0VxIQ>)

É relevante que o professor pause o vídeo quando aparecem algumas personagens das lendas e mitos do rio São Francisco e dialogue com a turma, questionando se eles já ouviram falar dessas personagens e das histórias que elas aparecem.

CURIOSIDADE SOBRE O ESPETÁCULO “OPARÁ”:

O rio São Francisco, ou Opará, na língua das tribos tupi-guarani, foi tema deste espetáculo. Com direção geral de Carlos Gradim e roteiro de Eid Ribeiro, os alunos apresentaram de forma lírica e poética um pouco das tradições e da riqueza cultural do Velho Chico. Além das 14 apresentações previstas, feitas para um público superior a 8.000 espectadores, os 300 jovens que integram o projeto foram convidados a participar do Festival Verão Arte Contemporânea, que aconteceu em Belo Horizonte em fevereiro de 2008.

Fonte: <http://www.odeoncompanhiateatral.com.br/espeticulos/opara-projeto-valores-de-minas/>

4º Momento: Leitura de roteiro teatral

- ✓ Solicite que os alunos façam a leitura de um roteiro teatral, realizada pelas mesmas equipes que participaram da atividade do 2º momento, pois farão a adaptação das lendas para peça teatral.
- ✓ Converse com a turma sobre a estrutura do texto, questione se a organização é a mesma das lendas lidas anteriormente. Neste momento, entregue o texto teatral xerocado e peça que os alunos percebam as principais semelhanças e diferenças entre eles.
- ✓ Estimule os alunos a notarem as principais características do texto teatral, chamando a atenção para a apresentação das personagens, as falas, rubricas (que indicam o que os atores irão fazer em cena).
- ✓ Explique que o texto abaixo se trata de um trecho de uma peça teatral; portanto, apresenta apenas um ato.
- ✓ Aproveite para fazer uma comparação com o espetáculo “Opará” ao qual a turma assistiu, pois é importante que o aluno perceba que a peça teatral pode mobilizar muitos ou poucos atores, dependendo da organização do enredo.
- ✓ Enfatize as principais características de uma peça teatral.

CARACTERÍSTICAS DO TEXTO TEATRAL

As falas no texto dramático

Um texto teatral é produzido para ser representado, isto é, encenado por atores para que o público possa vê-lo. Para isso, nele são usadas **rubricas** ou **notações cênicas**, isto é, palavras ou frases que indicam, por exemplo, onde ocorrem os fatos, qual é a movimentação ou posição dos personagens no palco, alguma característica do ambiente, a quem um personagem se dirige no momento de uma fala, uma atitude ou sentimento de um personagem.

A estrutura de um texto teatral é diferente da de outros textos narrativos. Em crônicas e contos, por exemplo, as ações são apresentadas por meio do narrador. Já em um texto dramático, as falas dos personagens são um dos elementos mais importantes, pois nesse gênero textual, não há a presença de um narrador apresentando os fatos. Nele, tomamos conhecimento da história, principalmente, por meio das falas dos personagens [...]

Normalmente, o texto teatral é dividido em atos ou cenas, marcados por uma determinada duração de tempo. Os atos podem apresentar uma pausa da narrativa, permitindo a mudança de espaço, a entrada e saída de personagens das cenas.

Fonte: Massaud Moisés. Dicionário de termos literários. 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

Texto 8 – Peça teatral

A comunidade do Arco Iris de Caio Fernando Abreu **PERSONAGENS**

SEREIA	BASTIÃO
BAILARINA	TIÃO
BRUXA DE PANO	SIMÃO
MÁGICO	SOLDADINHO
ROQUE	

(Um grande arco-íris ao fundo e um lago; um cartaz com letras coloridas com os dizeres: Comunidade do Arco-Íris. Enfeites de balões e bandeirinhas de papel como para uma festa. A Sereia está recostada em uma das pedras do lago. Música. Ascende a luz).

SEREIA — (Olhando no espelho) Meu Deus, mas estou horrorosa, toda descabelada. (penteia o cabelo) Daqui a pouco a festa vai começar e eu ainda nem estou pronta.

BRUXA (entrando com um enorme chapéu e um xale colorido) – Bem, estou pronta! Mas, cadê o Mágico?

SEREIA – Deve estar terminando de escrever o discurso!

BRUXA – Será, mas já está na hora da festa começar! (grita) Mágico!

MÁGICO (entrando muito nervoso com a cartola na mão): O que é? (revirando os

bolsos) Onde é que está o meu discurso? (procura) Passei a noite toda escrevendo... Será que perdi? Ah, já sei! (remexendo na cartola) Está aqui dentro. (começa a tirar um lenço enorme que não para de sair)

BRUXA (ajudando o Mágico a puxar o lenço) – Nossa, que coisa mais atrapalhada!

SEREIA – Achou o discurso?

MÁGICO (puxando o lenço) – Ainda não... (começa a puxar outro lenço) Deve estar aqui...

BRUXA (impaciente) – Você não quer falar de improviso?

MÁGICO (puxando o lenço) – Você acha? Mas um discurso tão bonito... (puxa o lenço) Uma pena...

SEREIA – Você é bom no improviso! Você pode começar assim... Senhoras e Senhores, bom dia! Hoje está fazendo exatamente um ano que estamos morando aqui na Comunidade do Arco-Íris...

MÁGICO (tira o último lenço e coloca a cartola) – E faz exatamente um ano que nós cansamos de morar no Reino dos Homens e resolvemos mudar para cá. Eu, a Bruxa, a Sereia, o Roque, o Soldadinho e a Bailarina.

[...]

Fonte: <http://www.teatronaescola.com/>

4º Momento: Retextualização do gênero lenda para a peça teatral

- ✓ Solicite aos alunos que releiam as lendas e a partir delas produzam uma adaptação para peça teatral.
- ✓ Chame atenção da turma para o fato de que, nesta produção escrita, eles têm a tarefa de transformar um gênero em outro, destacando que as características, finalidades e escolhas linguísticas deverão ser realizadas considerando o gênero textual (peça teatral), e os interlocutores deste novo texto. Também é importante destacar que na retextualização os estudantes devem manter as informações do texto base.
- ✓ Solicite que o texto adaptado seja encenado em sala de aula e posteriormente para toda escola, por isso, encoraje os alunos a participarem das encenações, visto que, atividades como essas favorecem a socialização entre colegas, a expressão oral e corporal, além de exigirem que os estudantes decorem e interpretem falas.

4ª Proposta de retextualização

Da lenda para o conto moderno

Caro (a) professor (a),

Trabalharemos mais um texto do livro “Lendas e mitos do rio São Francisco 1501-2011”, da escritora juazeirense Bebela.

O texto “Rio São Francisco um rio de lágrimas”, narra a história do surgimento do rio São Francisco, que segundo a lenda, nasceu das lágrimas da índia Iraty.

Sugerimos que antes de trabalhar o texto, exiba o documentário “Documento Nordeste | As lendas do velho Chico”, disponível no YouTube, através do link (https://www.youtube.com/watch?v=FthE5Whl_z4).

Depois, converse com a turma sobre a importância dessas histórias, e como essas narrativas são contadas oralmente há anos por diferentes gerações, fazendo um resgate da cultura local.

É importante que os estudantes percebam nos depoimentos, o pertencimento das pessoas em relação à comunidade que está inserida.

Bom trabalho!

Texto base: Gênero lenda.

Retextualizando para o gênero: Conto.

Tempo estimado: 6 aulas (50 min).

Expectativas de Aprendizagem - Currículo de Português do Estado de Pernambuco:

- Reconhecer as partes estruturantes de uma narrativa (orientação, complicação, desfecho) e sua função;
- Identificar elementos da narrativa e seu papel na construção de sentidos para o texto: foco narrativo, espaço, tempo, enredo.

- Construir de forma adequada os elementos da narrativa – personagem, tipo de narrador, espaço, tempo, enredo – na produção de gêneros textuais tais como contos e textos ficcionais.

SUGESTÃO DE MATERIAL:

- Xerox dos textos;
- Data show;
- Computador;
- Pendrive;
- Caixa de som.

1º MOMENTO: Leitura do texto

- ✓ Entregue uma cópia do texto “Rio São Francisco um rio de lágrimas” para cada estudante e solicite que façam uma leitura individual e silenciosa.
- ✓ Solicite que um estudante, de forma voluntária, realize uma releitura para a turma.

Texto 9 – Lenda

Rio São Francisco um rio de lágrimas

Numa tribo que vivia lá perto da Serra da Canastra no planalto do Azagaia no estado de Minas Gerais havia uma Índia de rara beleza e muito querida por todos, seu nome era Iraty. Ela vivia com os pais e amigos e sempre feliz.

Cantava, dançava e cumpria todas as tarefas que sua mãe ordenava. Era uma indiazinha de um comportamento exemplar.

O tempo passou rápido e eis que a Índia Iraty cresceu e se transformou numa belíssima jovem e todos os índios da sua tribo se encantavam com sua beleza e seu comportamento, sua maneira de ser e todos disputavam o seu amor, mas a bela Iraty se apaixonou por um bravo Índio guerreiro de outra tribo, e com ele jurou um pacto de amor. Aconteceu que o bravo guerreiro partiu para longe, para uma perigosa batalha, e Iraty envolta em saudades, todas as tardes subia a Serra da Canastra e perto de uma poça d’água e bem no alto ficava a fitar o horizonte a

espera do seu grande amor. E nada... Luas e luas (meses e meses) e nada... Nem notícias. Mas numa tarde quente de outubro Iraty se pôs a esperar por seu amado e ao longe ouviu barulho e logo enxergou a volta dos índios guerreiros, amigos do seu amado, e um deles falou:

- Iraty, ele não voltou. Tombou bravamente em combate...

Iraty não pode conter as lágrimas e essas encheram aquela poça d'água que transbordou, virou riacho e as águas foram descendo... Descendo... E as lágrimas de Iraty nasceu um grande rio, que depois, a 4 de outubro de 1501, bravo navegante florentino (italiano).

Américo Vespúcio, o batizou de Rio São Francisco. O rio mais brasileiro que existe e como escreveu o poeta J. Antonio D' Avila: "que não podendo abraçar inteirinha toda a imensa e bela terra brasileira, se despedaça no estrondo de uma cachoeira".

Fonte: FIGUEIREDO, Maria Izabel Muniz. *Lendas e Mitos do Rio São Francisco*. Juazeiro-BA: Editora Eletrônica, 2011.

2º MOMENTO: Compreendendo a narrativa

- ✓ Depois da leitura da lenda, peça aos estudantes que identifique no texto alguns elementos da narrativa.
 - Enredo.
 - Personagens.
 - Tempo.
 - Ambiente.
 - Narrador.
- ✓ É importante lembrar aos estudantes, que a lenda é uma narrativa, e como tal, organiza-se a partir de alguns elementos da narrativa.

ELEMENTOS DA NARRATIVA

A narrativa

Para que exista a história, é necessário haver quem conta e o que contar.

Quem conta a história é o **narrador** e a narrativa apresenta:

- a) Uma sequência de fatos relacionados entre si (o enredo);
- b) Personagens (que vivenciam os fatos);
- c) O lugar onde os fatos ocorrem (espaço ou ambiente) (elemento opcional).



Fonte: <https://slideplayer.com.br/slide/2571688/>

3º MOMENTO: Compreendendo o gênero conto

- ✓ Peça aos alunos que façam a leitura individual e silenciosa do conto “Aconteceu na caatinga” de Clotilde Tavares.
- ✓ Depois faça uma leitura em voz alta para a turma.

Texto 10 – Conto

Aconteceu na caatinga

Era meio-dia e a caatinga brilhava à luz incandescente do Sol. O pequeno Calango deslizou rápido sobre o solo seco, cheio de gravetos e pedras, parando na frente do majestoso Mandacaru, que apontava para o céu seus espinhos, os grandes braços abertos em cruz.

- Mandacaru! Mandacaru! Eu vi os homens conversando lá adiante e eles estavam dizendo que, como a caatinga está muito seca e cor de cinza, vão trazer

do estrangeiro umas árvores que ficam sempre verdes quando crescem e estão sempre cheia de folhas.

- Mas que novidade é essa? – falou a Jurema.

- Coisa de gente besta – disse o Cardeiro, fazendo um muxoxo irritado e atirando espinhos para todo lado.

- Eu é que não acredito nessas novidades – sussurrou o pequeno e tímido Preá.

A velha Cobra, cheia de escamas de vidro e da idade do mundo, só fez balançar a cabeça de um lado para o outro e, como se achasse que não valia a pena falar, ficou em silêncio.

E no outro dia, bem cedinho, os homens já haviam plantado centenas de arvorezinhas muito agitadas, serelepes e faceiras, que falavam todas ao mesmo tempo na língua lá delas, reclamando de tudo: do Sol, da poeira, dos bichos e das plantas nativas, que elas achavam pobres, feias e espinhentas. Enquanto falavam, farfalhavam e balançavam os pequenos galhos, que iam crescendo, ganhando folhas e ficando cada vez mais fortes.

Enquanto isso, as plantas da caatinga, acostumadas a viver com pouca água, começaram a notar que essa água estava cada vez mais difícil de encontrar. As raízes do Mandacaru, da Jurema e do Cardeiro cavavam, cavavam e só encontravam a terra seca e esturricada.

O calango então se reuniu com os outros bichos e plantas para encontrar uma solução. E foi a velha Cobra quem matou a charada:

- Quem está causando a seca são essas plantinhas importadas e metidas a besta! Eu me arrastei por debaixo da terra e vi o que elas fazem: bebem toda a nossa água e não deixam nada para a gente.

- Oxente! – gritou o Calango. – Então vou contar isso aos homens e pedir uma solução.

Mas logo o Calango voltou, triste e decepcionado.

- Os homens não deram atenção – disse. – Falaram que eu não tenho instrução, não fiz universidade e que eu estou atrapalhando o progresso da caatinga.

E todos os bichos e plantas ficaram tristes, mas estavam com tanta sede que nem sequer puderam chorar: não havia água para fabricar as lágrimas. Por muitos

dias ficaram assim e quando estavam à beira da morte houve um movimento: era o Preá, que levantou o narizinho, farejou o ar e, esquecendo a timidez, gritou:

- Estou sentindo cheiro de água!

- É mesmo! – gritaram todos.

- O que será que aconteceu? – perguntou a Jurema.

- Eu vou ver o que foi – e o Calango saiu veloz, espalhando poeira para todos os lados.

O Mandacaru esticou os braços, espreguiçou-se e sorriu:

- Estou recebendo água de novo! Hum... É muito bom! Mas vejam! O Calango está de volta com novidades!

E espichando meio palmo de língua de fora, morto de cansado pela carreira, o Calango contou tudo.

- As pequenas bandidas verdes, depois de beber quase toda a água da caatinga, estavam ameaçando a água dos rios e dos açudes perto das cidades. Os homens então viram o perigo e deram fim a todas elas. Estamos salvos!

E todos ficaram alegres, sentindo a água subir pelas raízes. Olharam para o céu azul da caatinga, aquele céu claro, o Sol brilhante, olharam uns para os outros e viram que eram irmãos, na mesma natureza, no mesmo tempo, na mesma Terra.

E a velha Cobra, desenroscando-se toda lentamente, piscou o olho e concluiu:

- É como dizia minha avó: cada macaco no seu galho!

Adaptação do Conto de Clotilde Tavares, Nova Escola – edição especial, abril de 2007.

4º MOMENTO: Compreendendo a narrativa

- ✓ Trabalhe os elementos do conto, destacando:
 - Situação inicial;
 - Personagens;
 - Conflito da narrativa;
 - Espaço;
 - Narrador
 - Clímax;
 - Desfecho.

- ✓ Converse com a turma sobre cada elemento do conto, questione o que eles conhecem sobre cada um deles.
- ✓ Projete no quadro os elementos anteriores e instigue a turma a identificá-los dentro da narrativa.

VAMOS RECORDAR?

* **Introdução (ou apresentação)** – Constitui o início da história a ser narrada. Neste momento, o narrador apresenta os fatos iniciais, os personagens e, na maioria das vezes, o tempo e o espaço.

* **Complicação (ou desenvolvimento)** – Representa a parte em que se desenvolve o conflito. O conflito é o momento em que algo começa a acontecer, e nós, como leitores, ficamos surpresos à espera do que está por vir.

* **Clímax** – É o momento mais tenso da narrativa, pois tudo pode acontecer, podendo ser aquilo que esperávamos ou não.

* **Desfecho (ou conclusão)** – Revela o final da história, a solução para o conflito, sendo que este fim poderá ser de vários modos: triste, alegre, surpreendente, engraçado, e até mesmo... trágico!!!

Fonte: <https://escolakids.uol.com.br/portugues/conhecendo-as-caracteristicas-do-conto.htm>

Depois da leitura do conto, solicite aos alunos que realizem uma atividade de retextualização. Como seria a lenda usando personagens mais atuais? Peça aos estudantes que escreva uma nova versão, no gênero textual conto. Abuse da criatividade e faça as adaptações necessárias.

5ª Proposta de retextualização

Da lenda para o conto de encantamento

Texto base: Gênero lenda.

Retextualizando para o gênero: Conto de encantamento.

Tempo estimado: 6 aulas (50 min).

Série: 8º e 9º Ano.

Expectativas de Aprendizagem - Currículo de Português do Estado de Pernambuco:

- Identificar elementos da narrativa e seu papel na construção de sentidos para o texto: foco narrativo, espaço, tempo, enredo.
- Identificar as especificidades do gênero de um texto: seu objetivo comunicativo (propósito), seus interlocutores previstos e suas condições de produção.
- Produzir reconto a partir da lenda do Nego D'água.

SUGESTÃO DE MATERIAL:

- Xerox dos textos;
- Data show;
- Computador;
- Pendrive.

1º MOMENTO: Pré-leitura (Levantamento de hipóteses e inferências).

- ✓ Professor (a) faça os seguintes questionamentos aos alunos:
 - A partir do título “O Misterioso Nêgo d’Água”, levante hipóteses sobre que assunto será tratado no texto.
 - O que você entende por misterioso?
 - Você conhece outras histórias contadas na região com seres parecidos com o Nêgo d’Água? Se sim, conte-nos.

2º MOMENTO: Leitura da lenda

- ✓ Solicite aos estudantes:
 - Que realizem a leitura silenciosa do texto.
 - Faça a releitura, de forma voluntária, em voz alta.

Texto 11 - Lenda

O Misterioso Nêgo d'Água

Um monstro assombra as águas do Rio São Francisco.



Um ser de pele escura que em quase tudo se parece com um rapaz de corpo atlético. A cabeça é careca e as orelhas são pontudas. Os pés e as mãos têm garras afiadas e, entre os dedos, existem membranas, como as que gente vê nas patas dos animais anfíbios, como os sapos. Vive como um peixe, nos rios do Sertão Nordestino, do interior do Sudeste e do Centro-oeste. Para alguns é um protetor das águas. Para outros, uma terrível ameaça. O Negro D'água – ou Nêgo d'Água como é chamado pelos ribeirinhos – já foi visto por pescadores do rio São Francisco. Em outros lugares do Brasil, também é conhecido como “caboclo d'água”.

Dizem que gosta de gargalhar, solta uma risada forte e estridente que apavora quem estiver por perto. À vezes, se faz preguiçoso, esticando-se nas grandes pedras no meio do rio para tomar sol. Os pescadores não querem encontrá-lo de maneira nenhuma. Mas, sabendo que o encontro pode ser inevitável, previnem-se levando cachaça nas pequenas embarcações. Oferecem bebida para que o Nêgo d'Água não vire a jangada ou a canoa.

Essas barganhas, na verdade, de pouco adiantam, pois a brincadeira preferida dessa criatura é atormentar os seres humanos. O danado tira os peixes dos anzóis, parte as linhas, fura as redes e dá sustos em quem estiver nos barcos. Como se bastassem tantos malfeitos, gosta também aterrorizar as mães: tem o péssimo costume de carregar as crianças que tomam banho longe das margens.

Não se sabe exatamente como surgiu o Nêgo d'Água, apenas que ele mora no Velho Chico, junto com os peixes que ali vivem – o surubim, o dourado, o piau, o curimatã-pacu. Há quem garanta que ele (ou outros da espécie dele) já estava aqui muito antes da chegada dos colonizadores europeus. E o respeito por essa figura é tanto que, para representá-la, uma estátua com doze metros de altura foi colocada

no leito do São Francisco, próximo à cidade de Juazeiro, na Bahia.



Conta-se qualquer um pode ficar amigo do Nêgo d'Água e até pedir que lhe conceda favores usando os poderes sobrenaturais que tem. Mas para isso é preciso cortar uma das garras dele. A artimanha é flagrá-lo em um momento de distração, espichado sobre uma pedra, quase cochilando durante o banho de sol. Isso é o que dizem lá pelas bandas de Petrolina. Mas hoje em dia não se encontra ninguém com coragem suficiente para empreender essa façanha.

Contado por Roberto Beltrão / Ilustração: Fábio Rafael

Fonte: <<http://www.orecifeassombrado.com/assombracoes/o-misterioso-nego-daqua/>>

3º MOMENTO: Compreendendo o texto

- ✓ Professor, entregue os questionamentos abaixo para que os estudantes respondam individualmente:
- O que você pensou sobre a temática do texto a partir do título? Sua hipótese se confirmou após a leitura? Comente.
 - A partir das características do texto, a que gênero textual pertence à história lida?
 - Caracterize o Nêgo D'Água de acordo com o texto.
 - Em que lugares do Brasil a história é conhecida e quais nomes a personagem misteriosa recebe?
 - De acordo com o texto, que "brincadeiras" o Nêgo D'Água costumava fazer?

Prezado (a) professor (a)!

Esperamos que esse *Caderno Pedagógico* possa auxiliá-lo no trabalho com leitura e escrita no ambiente escolar, porém, nada impede que as atividades aqui sugeridas, sejam adaptadas ao contexto da sua sala de aula, pois entendemos que cada turma é uma realidade única, e ninguém melhor que o professor (a), para enxergar as dificuldades do seu aluno e usar as melhores estratégias para minimizá-la.

Em relação à avaliação das atividades realizadas pelos estudantes, o professor deve considerar a participação dos sujeitos durante todo o processo, observando:

- As respostas dadas aos questionamentos lançados;
- Exposição oral de opinião;
- Interação com colegas na execução de trabalhos em duplas e equipes;
- Produção escrita atendendo a proposta de retextualização;
- E cumprimento das expectativas de aprendizagens lançadas em cada atividade proposta.

Para a construção do *Caderno Pedagógico*, alguns estudos serviram de referências, dentre eles, destacamos as propostas de retextualização de gêneros textuais apresentadas por Dell'Isola (2007), os textos do livro "*Lendas e Mitos do rio São Francisco 1501-2011*" (2011), da professora e historiadora juazeirense Maria Izabel Muniz Figueiredo (Bebela), algumas orientações dos Parâmetros para a Educação Básica do Estado de Pernambuco (2012), e por último, as sugestões de propostas por Koche e Marinello (2015).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo o que discutimos e analisamos nesta pesquisa, confirmamos que a leitura e escrita são imprescindíveis para a formação de sujeitos críticos e atuantes no contexto que estão inseridos, assim sendo, cabe à escola preparar os seus estudantes para dominarem os textos que circulam na sociedade. E para que eles dominem essa competência, é necessário ter acesso ao ensino de qualidade que possibilite sanar as dificuldades apresentadas ao longo da formação escolar.

Nesse sentido, entendemos que os professores, principalmente os de língua portuguesa, são fundamentais para o desenvolvimento dessa competência, uma vez que, por meio de um trabalho sistematizado em sala de aula, há possibilidade de reverter os índices negativos apresentados pelas avaliações externas e internas.

A partir da realização desta pesquisa, desenvolvida na escola Estadual Núcleo de Moradores 06, localizada na zona rural do município de Petrolina – PE, percebemos que é possível fazer um trabalho de produção textual, com ênfase na retextualização escrita, no qual os alunos sejam encorajados a produzirem textos, com base em narrativas locais, consideradas fundamentais para rememorar a cultura da regional.

A análise dos dados nos demonstrou que, considerando as nove operações apresentadas por Marcuschi (2010), para realização do processo de retextualização, os estudantes utilizaram algumas delas, no entanto, essas foram usadas de forma elementar, por isso, é oportuno apresentar uma proposta de intervenção para o ensino de língua materna, com sugestões de atividades a serem desenvolvidas em sala de aula, visando minimizar as dificuldades apresentadas pelos estudantes nas produções textuais.

Assim, buscamos por meio de um *Caderno Pedagógico*, trazer sugestões de atividades, que possam ampliar o trabalho com a leitura e produção textual no ambiente escolar, pois entendemos que a mediação da aprendizagem, se feita de forma organizada, é crucial para auxiliar os estudantes na construção do conhecimento.

A pesquisa nos possibilitou, ainda, fazer uma reflexão da prática pedagógica desenvolvida na escola NM6, nos revelando que o professor colaborador está aberto a mudanças, pois se mostrou disposto a desenvolver atividades de leitura e produção, a partir do processo de retextualização, mesmo não apresentando

embasamento teórico que pudesse sustentar sua prática. Por isso, consideramos fundamental que ocorra formação continuada, possibilitando ao docente ter acesso ao conhecimento científico para uma prática transformadora.

Logo, entendemos que a mudança acontece, quando o professor assume o compromisso de oferecer melhores condições de aprendizagem para seus alunos e isso só será possível por meio de ações e reflexões contínuas sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

Brandão, Junito de Souza. **Mitologia grega**, vol. I. 26. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Avaliação Internacional** - Desempenho em leitura no Pisa ficou 80 pontos abaixo da média. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=42761>> Acesso em: 16 nov.2017.

BRASIL. SECADI-MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: A Secretaria, 2013.

_____. SEF-MEC. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: A Secretaria, 1998.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais**: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. 3. Ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola e agora?** Sociolinguística e educação. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

DELL'ISOLA, Regina L. Péret. **Retextualização de Gêneros Escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

Eliade, Mircea, 1907 1986. **O sagrado e o profano** / Mircea Eliade ; [tradução Rogério Fernandes]. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FIGUEIREDO, Maria Izabel Muniz. **Lendas e Mitos do Rio São Francisco**. Juazeiro-BA: Editora Eletrônica, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, João Wanderley. et al. (orgs.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Anglo, 2012.

KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. (org.); BENTES, Anna Christina (et al.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. 4 ed. São Paulo: Parábola, 2011.

KÖCHE, Vanilda Salton; MARINELLO, Adiane Fogali. **Gêneros textuais: práticas de leitura escrita e análise linguística**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

KOCH, Ingedori Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

_____, Ingedori Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

MARCUSHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12 ed. rev., ampl. E atual. São Paulo: Cultrix, 2013.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

Organizadora. ELIAS, Vanda Maria. LIVIA SUASSUNA. **Ensino da língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: Contexto, 2011.

PORTO, Márcia. **Um diálogo entre os gêneros textuais**. Curitiba: Aymará, 2009.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <http://migre.me/eqVxf>

SANTOS, Eliana Ferreira dos. **Atividades de letramento: a retextualização do gênero textual peça teatral no 8º ano do Ensino Fundamental**. 2016. 178 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras. 2016.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO. **Parâmetros para a Educação Básica do Estado de Pernambuco**. Secretaria de Educação, Recife: SE. 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE I – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA BEBELA



UFPG – UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES/CAMPUS CAJAZEIRAS–PB
PROFLETRAS – MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA BEBELA

Hoje nós vamos conhecer a professora Maria Izabel Muniz Figueiredo, mais conhecida como Bebelá. Professora, juazeirense, graduada em Letras/ Língua Inglesa e Especialização em Metodologia do Ensino Superior pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Especialização em Língua Inglesa. Bebelá é autora dos livros *Lendas e Mitos do rio São Francisco 1501 – 2011*, *Memória San-franciscana e outras histórias*, *Vale do São Francisco – Imagens e Histórias* e *Juazeiro de todas as artes*.

1. PESQUISADOR: Bebelá, depois de conhecermos um pouco sobre a sua história, gostaria de acrescentar algo, que foge um pouco do roteiro do que escrevi sobre você?

BEBELÁ

2. PESQUISADOR: Existe uma relação muito forte entre sua história e a região do Vale do São Francisco. Como você descreve essa relação?

BEBELÁ

3. PESQUISADOR: Percebemos que os títulos dos seus livros são voltados para o resgate de histórias, como surgiu esta paixão?

BEBELÁ

4. PESQUISADOR: Fale-nos um pouco sobre a construção do livro *“Lendas e Mitos do rio São Francisco 1501 – 2011”*.

BEBELÁ

5. PESQUISADOR: Você trabalhou em escolas públicas, particulares, universidades e foi secretária de Educação e Cultura de Juazeiro (BA). Quando você fez parte dessas instituições, de que forma as lendas e mitos foram trabalhados?

BEBELÁ

6. PESQUISADOR: Às margens do rio São Francisco, na cidade vizinha, Juazeiro (BA), tem a estátua que todos chamam de Nêgo d'Água. Poderia nos contar um pouco sobre a lenda desta estátua?

BEBELÁ

APÊNDICE II - REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA COLETA DE DADOS

Imagem 4 – Professores da escola NM-06 e Bebela



Imagem 5 – Estudantes do matutino durante entrevista com Bebela



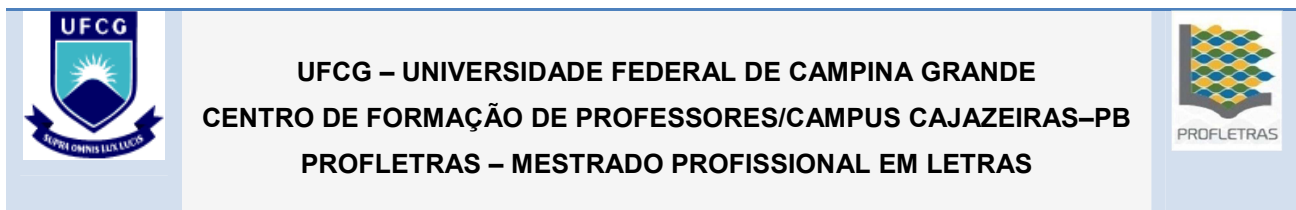
Imagem 6 – Aluna e Bebelá



Imagem 7 – Aluno e Bebelá



APÊNDICE III – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O PROFESSOR



ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O PROFESSOR COLABORADOR

FORMAÇÃO: _____

TEMPO DE SERVIÇO NA DOCÊNCIA: _____

ANO QUE LECIONA: _____

01. Com que frequência você costuma trabalhar a produção de textos escritos com seus alunos?

02. Como você trabalha a leitura e produção escrita em sala de aula? Justifique com exemplos.

03. Que concepção de língua e ensino norteia o seu fazer pedagógico? Fale um pouco sobre ela.

04. Você trabalha o processo de retextualização da escrita para a escrita em sala de aula? Se sim, como?

05. Há possibilidade de integração (articulação) entre sua disciplina e outras áreas do conhecimento a partir da leitura e produção escrita? Comente.

06. Ocorre de alguma forma articulação com outros professores, tendo como ferramenta os gêneros textuais?

07. Em sua opinião, o que poderia ser feito para melhorar o trabalho de produção textual em sala de aula?

08. Você poderia falar um pouco sobre a importância da escrita na formação do estudante?

09. Que aspectos você costuma observar na produção textual dos estudantes?

10. Existe formação continuada com orientações para o desenvolvimento de um trabalho com o texto escrito? Caso exista, como elas acontecem.

ANEXOS

ANEXO I - PARECER DE APROVAÇÃO EMITIDO PELO CEP/UFCG/CFP

UFCG - CENTRO DE
FORMAÇÃO DE
PROFESSORES - CAMPUS DE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PROJETO DE PESQUISA:RETEXTUALIZAÇÃO DE MITOS E LENDAS:CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA DOCENTE NO 8º E 9º ANO DO

Pesquisador: LEUDA FERNANDES FERREIRA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 92995018.4.0000.5575

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.786.428

Apresentação do Projeto:

O trabalho busca discutir práticas de retextualização de lendas em turmas do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, na rede pública de ensino. A investigação ocorrerá em Pernambuco, envolvendo, alunos e professores da referida série, bem como a escritora Maria Izabel Muniz Figueiredo.

Objetivo da Pesquisa:

Os investigadores delimitaram como objetivo primário:

Investigar e descrever as práticas de produção textual em turmas do 8º e 9º ano de escola pública de Petrolina - PE e o lugar ocupado nelas para o trabalho com a retextualização a partir dos gêneros textuais lendas e mitos.

Como objetivos secundários:

- Defender, à luz da concepção interativa de língua o processo da retextualização da escrita para a escrita enquanto ferramenta de trabalho com textos em sala de aula;
- Verificar e descrever como se dá o trabalho com o processamento do texto escrito em turmas do

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n

Bairro: Casas Populares

UF: PB

Município: CAJAZEIRAS

CEP: 58.900-000

Telefone: (83)3532-2075

E-mail: cep@cfp.ufcg.edu.br

**UFCG - CENTRO DE
FORMAÇÃO DE
PROFESSORES - CAMPUS DE**



Continuação do Parecer: 2.786.428

8º e 9º ano do Ensino Fundamental;

- Produzir material de apoio pedagógico para fins de formação continuada de professores com a temática da retextualização textual.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos são mínimos, de constrangimento e os benefícios da divulgação, em Cadernos Pedagógicos proporcionarão aos docentes ampliarem as possibilidades de uso do texto.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é relevante à mediada que visa discutir estratégias de superação das dificuldades na leitura e escrita vivenciadas por estudantes brasileiros, tendo como base avaliações internacionais. Diante disso, a investigação se propõe a utilizar a reescrita e a interdisciplinaridade a fim de contribuir para a formação de leitores e escritores críticos e, através destas habilidades, ampliem as possibilidades de acesso à informação disponibilizada na modalidade escrita.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os todos os termos foram apresentados conforme descreve a Resolução nº 466/2012, com cronograma exequível.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Recomendo aprovação do projeto pelo colegiado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_1099831.pdf	04/07/2018 23:25:58		Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	04/07/2018 23:22:55	LEUDA FERNANDES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DE_PESQUISA.docx	04/07/2018 23:06:35	LEUDA FERNANDES FERREIRA	Aceito
TCLE / Termos de	TCLE.docx	04/07/2018	LEUDA	Aceito

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n

Bairro: Casas Populares

CEP: 58.900-000

UF: PB

Município: CAJAZEIRAS

Telefone: (83)3532-2075

E-mail: cep@cfp.ufcg.edu.br

**UFCG - CENTRO DE
FORMAÇÃO DE
PROFESSORES - CAMPUS DE**



Continuação do Parecer: 2.766.428

Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	22:06:31	FERREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.docx	04/07/2018 21:55:54	LEUDA FERNANDES FERREIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	TERMO_DE_ANUENCIA.pdf	04/07/2018 13:15:28	LEUDA FERNANDES FERREIRA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	04/07/2018 13:11:27	LEUDA FERNANDES	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.docx	02/07/2018 17:57:55	LEUDA FERNANDES	Aceito
Outros	INSTRUMENTO3_RETEXTUALIZACAO.docx	02/07/2018 17:52:48	LEUDA FERNANDES	Aceito
Outros	INSTRUMENTO2_ENTREVISTA_PROFESSOR.docx	02/07/2018 17:52:13	LEUDA FERNANDES	Aceito
Outros	INSTRUMENTO1_ROTUIRO_ENTREVISTA.docx	02/07/2018 17:50:34	LEUDA FERNANDES	Aceito
Outros	TERMO_DIVULGACAO_RESULTADOS.pdf	02/07/2018 17:48:44	LEUDA FERNANDES	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMO_COMPROMISSO.pdf	02/07/2018 17:46:52	LEUDA FERNANDES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAJAZEIRAS, 26 de Julho de 2018

Assinado por:
Paulo Roberto de Medeiros
(Coordenador)

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n
Bairro: Casas Populares
UF: PB **Município:** CAJAZEIRAS

CEP: 58.900-000

Telefone: (83)3532-2075

E-mail: cep@cpf.ufcg.edu.br